



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
INSTITUTO DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA
DAS CIÊNCIAS**

IZAURA SANTIAGO DA CRUZ

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA BAHIA NAS PRIMEIRAS
DÉCADAS DO SÉCULO XX**

**Salvador
2017**

IZAURA SANTIAGO DA CRUZ

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA BAHIA NAS PRIMEIRAS
DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e Histórias das Ciências do Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Orientação da Prof^a. Dr^a. Heloisa Maria Bertol Domingues. Co-orientação da Prof^a Dr^a. Angela Maria Freire de Lima e Souza.

**SALVADOR
2017**

SIBI/UFBA

Cruz, Izauro Santiago da
Educação Sexual na Bahia nas primeiras décadas do século XX
/ Izauro Santiago da Cruz. -- Salvador, 2017.
184 f.

Orientadora: Heloísa Maria Bertol Domingues.

Coorientadora: Ângela Maria Freire de Lima e Souza.

Tese (Doutorado - Doutorado em ensino, filosofia e história das ciências) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física, 2017.

1. Educação sexual. 2. História da ciência. 3. Educação feminina. 4. Ensino de Ciências. I. Domingues, Heloísa Maria Bertol. II. Lima e Souza, Ângela Maria Freire de . III.

Título.

IZAURA SANTIAGO DA CRUZ

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA BAHIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XX**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana

Salvador, 30 de novembro de 2017.

Heloisa Maria Bertol Domingues - Orientadora
Doutora em História Social das Ciências pela Universidade de São Paulo – USP

Ângela Maria Freire de Lima e Souza – Co-Orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA

Maria Margaret Lopes
Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP

Christiane Maria Cruz de Souza
Doutora em História das Ciências pela Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA

Iole Macedo Vanin
Doutora em História pela Universidade Federal da Bahia – UFBA

À minha mãe, Oneide, pelo reencontro amoroso que a vida nos proporcionou nos últimos anos e que me fez refletir, através dos seus “ditos”, sobre como viver a vida e principalmente os afetos.

— Obrigada mãe!!!

E à minha netinha Estela, que trouxe beleza à minha vida, afinal de contas, depois de tanto tempo: **“Uhuuh!! It’s a girl!!! Finally”**
E me fez voltar a acreditar que esse mundo é realmente maravilhoso!!!

AGRADECIMENTOS

São muitos. E corro sempre o risco de esquecer alguém, por isso desde já, peço desculpas, mas aí vão:

A toda espiritualidade feminina que me acompanha e me dá forças para seguir sempre em frente: à mãe d'água presente nos rios e igarapés da minha terra; à Nossa Senhora de Nazaré presente nas minhas memórias do Círio de Nazaré e outras manifestações religiosas da minha Belém do Pará e a Oxum, deusa negra das águas doces, da beleza que conheci na Bahia, terra que escolhi para viver e amar!

À Professora Dr^a. Heloísa Domingues, por ter aceitado o desafio desta orientação meio “à distância” e em um tema tão desafiador. Agradeço pelo incentivo e apoio constantes, pelos valiosos debates na área da história que muito contribuíram para o meu amadurecimento como pesquisadora.

À Ângela, por estar presente mais uma vez neste meu momento de formação, sempre acreditando e apoiando o meu trabalho da melhor maneira possível. Obrigada pela parceria, pelas broncas e pelo afeto que sempre me estimularam a seguir a diante.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências Jonei Cerqueira Barbosa, André Luis Mattedi, Rosiléia Almeida, Marta Almeida, Marcus Cuetto, Moema Vergara, Charbel El-Hani, Cláudia Sepúlveda, Juan Manuel Sanches pelas trocas intelectuais que muito me ajudaram na construção deste trabalho. E um agradecimento especial à Prof^a Christiane Cruz, pelas valiosas indicações bibliográficas e de acervos documentais que recebi durante a sua disciplina e que se tornaram elementos centrais na minha pesquisa, além das excelentes contribuições no exame de qualificação.

À professora Dr^a. Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes por ter aceitado participar mais uma vez da minha banca examinadora e pelas enormes contribuições trazidas à minha vida acadêmica, especialmente no campo da Educação Sexual.

À professora Dr^a Maia Margaret Lopes por ter aceito participar da minha banca examinadora e pelas excelentes contribuições, que tenho certeza que vai trazer para o meu trabalho.

Aos funcionários da secretaria do PPGEFHC, pela atenção dispensada em todos os momentos.

À equipe do setor de obras raras da biblioteca Central dos Barris pelo apoio e atenção dispensados durante a pesquisa documental.

À professora Filomena Teixeira e toda a equipe da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, que me receberam de forma tão afetuosa e amiga, pela ocasião do Estágio Sanduíche. Meus sinceros agradecimentos.

Às estudantes do Curso de Educação Básica da ESEC pela participação nas oficinas desenvolvidas e pelo muito que aprendi sobre Portugal através das suas intervenções nas minhas atividades.

Aos meus colegas do PPGEFHC, Ana Clara Brito, Tatiana Simões, Virlene, Marsílvio, Murilena Almeida, Eliana, Márcio Nicory, Patrícia Petitinga, Vanessa

Santos, Marluce e tantos outros que transformaram o dia-a-dia das aulas em momentos valiosos de trocas intelectuais e afetivas.

Ao pessoal do CIGE: Amilde, Aldevina, Leopoldina, Márcia, Chico, Andrea, Monise pelas valiosas contribuições na pesquisa, mas principalmente pelo afeto e pela partilha amorosa que sempre me reenergizava.

Às professoras do PPGNEIM Márcia Macedo, Ana Alice Costa (in memoriam) e Cecília Sardenberg pelas valiosas contribuições teóricas nas discussões sobre o feminismo.

Às minhas amigas queridíssimas da vida toda que estiveram sempre presentes seja presencialmente, nos bate papos, acolhendo as minhas dúvidas, tristezas, alegrias e progressos, ou via zap, facebook, mas que sei que posso contar sempre: Naiaranize, Paula Latgé, Alessandra Neves, Adriane Prass, Sívia Fonseca, Luciana Souza, Luciane Hollanda, Rosana Zaidan, Cristianne Magalhães e Samara Oliveira.

À Louisa Huber pelas maravilhosas aulas de Qi Gong, que me ajudaram a aprender a respirar e a direcionar corretamente as minhas energias neste difícil processo do doutorado.

À Dr^a. Maria de Lurdes Aragão pela inestimável ajuda no meu processo de auto-conhecimento, pelos diálogos provocadores sobre a tese e pela escuta amorosa e sensível que tanto tem contribuído para o meu crescimento e amadurecimento pessoal ao longo de todos esses anos.

Ao meu pai Hildebrando (in memoriam) e aos meus irmãos Joselito, Augusto, Gilmar, Angelo, Armando, Airtton e Adilson, porque mesmo distantes geograficamente, eu sei que vocês sempre torceram por mim.

Ao meu filho Théo, o meu incansável companheiro, assistente de pesquisa, fotógrafo, massagista, tradutor, entre outras mil funções, que me acompanha nesta vida de pesquisa desde que retomei minha vida acadêmica, não por acaso, pouco antes dele nascer. A minha gratidão eterna, pelo seu suporte, que às vezes era somente uma presença, mas que sempre foi fundamental. – Filho! Se um dia eu decidisse “ir ao inferno” (e, de certa maneira eu fui) você seria (e foi) a minha melhor companhia. Te amo!

Ao meu filho Thiago, pelo “Inspira, respira, não pira!!!” E por ser sempre o meu raiozinho de sol nos momentos em que a escuridão tomava conta do processo, e eu pensava que não iria mais sair dela. Te amo filho!

Ao Paulo, por nunca ter me deixado desistir. E, parafraseando a ele mesmo: “pelo amor e pelas risadas”, porque “boas risadas” são fundamentais !!! Te amo sempre!

À minha nora Luiza Ferreira Campos, por ter me proporcionado a felicidade de ser avó, no meio desta loucura de doutorado, e ter me tornado imensamente mais feliz ao fazer o meu filho feliz!!!¹

¹ O conteúdo das afirmações, interpretações e proposições teóricas apresentado nesta tese é de inteira responsabilidade da autora.

Tempo Perdido

*Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo
Todos os dias antes de dormir
Lembro e esqueço como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder
Nosso suor sagrado
É bem mais belo que esse sangue amargo
E tão sério e selvagem
Selvagem, selvagem
Veja o sol dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega é da cor dos teus olhos
Castanhos
Então me abraça forte
Me diz mais uma vez que já estamos
Distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes acesas agora
O que foi escondido é o que se escondeu
E o que foi prometido, ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens
Tão jovens, tão jovens*

Renato Russo

CRUZ, Izaura Santiago da Cruz. Educação Sexual na Bahia nas primeiras décadas do século XX. 184 f. il. 2017. Tese (Doutorado) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador 2017.

RESUMO

O presente estudo tem como propósito apresentar as ideias sobre Educação Sexual difundidas na Bahia nas primeiras décadas do século XX (1900 a 1940) buscando situá-las no contexto da educação mais geral da época, na Bahia e no Brasil. Trata-se de uma pesquisa histórica a partir da perspectiva da História Cultural. O recorte histórico da pesquisa situa-se nas primeiras décadas do século XX compreendendo o período entre 1900 e 1940. A escolha do período se deu em função dos resultados de uma pesquisa exploratória realizada no arquivo de teses do Memorial da Faculdade de Medicina da UFBA, na qual foram localizadas duas teses abordando como tema específico, a Educação Sexual. Esses trabalhos foram apresentados respectivamente, pelo médico Raul Mendes de Castilho Brandão, no ano de 1910, tese intitulada “Breves Considerações sobre a Educação Sexual” e pela médica Ítala Silva de Oliveira, no ano de 1927, tese intitulada “Da Sexualidade e da Educação Sexual”. Estas duas obras compõem a primeira série de documentos analisada neste trabalho. Para situar o contexto de produção destes trabalhos realizamos uma pesquisa documental nos acervos da Biblioteca Central dos Barris (Salvador), do Arquivo Público do Estado da Bahia e do Instituto Feminino da Bahia, buscando localizar livros e/ou manuais que tratassem dos temas Educação Sexual, higiene sexual ou higiene do amor, de modo a relacionar ou indicar medidas relativas à sexualidade e ações educativas, fossem elas desenvolvidas na família, no ambiente escolar ou em outros espaços. Dessa forma foram selecionadas as seguintes obras, que compõem a segunda série de documentos desta pesquisa: “A conduta sexual” publicada em 1934, pelo médico Antônio Austregésilo; “A sexualidade perfeita: higiene dos sexos” publicada pelo médico e literato Hernani de Irajá em 1933; “A Educação Sexual”, publicada em 1934, pelo também médico José de Albuquerque. Durante a análise das teses de Ítala Oliveira e Raul Brandão, assim como dos outros autores brasileiros selecionados, percebemos grande influência das obras do médico Português Egas Moniz e do médico italiano Paolo de Mantegazza, cujas obras também serão apresentadas, com o intuito de contextualizar a produção de Ítala e Raul e que compuseram uma terceira série de documentos. Após a análise detalhada das duas teses, elegemos a tese de Ítala Oliveira como referência para estabelecer um diálogo com as ideias dos outros autores que tratavam do tema. O referido diálogo foi feito a partir de Programa de Educação Sexual, que organizamos a partir das proposições apresentadas na tese de Ítala. Desta forma, conseguimos delinear um quadro com as principais ideias sobre Educação Sexual que eram compartilhadas pelos autores que discutiam a temática naquele período. Eram elas: a educação das mulheres para o casamento e a maternidade; Educação Sexual para a equidade e respeito entre homens e mulheres (defendida principalmente por Ítala Oliveira); a reprodução como objetivo/função principal da relação sexual; medidas de higiene e cuidado com os órgãos genitais; Educação Sexual na infância – informações claras, controle e vigilância; Educação Sexual

na escola, utilizando a linguagem científica e vinculada às disciplinas de História Natural e posteriormente Ciências Naturais e Biologia.

Palavras-chave: educação sexual; história da ciência, educação feminina; ensino de ciências

CRUZ, Izaura Santiago da Cruz. Sex Education in Bahia in the first decades of the 20th century. 184 f. il. 2017. Thesis (Ph.D) – Institute of Physics, Federal University of Bahia, State University of Feira de Santana, Salvador, 2017.

ABSTRACT

The following study intends to showcase widespread ideas about sex education in the state of Bahia during the first half of the 20th century (1900-1940), relating them to the general context of education in Brazil. The period was chosen based on research on the UFBA (Federal University of Bahia) Medicine School files, where two theses about sexual education were found. They are Raul Mendes de Castilho Brandão's "Brief considerations regarding sexual education", in 1910, and Ítala Silva de Oliveira's "On Sexuality and sexual education" in 1927. To contextualize those works, we have performed a research on the Barris Central Library, the Public Files of the State of Bahia and the Feminine Institute of Bahia, trying to locate books or manuals regarding sexual education, sexual hygiene or love hygiene, in a way to characterize recommended sexual practices and education on the family, scholarly environments or in other places. Thus, the following works, which compose the second set of documents: Antônio Austregésilo's "The sexual behavior" (1934), Hernani de Irajá's "The perfect sexuality: on sexual hygiene" (1933), José de Albuquerque's "Sexual education" (1934). We have noticed a great influence of the Portuguese and Italian authors Egas Moniz and Paulo Mantegazza on Ítala and Raul's works, which will be shown as a third set of documents. After detailed analysis of the two theses, we have chosen Ítala's to dialog with other authors' ideas on the subject. Such dialog was done through a Sexual Education Program, organized through some of Ítala's postulates. Thus, we've been able to establish a schematic of the main ideas discussed by authors of the time, including: women's education for marriage and childbirth; sexual education as a means of equity between men and women (defended by Ítala); reproduction as the main objective of sexual intercourse; Genital care and Hygiene; Sexual education on children: clear informations, control and vigilance; Sexual education on school, using scientific language, related to natural sciences, natural history and biology.

Keywords: Sex education, history of science, feminine education, science education.

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO	14
I.1	INQUIETAÇÕES ACADÊMICAS E OPÇÃO PELO TEMA	14
I.2	O PROBLEMA E OS OBJETIVOS	20
I.3	A SELEÇÃO DAS FONTES E PERCURSO METODOLÓGICO	21
Cap.1	SEXO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL – IDEIAS FUNDAMENTAIS	28
1.1	DARWIN E AS IDEIAS SOBRE SEXO/SEXUALIDADE NO CAMPO DA BIOLOGIA	32
1.2	DISCURSOS DE MÉDICOS EUROPEUS SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL, EM CIRCULAÇÃO NA BAHIA NA PRIMEIRA REPÚBLICA	39
1.2.1	PAOLO MANTEGAZZA– IDEIAS E DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE SEXUALIDADE, CASAMENTO E PAPÉIS DE GÊNERO	39
1.2.2	EGAS-MONIZ E OS PRECEITOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E MORALIDADE	52
1.3	SIGMUND FREUD E AS IDEIAS SOBRE A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE	68
1.4	IDEIAS EM CIRCULAÇÃO NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	70
Cap. 2	RAUL BRANDÃO – EDUCAÇÃO SEXUAL, MORALIDADE E FAMÍLIA: UMA RESPOSTA ÀS “AMEAÇAS” DO FEMINISMO	75
2.1	A SEXUALIDADE PRECOCE – A CRIANÇA – A EDUCAÇÃO SEXUAL	77
2.2	PROPOSIÇÃO DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA MENINAS E MULHERES	82
2.3	EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A PRODUÇÃO DE UMA FAMÍLIA SAUDÁVEL: DA FORMAÇÃO SEXUAL DE RAPAZES E MOÇAS AO CONTROLE DOS CASAMENTOS	87
2.4	O EMBATE DE BRANDÃO COM O MOVIMENTO FEMINISTA DA ÉPOCA: A DEFESA DOS PAPÉIS FEMININOS TRADICIONAIS	90
Cap. 3	ÍTALA SILVA DE OLIVEIRA: DA SEXUALIDADE À EDUCAÇÃO SEXUAL	98
3.1	CONHECENDO O CORPO SEXUADO NA PERSPECTIVA CIENTÍFICA: ASPECTOS ANATÔMICOS E FISIOLÓGICOS DO SEXO	101
3.2	CLITÓRIS, HÍMEN E OUTROS ASPECTOS DA GENITÁLIA FEMININA: ENTRELAÇAMENTO DA BIOLOGIA E DA CULTURA NO TEXTO DA MÉDICA ÍTALA OLIVEIRA	107
Cap. 4	A DEFESA DA EDUCAÇÃO SEXUAL: A PROLIFERAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE, SE MATERIALIZANDO ATRAVÉS DE TEXTOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL	117
4.1	A SEXUALIDADE NO DISCURSO CIENTÍFICO	119
4.2	A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE UMA MÉDICA	123

	FEMINISTA	
4.3	A IMPORTÂNCIA DA COEDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA	131
4.4	A ABORDAGEM DO FEMINISMO NA TESE DE ÍTALA OLIVEIRA	133
4.5	UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL: PROPOSIÇÕES DE ÍTALA OLIVEIRA EM DIÁLOGO COM OUTROS AUTORES DA ÉPOCA	142
4.6	A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL	149
4.7	OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL	151
4.8	TEMAS A SEREM ABORDADOS	154
5.0	CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
	REFERÊNCIAS	177

I. INTRODUÇÃO

I.1 INQUIETAÇÕES ACADÊMICAS E A OPÇÃO PELO TEMA

A aproximação ao tema da Educação Sexual está intensamente ligada à minha trajetória profissional, inicialmente como professora de ciências trabalhando desde turmas de alfabetização até o ensino médio, e atualmente como professora universitária, atuando na formação de professoras e professores de ciências.

Logo nas minhas primeiras experiências como docente, percebi a motivação e o interesse das crianças e jovens por questões ligadas às vivências da sexualidade, desde as curiosidades acerca do seu corpo ou do seu ou da sua colega, mudanças ocorridas na mãe ou de outra mulher da família, durante a gravidez, até as dúvidas de adolescentes/adultos a respeito da primeira relação sexual, do tamanho do pênis, das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e dos métodos contraceptivos.

Como professora Licenciada em Ciências Biológicas, sabia que a minha formação acadêmica e a das/os minhas/meus colegas pouco contribuíra para a preparação neste campo. Aos poucos, fui entendendo a importância de me preparar para abordar esses temas com os e as estudantes. De uma coisa eu tinha a certeza e mantenho até hoje: como professora, não podia deixar de atender a esses anseios tão legítimos das crianças, adolescentes e pessoas adultas com as quais trabalhei mais tarde.

Comecei a perceber também que o lugar de professora de ciências e biologia me trazia a oportunidade, o desafio e a responsabilidade de tratar desses temas. Afinal, eu era e ainda sou percebida como a “voz da ciência”, por ser uma pessoa que estudou Biologia. E tudo o que eu falava com aquelas crianças e adolescentes, e hoje também com os/as jovens adultos/as com quem trabalho nos cursos de formação de professores/as, tinha e tem certo “quê” de autoridade científica e, portanto, era preciso preparação acadêmica, mas também sensibilidade e respeito para abordar a temática.

Depois de certo tempo de experiência docente, percebi que as dúvidas que me inquietavam e a constante demanda dos e das estudantes, mereciam um investimento acadêmico adequado. Comecei a procurar por cursos que me trouxessem essa formação, nos quais eu poderia explorar outra questão importante que me perseguia: Como é que os/as professores/as de ciências, respondem às questões sobre sexualidade trazidas pelos/as estudantes? Inicialmente entrei em contato com o Programa de Educação Sexual (PROEDSEX) do Instituto de biologia da UFBA, coordenado pela Prof^a Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes e através desse grupo iniciei a minha formação nesta área através de cursos de extensão que eram oferecidos pelo programa. Provocada pelas discussões nestes cursos de extensão, busquei um curso de Especialização em Sexualidade Humana no Rio de Janeiro, onde eu residia naquele momento, e iniciei meus estudos, sempre com a ideia de pesquisar sobre docentes de Ciências e Biologia e as discussões sobre sexualidade. O curso tratou a sexualidade sob a perspectiva da medicina, abordando questões sobre a saúde sexual e reprodutiva, e também as teorias sobre o desenvolvimento psíquico da sexualidade, marcadamente da teoria de Freud sobre o desenvolvimento da sexualidade. Foram, ainda, abordadas questões sobre a educação sexual. Mas, naquele momento estava afastada da sala de aula, e trabalhava com oficinas de sexualidade com grupos de adolescentes de um projeto social no qual foi inserido um grupo de jovens com surdez. Trabalhar com esses jovens constituiu um desafio e logo se transformou em meu objeto de investigação da monografia do curso de especialização “Sexualidade tem som? Vivências de adolescentes surdos” (CRUZ, 2003).

O trabalho com jovens surdos/as consistiu em uma investigação sobre as suas principais fontes de informação sobre sexo/sexualidade. Buscamos entender os mecanismos envolvidos na aprendizagem de informações referentes à sexualidade, prevenção de DST/AIDS e medidas contraceptivas entre os e as adolescentes, bem como aspectos pertinentes à sua vulnerabilidade nessas áreas. A pesquisa foi realizada com 36 jovens, alunos/as da Escola Estadual de Educação Especial Anne Sullivan, localizada no município de Niterói-RJ. Foram aplicados questionários fechados que continham dados sobre sexo, idade raça/etnia, religião e questões específicas sobre sexualidade.

A administração de questionários foi feita por mim, com o auxílio de professoras da escola, que atuavam como intérpretes. A faixa etária dos/as participantes foi de 14 a 21 anos. No caso dos/as menores de idade, foi feita uma consulta aos pais através de um formulário de autorização, no qual se esclareceram os objetivos da pesquisa.

Foram abordados temas como a iniciação sexual, o uso de preservativos e outros métodos contraceptivos, assim como questões específicas sobre a aquisição de informações relativas à sexualidade. Na análise dos resultados buscamos estabelecer um recorte de gênero para entender se havia diferenças significativas nas vivências de homens e mulheres. Os resultados apontaram para diferenças significativas entre os sexos, reproduzindo o padrão da sociedade de ouvintes em geral, o que demonstrou que mesmo privados de um canal de comunicação, os e as jovens com surdez manifestam os padrões da sociedade onde estão inseridos tanto em relação às práticas sexuais como aos papéis de gênero socialmente difundidos. Isso ficou bastante acentuado nas respostas sobre masturbação, nas quais 95% das jovens referiram nunca se ter masturbado, enquanto que entre os jovens, 70% relataram que se masturbavam às vezes. Essas respostas revelaram um padrão comum aos grupos de ouvintes. Em relação às informações sobre sexualidade, a maioria dos jovens do sexo masculino recebeu a primeira informação do pai, enquanto que as garotas a obtiveram através de livros e revistas. Os resultados demonstram, novamente, diferenças entre sexos. Entretanto, quando perguntados em relação às fontes atuais de informação sobre sexualidade, referiram os livros, revistas, vídeos e a escola, como principais. Também aludiram à televisão e aos/as amigos/as.

Como conclusões principais da pesquisa pudemos observar que os e as jovens com surdez têm poucos espaços para discutir e trocar experiências sobre sexualidade, ainda que tenham incorporado certas ideias e preconceitos sobre sexualidade e gênero, aprendidas, sobretudo, no ambiente familiar, no qual as dificuldades de comunicação e os tabus, são os maiores impedimentos. Outro aspecto que dificulta essas discussões é que as informações são geralmente veiculadas por ouvintes, tendo o/a intérprete como mediador/a, o que pode influenciar o modo como essas informações são disponibilizadas dado que muitos desses/as intérpretes pertencem a congregações religiosas. Desta forma, indicamos

que a melhor forma de desenvolver uma educação sexual adequada para jovens surdos/as seria através da formação de pessoas surdas que pudessem atuar como multiplicadoras.

Retornando a Salvador e ao trabalho como docente de ciências, senti-me inquietada novamente pelas questões sobre a abordagem da sexualidade por professoras/es de ciências. Retomei os meus contatos com o PROEDSEX e com o Grupo de Pesquisa em Filosofia e Gênero (GEFIGE) e aprofundi meus estudos sobre sexualidade, incluindo uma perspectiva de gênero. Logo em seguida, iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino Filosofia e História das Ciências – UFBA/UEFS e finalmente pude investigar essa temática dos “Dilemas enfrentados por docentes de Ciências na abordagem da sexualidade” (CRUZ, 2008). Neste trabalho, após a realização de um curso de extensão com 17 professoras e 1 professor de ciências das redes pública e privada de ensino de Salvador, realizámos 4 sessões de grupos focais abordando as seguintes temáticas: Concepções de sexualidade; Prazer; Percepções sobre gênero e orientação sexual; Concepções sobre ciência e sobre ensino de ciências; Ensino de ciências e Educação sexual. Após os grupos focais, foram selecionadas 6 professoras, com as quais foram realizadas entrevistas em profundidade. Além da transcrição dos grupos focais e das entrevistas, também foram analisados alguns materiais produzidos pelo/as professores/as durante o curso, como um acróstico construído a partir da palavra sexualidade. O objetivo principal do trabalho foi investigar como as/os professoras/es de ciências respondem às questões sobre sexualidade feitas por estudantes, visto que nos seus cursos de formação universitária esse tema não tinha sido abordado. As respostas do grupo convergiram para uma prática de educação sexual muito mais baseada em suas vivências particulares (como mães, a partir de suas crenças morais e religiosas) do que na sua formação acadêmico-científica.

Entretanto, aparece também no discurso das professoras entrevistadas, a ideia da sala de aula de Ciências como um espaço privilegiado para essas discussões. As docentes reforçaram muito a pertinência do uso da linguagem científica para falar sobre sexualidade, assim como a relevância dos conhecimentos científicos sobre o funcionamento do corpo no que se refere à sexualidade e à reprodução. Esses conhecimentos foram mencionados pelas professoras como

elementos importantes para a vivência de uma sexualidade mais autônoma por parte de adolescentes e jovens.

As professoras demonstraram, ainda, receio em abordar a Educação Sexual nas suas aulas devido às repercussões que poderiam surgir em relação às famílias com práticas religiosas ou mesmo argumentos morais que condenassem essas discussões no âmbito da escola, preferindo, assim, que fossem desenvolvidas pelas famílias.

Outro aspecto notado nas concepções das professoras foi a manutenção dos estereótipos de gênero, nos quais o homem aparece como provedor, aquele que tem responsabilidades, aquele que protege, enquanto que a mulher tem a sua identidade fortemente ligada à maternidade, à relação amorosa, à gestão das atividades domésticas, mesmo que nos dias atuais acumule também as exigências de bom desempenho profissional. Essas concepções parecem influenciar fortemente nas práticas de Educação Sexual desenvolvidas pelas professoras.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, o contato com o referencial teórico da área de ensino de ciências me fez conhecer um pouco sobre filosofia e história das ciências, e suas relações com o ensino de ciências. Além disso, pude aprofundar os meus estudos sobre as teorias feministas, que constituíram ferramentas essenciais para a compreensão tanto das ideias sobre sexualidade, quanto das práticas pedagógicas desenvolvidas por docentes de Ciências e Biologia.

A partir desses estudos, comecei a refletir sobre o lugar das pesquisas e discussões sobre sexualidade no campo do ensino de ciências. Em um dos capítulos da minha dissertação trago uma proposta de que esse “lugar” poderia ser o da abordagem contextual, que propõe a utilização de elementos da história, filosofia e sociologia da ciência para o ensino de ciências (MATHEWS, 1995). Tais reflexões, e também o meu interesse por estudar aspectos históricos relativos a ideias sobre Educação Sexual, particularmente aqueles referentes aos discursos da ciência sobre a sexualidade (LAQUEUR, 2001; ROHDEN, 2001; MARTIN, 2006; FOUCAULT, 2014) e suas possíveis implicações em práticas docentes contemporâneas (LOURO, 1997; LOURO, 1999; GIROUX, 2003; SILVA, 2013; SILVA, HALL, WOODWARD 2014;), me levaram a pensar sobre o contexto histórico da produção de ideias sobre Educação Sexual.

O fenômeno da sexualidade, da Educação Sexual não pode ser abordado de um ponto de vista exclusivamente biológico. É importante ressaltar que ele guarda relações com a sociologia, com a história, não ficando restrito somente às ciências biomédicas. Desta forma, o tema é entrelaçado por questões socioculturais, políticas e econômicas. Contudo, produzir um trabalho neste campo requer algumas escolhas tanto em relação às fontes quanto aos procedimentos de abordagem do tema. Neste sentido, a história social, fornece contribuições para ampliar os saberes sobre essa temática, pois prioriza a construção desses conhecimentos situada na dinâmica do social (BURKE, 2012).

Assim, buscar compreender as origens e, ao mesmo tempo, desmistificar as construções da ciência médica sobre a diferença sexual entre os corpos requer uma incursão em sua historicidade. Entretanto, não apenas em uma perspectiva linear-cronológica, mas resgatando a ação assim como os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos protagonistas desse processo histórico no seu contexto sociocultural.

As discussões contemporâneas sobre essa temática incluem desde as questões mais tradicionais como a iniciação sexual precoce, a gravidez na adolescência, a disponibilização de métodos contraceptivos e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST), até questões relativas ao uso do nome social e a violência sofrida por transexuais e transgêneros no ambiente escolar. Interessa-nos particularmente compreender através de uma perspectiva histórica, quais os impactos dos discursos médicos nestas práticas e debates contemporâneos principalmente aqueles reproduzidos por professores e professoras de ciências nas salas de aulas, visto que essas questões já vêm sendo investigadas desde o curso de mestrado.

Desta forma, a presente pesquisa dá continuidade aos meus estudos em relação à Educação Sexual, ideias científicas sobre sexualidade e suas construções ao longo da história.

1.2 O PROBLEMA E OS OBJETIVOS

A segunda metade do século XIX e as décadas iniciais do século XX foram marcadas pelo que Foucault (2014) chama de “uma proliferação de discursos sobre a sexualidade” convergindo discussões no campo da biologia, particularmente as teorias evolucionistas de Charles Darwin ao discutir a questão da origem do homem e da seleção sexual (DARWIN, 2004); da psicanálise, a partir da publicação dos trabalhos de Freud sobre o desenvolvimento da sexualidade, e da medicina, através das pesquisas sobre o corpo feminino e a reprodução. Autores como Tannahill (1983), Duby (1991), Hobsbawm (1998), Laqueur (2001), Ariès (2006), Del Priori (2008), Stearns (2010) trataram das questões da sexualidade ao longo da história descrevendo as mudanças ocorridas em diferentes contextos e, mais marcadamente nos dois últimos séculos, as influências da produção científica neste campo. Face a esse contexto, busquei refletir sobre como essas ideias foram incorporadas pela educação em forma de propostas de Educação Sexual; desse modo emergiu a necessidade de buscar respostas para a seguinte questão, que orienta a presente tese: Que ideias sobre Educação Sexual eram vigentes na Bahia nas primeiras décadas do século XX (1900 – 1940)?

Dada esta questão como central no estudo e buscando contextualizá-la em relação ao pensamento hegemônico científico da época em que os textos em análise foram produzidos, construí os objetivos da pesquisa, assim classificados e formulados:

Objetivo geral:

Analisar ideias difundidas em teses de medicina e manuais sobre Educação Sexual na Bahia no início do século XX (1900 a 1940) buscando situá-las no contexto da educação mais geral da época, na Bahia e no Brasil.

Objetivos específicos:

1. Caracterizar o contexto histórico em que surgiram as discussões sobre sexualidade, do ponto de vista científico, culminando com a difusão das primeiras ideias sobre Educação Sexual na Europa, no Brasil e na Bahia;
2. Identificar ideias sobre Educação Sexual presentes nas duas teses, sobre essa temática, encontradas no acervo de teses do memorial da Faculdade de Medicina da Bahia;
3. Identificar e analisar ideias sobre educação sexual difundidas em livros e manuais sobre Educação Sexual que eram divulgados na Bahia nas primeiras décadas do século XX, buscando compreender sua relação com os debates científicos da época.
4. Investigar aproximações entre ideias sobre Educação Sexual vigentes na época em estudos antropológicos e de medicina.
5. Relacionar as ideias sobre Educação Sexual, na Bahia nas primeiras décadas do século XX, ao contexto científico nacional e internacional;

1.3 A SELEÇÃO DAS FONTES E PERCURSO METODOLÓGICO

O recorte histórico da pesquisa situa-se nas primeiras décadas do século XX compreendendo o período entre 1900 e 1940. A escolha do período se deu em função dos resultados de uma pesquisa exploratória realizada no arquivo de teses do Memorial da Faculdade de Medicina da UFBA, na qual foram localizadas duas teses abordando como tema específico, a educação sexual. Esses trabalhos foram

apresentadas respectivamente, pelo médico Raul Mendes de Castilho Brandão, no ano de 1910, intitulada “Breves Considerações sobre a Educação Sexual” e pela médica Ítala Silva de Oliveira, no ano de 1927, intitulada “Da Sexualidade e da Educação Sexual”. Estas duas teses compõem a primeira série de documentos analisada neste trabalho. As narrativas produzidas a partir da análise desses escritos serão apresentadas nos capítulos 2 e 3 desta tese, respectivamente.

Com o objetivo de conhecer em que contexto esses trabalhos foram produzidas, optamos por investigar nos arquivos da Biblioteca Central do Estado da Bahia, localizada no bairro dos Barris, em Salvador (doravante chamada neste texto de Biblioteca dos Barris), e também no Arquivo Público Estadual da Bahia e na biblioteca do Instituto Feminino da Bahia, livros e/ou manuais que tratassem de temas como educação sexual, higiene sexual, higiene do amor. Interessavam-nos as obras que buscassem de alguma forma relacionar ou indicar medidas relativas à sexualidade e ações educativas, fossem elas desenvolvidas na família, no ambiente escolar ou em outros espaços. Outros critérios utilizados para selecionar as obras a serem analisadas, além de sua disponibilidade da obra nos acervos consultados, foram: a citação de autores nas duas teses analisadas; o envolvimento do autor com os debates sobre Educação Sexual, o que foi verificado através do número de obras publicadas sobre a temática. A biblioteca é significativa pois mostra o que se lia sobre o tema na Bahia.

Dessa forma foram selecionadas as seguintes obras, que compõem a segunda série de documentos desta pesquisa: “A conduta sexual” publicada em 1934, pelo médico Antônio Austregésilo; “A sexualidade perfeita: higiene dos sexos” publicada pelo médico e literato Hernani de Irajá em 1933; “A Educação Sexual”, publicada em 1934, pelo também médico José de Albuquerque.

Como atores de relevo na produção sobre Educação Sexual nas primeiras décadas do século XX, na Faculdade de Medicina da Bahia, se destacaram o médico Raul Mendes de Castilho Brandão e a médica Ítala Silva de Oliveira, que produziram teses doutorais com o tema da educação sexual nos anos de 1910 e 1927, respectivamente. Essa produção dialogou com outras obras no campo da educação sexual, tanto em nível nacional, com autores como Antônio Austregésilo, José de Albuquerque, Hernani de Irajá, como em nível internacional, com os escritos de Antônio Caetano Freire de Egas-Moniz e Paulo Mantegazza. As obras dos

autores internacionais (Paolo Mantegazza e Egas-Moniz) serão discutidas no capítulo 1, compondo um grande quadro das ideias sobre sexualidade e Educação Sexual, que circulavam no Brasil e na Europa na virada do século XX. Além disso, será feita uma análise das influências destes autores sobre as teses do médico Raul Brandão e da médica Ítala Oliveira. Os demais autores serão analisados no capítulo 4, de modo a compor um quadro mais geral das relações entre as ideias sobre Educação Sexual discutidas na Bahia, através das teses da Faculdade de Medicina e as discussões de autores nacionais sobre o mesmo tema. Além dos livros citados foram analisados os Boletins de Eugenia (periódico de circulação nacional, publicado pela Sociedade Eugénica, no Rio de Janeiro) do período de 1929 a 1933 e sua abordagem sobre Educação Sexual. Essa análise buscou entender como essas ideias circulavam e eram difundidas na comunidade médica.

As teses produzidas por Ítala e Raul podem ser observadas como o trabalho de indivíduos que sintetizam múltiplas vivências de diferentes espaços sociais. Destaque-se que Ítala foi uma personagem singular na medida em que empreendeu rupturas com os padrões sociais e culturais de seu tempo, por chegar a um lugar que, na época, era quase exclusivamente masculino, a Faculdade de Medicina. Sua trajetória pessoal e profissional foi marcada pelo engajamento nas causas feministas, notadamente a educação feminina (FREITAS, 2003; VANIN, 2008). No caso de Raul Brandão, infelizmente não foi possível localizar documentos ou outras fontes históricas que expressassem sua trajetória pessoal e profissional. Apesar disso, é possível inferir que ambos estavam situados em um ambiente intelectual no qual essas questões possuíam circularidade e emergência, confirmando a posição de Burke (2012) de que o conhecimento é sempre situado.

No campo epistemológico, o presente trabalho insere-se na perspectiva da História Cultural, a qual pressupõe a realização de uma articulação entre a estrutura social e a estrutura cultural, tomando-as como um conjunto de significações que se enunciam em discursos ou comportamentos aparentemente menos culturais. Dessa forma, os limites entre o cultural e o social são fortemente imbricados (CHARTIER, 1990).

A História Cultural produz “o deslocamento da suposição de uma racionalidade imutável para um interesse crescente nos valores defendidos por grupos particulares em locais e períodos específicos” (BURKE, 2003, p.8). Neste

sentido, a História Cultural que constitui um território preocupado com o simbólico e suas representações, prioriza a procura de significados, práticas ou representações que podem ser expressas em descrições ou narrativas (BURKE, 2003).

No que tange aos objetivos deste trabalho, que visa conhecer concepções sobre Educação Sexual vigentes na Bahia, nas primeiras décadas do século XX a História Cultural vai contribuir buscando desvendar o simbólico, a partir da análise do discurso.

Do ponto de vista teórico metodológico, a análise dos textos, feita com o propósito de compreender suas condições de produção, suscita a sua apreciação por meio de uma análise dos discursos expressos nos documentos. Como suporte teórico para tal análise recorre-se a perspectiva da História Cultural produzida por Michel Foucault sobre a construção de discursos sobre a sexualidade (FOUCAULT, 2006; 2012; 2014) como produtos de um dado contexto social e de um grupo social específico (médicos/as). A opção pela análise do discurso na perspectiva de Michel Foucault se deu em face da aproximação do autor com o tema através do seu estudo sobre a História da sexualidade, e também por sua concepção de discurso como uma produção regulada socialmente, como expresso no trecho a seguir:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2006 p.9)

Segundo Foucault o discurso nas sociedades é sempre controlado pelos chamados regimes de exclusão, dos quais o mais evidente é a interdição, que vai operar em relação aos discursos através de três elementos: o *tabu do objeto*, no qual a sexualidade se insere perfeitamente pois, em princípio, é um tema sobre o qual não se pode falar; o *ritual da circunstância*, que vai regular onde e como se pode falar sobre; e por fim o *direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala*, através do qual vão ser indicadas as pessoas autorizadas a falar sobre aquele tema (FOUCAULT, 2006).

O discurso médico, tanto nas teses, quanto nos livros, periódicos e manuais sobre sexualidade/Educação Sexual constitui um material cuja análise se adequa

perfeitamente a essa abordagem proposta por Foucault. Este autor, em sua narrativa histórica presente em suas produções: História da sexualidade Vol. I, II e III e História da loucura na idade clássica, propõe um método arqueológico no qual após a seleção de um determinado *corpus* composto por uma ou várias séries de documentos se busca definir uma história geral.

O problema que se apresenta – e que define a tarefa de uma história geral - é determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries; que sistema vertical podem formar; qual é, de umas às outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que séries, mas, que “séries de séries” – ou em outros termos, que “quadros” – é possível constituir (FOUCAULT, 2012 p.12)

Para Foucault o discurso é formado por certas *regularidades discursivas*. São elas: as *unidades do discurso*; as *formações discursivas* que se distinguem a partir das dominâncias. No caso dos discursos sobre Educação Sexual, em alguns discursos existe o predomínio dos argumentos científicos, enquanto que em outros sobressai o argumento moral. É fundamental correlacionar os contextos nos quais foram produzidos os discursos e a própria posição do sujeito, visto que o discurso de uma mulher, médica, sobre sexualidade/Educação Sexual, no início do século XX, não era recebido da mesma forma que o de um homem, médico, sobre o mesmo tema. Vanin (2008), em sua pesquisa sobre as mulheres na biomedicina baiana relata desafios enfrentados por essas mulheres, destacando que o acesso das mulheres aos cursos biomédicos não chega a produzir uma ruptura do poder masculino nesta área, mas produz uma reconfiguração no campo, acomodando a presença feminina em espaços e áreas de atuação restritas.

Dessa forma, para desvendar essas regularidades, permanências, distinções e dominâncias entre, e nos discursos, é necessário proceder a uma arqueologia, ou seja, escavar para ir aos poucos descobrindo as camadas do discurso e suas correlações com o contexto.

A descrição arqueológica proposta por Foucault busca estabelecer a regularidade dos enunciados. Para o qual se faz necessária uma “*descrição dos acontecimentos discursivos*” (Foucault, 2012 p.32) para buscar as unidades de

discurso e seus enunciados. Faz-se necessário compreender os enunciados e suas condições de produção, seus limites e suas relações com outros enunciados. Enfim, o que faz com que esse/s enunciado/s sejam escolhidos em detrimento de outros. Entretanto, é importante se dar conta de que “[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua e nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2012 p.34). Mas é a partir dos enunciados que podemos nos apropriar dos discursos e das verdades instituídas por eles em dado contexto.

Os enunciados foram captados a partir da análise das fontes, organizadas em séries, construídas a partir de uma incursão exploratória aos arquivos, conforme os seguintes critérios: a primeira série documental é composta pelas duas teses da Faculdade de Medicina da Bahia que abordam o tema da Educação Sexual; a segunda série de documentos é constituída por 3 livros sobre Educação Sexual produzidos por autores médicos de grande circulação nacional no período. A terceira série documental se constitui pelo livro “Vida Sexual” Vol. I e II, publicado pelo médico Antônio Caetano D’Abreu Freire de Egas Moniz a partir de sua tese de conclusão de curso (Vol.1) e da tese apresentada para docência na Universidade de Coimbra (Vol.II), publicadas em 1901 e 1902; também compõe esta série um conjunto de livros do médico italiano Paolo de Mantegazza (localizados na Biblioteca dos Barris). Estes documentos foram catalogados tendo como referência a citação destes autores (Egas-Moniz e Mantegazza) pelos médicos, tanto nas teses quanto nos livros e periódicos analisados nas séries de documentos anteriores.

Neste sentido, a narrativa empreendida neste trabalho visa recuperar, através dos enunciados presentes nos discursos de médicos sobre Educação Sexual nas primeiras décadas do século XX o processo de assimilação das ideias científicas sobre sexo/sexualidade e sua reprodução em forma de prescrições sobre Educação Sexual.

A presente pesquisa, no intuito de fornecer subsídios para a formação de educadores/as no campo da Educação Sexual, busca explicitar elementos presentes na sua constituição histórica na Bahia, estabelecendo relações com o contexto brasileiro e os principais autores de referência internacional, em circulação no Brasil, no período em estudo. No primeiro capítulo trataremos de algumas ideias fundamentais sobre sexo, sexualidade a partir das ideias de Darwin e Sigmund Freud e sobre Educação Sexual, a partir da visão dos médicos Egaz Moniz e Paolo

de Mantegazza. No segundo capítulo apresentamos a tese de Raul Brandão e suas proposições sobre Educação Sexual. No terceiro capítulo apresentamos a tese de Ítala Oliveira e sua fundamentação anátomo-fisiológica, indicando algumas proposições sobre Educação Sexual. No quarto capítulo apresentamos efetivamente a defesa de Ítala sobre a importância da Educação Sexual e um Programa de Educação Sexual que delineamos a partir das proposições da médica em diálogo com as posições de outros autores da época estabelecendo um quadro das principais ideias sobre Educação Sexual compartilhadas e difundidas naquele período. Por fim apresentamos nossas considerações finais buscando estabelecer alguns nexos entre os postulados disseminados no período analisado e algumas visões sobre o tema na contemporaneidade.

Cap. 1 SEXO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL – IDEIAS FUNDAMENTAIS

Segundo Foucault (2014) a palavra e a própria ideia de sexualidade surgem a partir do século XVIII. Antes disso havia somente o sexo, como distintivo biológico, e que nem mesmo tinha tanta importância, visto que a organização social se dava de acordo com os papéis sociais exercidos pelos indivíduos. Os casamentos eram estabelecidos de acordo com interesses econômicos e financeiros, baseados na troca de bens entre famílias, e em alianças entre povos.

Neste sentido, Tannahil (1983), destaca que a partir do momento (provavelmente no período neolítico) em que se iniciou o processo de sedentarização dos povos, com o advento da agricultura e a domesticação de animais, os homens começaram a observar seu processo de reprodução e perceberam que somente as fêmeas “cobertas” pelos machos produziam cria. Ao transpor essas conclusões para os seres humanos, intuíram que as mulheres necessitavam da contribuição dos homens para produção de descendentes. Tannahil (1983) analisa que, neste momento, que coincide com a posse de terras e de bens, origina-se o patriarcado e o controle sobre a sexualidade feminina, de modo a garantir que a herança dos bens esteja vinculada à descendência biológica legítima. Neste contexto, a divisão de tarefas e papéis sociais, presente em diversos grupos, vinculou as mulheres à casa ou ambiente privado, no qual, elas poderiam cuidar e proteger suas crias de modo a garantir a sua sobrevivência e a manutenção e reposição de membros no seu grupo ou clã. Ao homem eram destinadas as funções públicas, de comercializar produtos, mediar conflitos, ampliar e proteger as fronteiras de suas propriedades. Não havia, portanto, nenhuma preocupação com o sexo, além daquela referente à herança de bens, propriedade e títulos.

Em relação ao corpo e suas funções sexuais, até o final do século XVII, considerava-se que havia somente um corpo, com duas versões: a masculina, considerada perfeita e a feminina considerada imperfeita. Para tanto, utilizava-se como referência o modelo de sexo único, com órgãos semelhantes e análogos, em que o modelo feminino não dispunha de energia vital suficiente e por isso mantinha

seus órgãos no interior do corpo. Já o modelo masculino, externava sua potência e seus órgãos sexuais (LAQUEUR, 2001).

O processo de industrialização, iniciado no século XVIII e consolidado ao longo dos seguintes, provocou uma intensificação da ocupação das cidades. As populações concentradas nos centros urbanos organizaram-se sob a nova configuração familiar burguesa, caracterizada por uma maior intimidade, da qual participavam somente aquelas pessoas unidas por laços de consanguinidade (ARIÉS, 2006). Com a ocupação das cidades e um maior convívio social entre as famílias, as regras para convivialidade e sociabilidade tornaram-se necessárias para regular as interações e os fluxos de pessoas, mercadorias e do próprio conhecimento.

Nessas condições da modernidade, houve uma profunda alteração dos padrões comportamentais e da regulação dos valores aceitos e partilhados. Um elemento preponderante nestas mudanças foi o surgimento das grandes epidemias, que dizimaram populações inteiras. No intuito de criar medidas que pudessem evitar ou mesmo diminuir a contaminação por doenças começam a ser criadas normas de conduta, regras de cuidados com a casa, com o corpo e com os alimentos. O processo de industrialização exigia mão de obra saudável que pudesse contribuir para o desenvolvimento das nações, desta forma, toda energia deveria ser canalizada para produção de bens e para a reprodução da espécie, garantindo a mão de obra necessária para dar andamento ao processo produtivo.

A partir do século XIX, uma série de investigações da medicina acerca da reprodução e do funcionamento do corpo feminino, foram documentadas em teses das faculdades de medicina. Nesses textos, ficou patente o interesse de médicos e médicas em demarcar as diferenças entre os sexos, a partir do campo biológico. Este por sua vez fundamentou características morais ou psicológicas, compondo a ideia de determinismo. Assim, naquele momento, “o gênero parecia irremediavelmente colado ao sexo em sua única e invariável direção” (ROHDEN, 2001 p.12).

A partir dos títulos/temas de teses médicas apresentadas nas faculdades de medicina tanto do Rio de Janeiro, na pesquisa de Rohden (2001) quanto da Bahia (MEIRELES et al., 2004) na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, é possível notar uma forte preocupação com fenômenos relacionados

ao funcionamento do sistema reprodutor feminino, desde as mal formações, como os chamados “vícios de conformação da bacia”, passando pelas doenças que atingiam os órgãos reprodutores, até os fenômenos que ocorriam no corpo feminino e suas implicações na formação e desenvolvimento das crianças. Portanto, a vida reprodutiva das mulheres e os fenômenos a ela relacionados reafirmavam-se como objetos de interesse da medicina deste período. Dentre os assuntos de interesse, destacavam-se as complicações no parto e puerpério, episódios hemorrágicos e as eclampsias. Outro tema bastante recorrente eram os abortamentos, tanto aqueles provocados por doenças, quanto os espontâneos e até mesmo os casos em que o aborto seria indicado (ROHDEN, 2001; 2003). Um aspecto bastante discutido também, era masturbação em crianças e jovens, a iniciação sexual precoce e a higiene das escolas.

Dentre as mudanças ocorridas no decorrer do século XIX, Hobsbawm (1998) destaca as mudanças na condição feminina, particularmente das mulheres das camadas médias e de elite, caracterizada pela sua participação, mesmo em número ainda bastante restrito, em setores antes ocupados somente pelos homens tais como a ciência, a política, a medicina e a produção literária. Além disso, o mesmo autor também destaca algumas mudanças na vida das mulheres trabalhadoras. Na Bahia, as mulheres de elite recebiam alguma instrução no próprio ambiente doméstico, de modo informal, através de preceptoras ou mesmo de parentes. A imagem das mulheres confinadas em suas casas e sem acesso à instrução, fruto principalmente da observação de naturalistas e visitantes estrangeiros, não correspondia a realidade das mulheres de elite baianas (LEITE, 2001). Márcia Leite também desfaz o mito da submissão feminina total, destacando que as mulheres não só desenvolviam técnicas de insubordinação como também exerciam poder e autoridade, obviamente restritos ao espaço privado.

A partir da segunda metade do século XIX observou-se uma acentuada queda no número de filhos, acompanhada de uma redução da mortalidade infantil, nos países desenvolvidos. Essa alteração, denominada por Hobsbawm (1998, p.272) de “transição demográfica”, refletia uma mudança cultural em relação ao padrão familiar, o qual deixava transparecer a utilização de alguma forma de controle de natalidade, visto que a família burguesa priorizava a melhoria das condições econômicas e garantia de um futuro melhor para a descendência.

Entretanto, o processo de industrialização traz a separação da casa do local de trabalho, na medida em que o trabalho agrícola e artesanal, que contava com a participação das mulheres e crianças no ambiente doméstico, foi substituído pelo trabalho assalariado nas indústrias, que era executado principalmente pelos homens. O trabalho feminino era visto como complementar e por isso recebia pior remuneração. A participação feminina na remuneração da família passa a ser vista como sinônimo de pauperização. Se antes da era industrial algumas mulheres chegavam a participar da administração da propriedade e dos negócios, no século XIX essas eram atividades exclusivamente masculinas com exceção das classes mais baixas. Houve o que Hobsbawm (1998) denominou de “masculinização da economia”.

Com a expansão do sistema de educação primária, as mulheres das classes médias passaram a receber a educação o que lhes abriu a perspectiva de trabalho em escritórios, lojas. Além disso, a demanda nas escolas e a presença maior de meninas nas salas de aula possibilitou a atuação feminina na função docente. A profissão de professora, entre outras, que passaram a ser ocupadas pelas mulheres conferiram-lhes certa respeitabilidade social e também provocaram transformações em suas expectativas sociais (HOBBSAWM, 1998).

Em relação à emergência das discussões sobre sexo e sexualidade, que posteriormente vão comportar aquilo que se chamou, na virada do século XX, de Educação Sexual, autores como Rhoden (2001), Hobsbawn (1998) e Laqueur (2001) argumentam que esta questão resulta das transformações e disputas no campo social, sobretudo, aquelas decorrentes da revolução francesa em torno da conquista, exercício e usufruto de direitos sociais e individuais. Assim, destacavam-se as reivindicações específicas das mulheres por participação na esfera pública, como o acesso à educação e o direito ao voto entre outros. Esses elementos podem ter favorecido a emergência de discursos sobre a necessidade da Educação Sexual como mecanismo de controle e reafirmação dos papéis femininos tradicionais.

Deste modo, ressalta-se que desde o final do século XVIII, e mais marcadamente a partir do século XIX, esses discursos sobre a manutenção de papéis tradicionais haviam ganhado um aliado poderoso que eram os discursos biomédicos acerca da diferença sexual que forneciam suporte científico para essas posições. Afirmações sobre a conformação biológica feminina como adequada à

função da maternidade decerto influenciaram fortemente a ideia de uma educação sexual como preparação da mulher para sua função de mãe, como aparece em várias fontes que analisamos neste trabalho.

1.1. DARWIN E AS IDEIAS SOBRE SEXO/SEXUALIDADE NO CAMPO DA BIOLOGIA

Entendidas como um marco na História da Ciência, as ideias de Charles Darwin sobre a origem e a evolução das espécies difundidas a partir de 1859, com a publicação de seu livro “A Origem das Espécies”, foram amplamente discutidas no meio científico europeu do século XIX. Essas ideias causaram muita polêmica, principalmente por apresentarem um ponto de vista diferente do religioso acerca do surgimento e desenvolvimento das espécies de seres vivos na Terra.

Em seu segundo livro “A Origem do homem e a seleção sexual” essa polêmica se amplia, visto que Darwin fala mais detalhadamente sobre a origem dos seres humanos, apresentando a tese de que estes, assim como os demais seres vivos, compartilham um ancestral comum e também discutindo os mecanismos da seleção sexual entre os animais, incluindo os seres humanos. Pensando que essas ideias foram apresentadas em um ambiente bastante conservador, o da Inglaterra vitoriana, e marcado por uma forte expressão religiosa, falar sobre o surgimento da espécie humana incluindo aspectos referentes à sexualidade exigia um suporte muito consistente. Os conhecimentos dos naturalistas da época, entre eles o próprio Darwin, sobre o mundo natural e as associações feitas entre os comportamentos do homem e dos animais, incluindo este como parte do grupo dos animais, de certa forma, davam uma credibilidade científica às discussões sobre os comportamentos sexuais humanos descritos por este cientista. Não é à toa que no livro “A Origem do homem e a Seleção sexual” publicado em 1871, dos vinte e um capítulos, somente os três últimos tratam de questões relativas aos caracteres sexuais secundários de seres humanos, mais especificamente dos comportamentos relativos às escolhas sexuais (DARWIN, 2004).

Ao discutir a questão da seleção sexual, Charles Darwin toma como referência suas observações do mundo natural. Desta forma, indica que as diferenças entre machos e fêmeas de animais, no que se refere a características dos órgãos reprodutores, constituem os caracteres sexuais primários. Os caracteres sexuais secundários se referem a diferenças verificadas entre os sexos, que não estão relacionadas aos órgãos reprodutores, tais como tamanho, ornamentos, órgãos de ataque, hábitos alimentares, entre outros (DARWIN, 2004). A partir da observação destas diferenças entre machos e fêmeas da mesma espécie, Darwin apresenta a ideia de seleção sexual, que em suas próprias palavras seria “[...] tipo de seleção que eu chamei de *seleção sexual*, e que depende da vantagem que certos indivíduos tem sobre outros do mesmo sexo e espécie, relacionada exclusivamente com a reprodução (DARWIN, 2004 p.169).” Essa vantagem se expressa em uma prole mais numerosa, e que, portanto, vai garantir a perpetuação das características que promovem essa vantagem. Essas características poderão ser aprimoradas, ao longo do tempo, a partir desta mesma seleção sexual.

Após longa análise sobre aspectos da seleção sexual em diferentes grupos de animais, como insetos, crustáceos, aves, peixes, anfíbios entre outros, Darwin começa a analisar as características sexuais secundárias do homem buscando aplicar aos humanos os princípios da seleção sexual descritos para os outros grupos de animais.

Neste sentido, utiliza critérios de comparação como: altura, peso, massa muscular, distribuição de pelos e timbre da voz, destacando sempre a semelhança como os chamados “quadrúmanos” (DARWIN, 2004). Destaca também certos atributos relativos ao caráter, tais como: coragem, agressividade, energia e criatividade como sendo mais desenvolvidos nos homens.

Os caracteres adquiridos por seleção sexual foram posteriormente transmitidos para ambos os sexos, entretanto podem ter adquirido papéis diferentes no momento da escolha de parceiros ou parceiras para a reprodução, o que implica na perpetuação de alguns e na eliminação de outros, ao longo do tempo, como ilustra o trecho abaixo:

Não é provável que a força do homem tenha decorrido do fato de que seus ancestrais masculinos trabalhassem mais arduamente que os femininos para prover a sua própria subsistência e a de sua família, pois as mulheres, em todas as nações bárbaras, são compelidas a trabalhar ao menos tão duramente quanto os homens. Entre os civilizados, há tempos cessou o costume de lutar para conquistar esposas. Por outro lado, os homens, como regra geral, tem de trabalhar mais duramente que as mulheres para sua mútua subsistência, o que explicaria a conservação de sua maior força (DARWIN, 2004 p.495).

Em relação aos caracteres mentais, o autor dá destaque às características relacionadas ao cuidado e sobrevivência da prole, acentuando a função da maternidade:

A mulher parece diferir do homem quanto à disposição mental, principalmente no que se refere à ternura e à capacidade de se doar, que nelas são maiores. Isso ocorre inclusive entre os selvagens [...] A mulher, devido ao seu instinto materno, ostenta essas qualidades especialmente em relação a seus filhos, sendo natural que também as possua com relação às pessoas de quem gosta (DARWIN, 2004 p. 497).

Charles Darwin relaciona características consideradas femininas com o estágios mais antigos de civilização, ligando-as a características mais intuitivas das populações humanas, como pode ser notado no trecho abaixo:

É geralmente admitido que, entre as mulheres, certas capacidades, como a intuição, a percepção rápida e talvez a imitação, são mais fortemente marcadas que no homem, mas como ao menos algumas dessas faculdades são típicas de raças inferiores, cabe presumir que se refiram a um antigo estado inferior de civilização (DARWIN, 2004 p. 497).

Segundo Darwin (2004), existiriam diferenças intelectuais entre homens e mulheres de modo que o homem sempre atingiria melhor desempenho que a mulher. Para ilustrar seu argumento diz que se fosse feita uma relação de homens e mulheres que se destacaram em áreas como a literatura, as artes, a ciência e a filosofia o homem apresentaria supremacia. Citando Galton, em seu livro “O gênio hereditário” (DARWIN, 2004 p. 498), diz que se isso acontece na média, significa que a capacidade mental dos homens deve ser mesmo superior à das mulheres. Entretanto, não apresenta nenhum argumento biológico que sustente tais afirmações, se baseia apenas na estatística. Tampouco considera os elementos

socioculturais que poderiam explicar o distanciamento das mulheres do mundo do conhecimento, a exemplo de falta de acesso à educação formal e a sua destinação exclusiva ao mundo privado, além das próprias ideias recorrentes sobre suas capacidades intelectuais inferiores às dos homens e que associavam o uso da inteligência à esterilidade feminina (HUBBARD, 1993).

É interessante notar, que o médico Raul Mendes de Castilho Brandão, que será analisado à frente, em sua tese apresentada na Faculdade de Medicina da Bahia utiliza esse mesmo argumento para sustentar a ideia de que

[...] a capacidade da mulher, excludo aqui somente a maternidade... é inferior à do homem, desde os princípios do mundo, está provada não só antropologicamente, como praticamente, por meio da história e da observação dos fatos (BRANDÃO, 1910 p. 49).

Embora a tese de Brandão tenha sido apresentada em período posterior, e não faça referência diretamente à Darwin, é importante ressaltar o impacto dessas ideias em períodos e contextos culturais diversos.

Falando sobre as diferenças da capacidade mental entre os sexos, Darwin argumentava, que existia uma desigualdade entre ambos que só poderia ser superada se houvesse um investimento no sentido de que as mulheres fossem treinadas a desenvolver maior energia e perseverança em suas ações o que poderia levar geração para ocorrer. Pois mesmo com o acesso das mulheres à educação, certas habilidades que os homens já tinham desenvolvido naquele momento precisariam de um tempo maior para serem adquiridas por elas.

Tal pensamento, consonante com aquele veiculado em seu meio social da época, parece apresentar uma resistência a qualquer alteração, a curto prazo, dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, tendo como aval o argumento científico.

Ao tratar da seleção sexual, a partir da observação de outros grupos de animais e de inferências sobre o comportamento dos primeiros hominídeos, Darwin postulou que a seleção de fêmeas pelos machos é movida pela competição, através da qual estes lutam pelo acesso e/ou controle sobre as fêmeas ou sobre os recursos que as fêmeas precisam, tais como alimento ou território. Para o autor, isso se traduz tanto no nível das populações quanto no nível celular, no qual as células

reprodutoras masculinas (espermatozoides) são produzidas em grande quantidade e disputam a fecundação do ovócito.

Essa ideia de seleção sexual pela competição tem sido associada à sexualidade masculina pautada na competição e na agressividade, ou seja, os argumentos que Darwin apresentou vêm sendo utilizados de maneira inadequada, para pensar e até mesmo definir o comportamento sexual masculino ainda na contemporaneidade.

Já nas fêmeas, a seleção seria movida pela escolha dos genes mais saudáveis ou que apresentem melhor adaptação. O que, segundo o autor, também se traduz nas células reprodutoras, que são produzidas em menor quantidade, o que demanda uma maior capacidade seletiva, visto que as oportunidades de perpetuar seus genes são menores.

No trecho abaixo, fica clara a ideia de que a escolha das fêmeas se dá pela força e poder demonstrados pelos machos e a escolha destes se dá pela beleza:

Os homens mais fortes e poderosos – dotados de melhores armas e possuidores de propriedades, tais como muitos cães ou outros animais – terão sido mais bem sucedidos em criar maior número de descendentes que os membros da tribo mais fracos e mais pobres. Também não resta dúvida de que tais homens geralmente terão sido mais capazes de selecionar as mulheres mais atraentes (DARWIN, 2004 p.524).

Alguns desses argumentos foram assimilados e disseminados no senso comum, de modo a contribuírem decisivamente para a construção dos papéis de gênero, visto que é muito fácil encontrar no nosso cotidiano vários exemplos indicando que as mulheres devem ser valorizadas por seus atributos de beleza e habilidades de cuidado, enquanto que os homens devem ser valorizados pela força e grande capacidade reprodutiva. Tal situação nos faz pensar no impacto que essas ideias tiveram e ainda têm do ponto de vista da organização das sociedades humanas em relação a padrões de comportamento sexual que ainda hoje são esperados de homens e mulheres. Implicitamente, os modelos de Educação Sexual e a própria moral sexual trazem essa ideia, ao pregar uma maior liberdade sexual para homens (necessidade de espalhar seus genes para alcançar sucesso evolutivo) e uma conduta mais contida por parte das mulheres (que devem escolher bem os parceiros com quem vão reproduzir) para que não desperdicem seus óvulos,

que já são produzidos em um número menor que os espermatozoides, perpetuando genes inadequados e que não garantam um bom desempenho do indivíduo e da espécie.

É interessante notar que essas ideias de Darwin estão presentes também no discurso dos médicos – e de eugenistas – como Renato Khel, Antonio Austregésilo, José de Albuquerque, Paolo Mategazza e Egas Moniz, por exemplo, ao defenderem o controle da reprodução de pessoas com doenças hereditárias e também dos pobres, visto que os primeiros, por uma incapacidade orgânica e os outros por condição social, vão produzir descendentes que estarão em desvantagem na luta pela sobrevivência, reduzindo as possibilidades de manutenção da espécie. Assim, esses pressupostos darwinianos vão ser utilizados para sustentar os princípios da higiene e da ciência eugênica (STEPAN, 2005) do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

Ao explicar a seleção de parceiros entre os seres humanos, Darwin mais uma vez os relaciona com grupo mais próximos, como chimpanzés e bonobos, assim como faz analogias com comportamento de certas aves. Neste sentido, descreve várias formas de ornamentação do corpo utilizadas por homens e mulheres de diferentes culturas, como atrativo sexual (DARWIN, 2004).

Os machos utilizam a sedução através da exibição sexual em uma competição por oportunidades de acasalamento, enquanto que as fêmeas resistem a essa sedução em prol de selecionar os melhores genes. Desta forma, as ideias de Darwin sobre a sexualidade, na verdade estão muito mais atreladas a práticas sexuais compartilhadas por grupos de animais e voltadas para explicações sobre a herança de caracteres e manutenção das populações. As discussões do autor sobre comportamentos humanos são bastante sutis, e quando aparecem, sempre estabelecem vínculo com as ideias de sobrevivência e perpetuação das espécies.

Considerando o contexto social de uma Inglaterra vitoriana, e de grande influência religiosa, na qual os papéis de gênero eram atribuídos de maneira bastante rígida, é compreensível que Darwin também mantivesse suas conclusões sobre os comportamentos sexuais em consonância com esses modelos (DESMOND; MOORE, 2009).

Entretanto, é importante considerar que este cientista, por sua contribuição excepcional no que se refere à compreensão dos processos de surgimento, perpetuação e extinção de espécies no nosso planeta, possui uma enorme credibilidade em seus postulados. No caso dos comportamentos sexuais e suas possíveis explicações, seus postulados não foram relativizados ao longo do tempo e por vezes ainda são apresentadas como verdades na contemporaneidade.

Em um contexto histórico bastante particular, da segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, as ideias de Darwin são apropriadas pela biologia como um substrato que vai apoiar uma visão dicotômica sobre os sexos. Sobre essa apropriação, Dolores Moruno (2010) discute,

[...] eu optei por discutir neste artigo o que constitui a parte mais relevante e controversa da pesquisa de Mantegazza, que visa explicar o mecanismo do amor de forma científica, desafiando a concepção tradicional apoiada pela Igreja Católica sobre assuntos sexuais. Como mostro ao longo deste artigo, o trabalho de Mantegazza sobre o amor marcou a mudança do amor para a sexualidade, ou seja, o momento em que o antigo *ars amatoria* tornou-se um *scientia sexualis* (p.149 Tradução nossa).

Analisando a obra de Paolo Mantegazza, a autora aponta a visão da medicina do final do século XIX sobre sexualidade, na qual ocorre uma transformação significativa quando a ideia de amor é transformada em sexualidade. Com isso, perde-se o caráter religioso e moral dessa ideia que passa a incorporar conceitos científicos, marcadamente aqueles oriundos da teoria de Darwin sobre seleção natural e passa a ser gerida pelo discurso médico. Para corroborar esse pensamento de Mantegazza Moruno apresenta no trecho abaixo, as explicações do médico para o funcionamento das emoções:

Em contraste com a antiga linguagem das paixões e afetos que caracterizam a concepção teológica, Mantegazza compreendeu o prazer, dor, ódio e amor não apenas como sentimentos pertencentes à alma, mas sim como fenômenos com uma dimensão psicológica, resultante de um processo fisiológico mais complexo que ocorre no corpo humano. Além disso, este cientista italiano manteria uma abundante correspondência com Darwin de 1868 até 1875 em que ele expressou seu apoio entusiasmado para a teoria da seleção natural e, em particular, pela noção de variação, que foi descrita como um monumento sublime para a inteligência humana (MORUNO, 2010 p. 150-151, tradução nossa)

Dessa forma Mantegazza trouxe uma concepção inteiramente nova sexo/sexualidade incorporando aspectos da perspectiva científica até mesmo no entendimento dos sentimentos, buscando desvinculá-los de questões morais ligadas ao pensamento religioso da época.

1.2. DISCURSOS DE MÉDICOS EUROPEUS SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL, EM CIRCULAÇÃO NA BAHIA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

1.2.1. PAOLO MANTEGAZZA – ideias e divulgação de conhecimentos científicos sobre sexualidade, casamento e papéis de gênero.

Médico, antropólogo, poeta e romancista, Paolo de Mantegazza formou-se em medicina pela universidade de Piza, Milão e Pavia. Tornou-se antropólogo e ocupou a primeira cadeira de antropologia na Faculdade de Artes da Universidade de Florença. Fundou o Museu Italiano de Antropologia e Etnologia em 1869 e a revista “Archivio per l’Antropologia e l’Etnologia” (MORUNO, 2010). Foi também eleito senador da Itália. Este autor é na verdade uma referência de vários autores que tratam do tema da Educação Sexual na virada do século XIX para o XX, inclusive para o médico e a médica que apresentaram as teses sobre Educação Sexual na Faculdade de Medicina da Bahia, sendo citado em diversas obras. Seus livros foram traduzidos para o português e tiveram larga distribuição no Brasil.

As obras de Paolo Mantegazza circulavam entre médicos e estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMED) e também entre outros membros da intelectualidade baiana nas primeiras décadas do século XX. Citado como referência em duas teses sobre Educação Sexual apresentadas na FAMED, os livros de Mantegazza estavam largamente presentes no acervo de obras raras da Biblioteca dos Barris onde foram encontrados 17 exemplares de 13 obras desse autor. Todos são traduções portuguesas. Dois exemplares, “Fisiologia da mulher” e “O amor”, são referidos como doações de bibliotecas particulares, a primeira do médico Gonçalo

Moniz e a segunda do advogado Galdino Ribeiro. É possível perceber que as obras de Mantegazza eram lidas pelos intelectuais baianos, não somente da área médica, mas também da área do direito e provavelmente da literatura também. O número de obras deste autor presentes na biblioteca permite-nos inferir que o mesmo era bastante consultado na época, como já demonstrado, pela citação de suas obras nas teses de médicos e médicas do período. O fato desses livros encontrados no acervo serem traduções portuguesas, aponta para uma circulação de ideias sobre este tema no Brasil e também entre o Brasil e as nações europeias.

Do acervo da Biblioteca dos Barris, foram encontrados 11 livros deste autor que tratavam de temas referentes à sexualidade: **O problema do casamento arte de escolher esposa e a arte de escolher marido (1889)** (Neste mesmo livro, Mantegazza cita como um dos objetivos da Educação Sexual a preparação para o casamento, principalmente das moças, que, segundo o autor deveria ser feita pelas mães); **Physiologia do amor**, nesta obra não trata diretamente da Educação Sexual; **Physiologia do prazer** ganha destaque porque foi seu primeiro livro publicado quando ainda era estudante de medicina, em 1852 (SECRETO, 2005); do livro **A Higiene do amor** foram encontrados dois volumes um com data provável de publicação de 1877 e o segundo foi uma edição de 1903 neste livro, o autor defende uma Educação Sexual para a contenção dos impulsos, para postergação da atividade sexual e também para o combate ou controle da masturbação. O livro **Psycologia feminina – A proletária, a burguesa e a aristocrata** (1910) traz uma coletânea de contos com fundo moral sobre o papel da mulher como mãe e os papéis femininos como um todo. Outra obra encontrada foi o livro **Uma página de amor: Um dia na Madeira**, coletânea de textos literários na forma de cartas trocadas por amantes separados, William e Ema. Encontramos ainda as obras **Physiologia da mulher** (1900) sobre a biologia do corpo feminino, aspectos histórico geográficos e psicológicos das mulheres, da beleza, do sentimento religioso, do seu caráter moral, das características sexuais e finalmente, da maternidade como sua missão fundamental. Em **O amor: Paralipómenos** (1912), trata da moralidade amorosa, buscando estabelecer os padrões socialmente aceitáveis de comportamento masculino e feminino. No livro **Os caracteres humanos (1904)** Mantegazza analisa caracteres étnico-raciais, psicológicos, culturais e de personalidade. Por fim, em **A arte de ser feliz** (1910) produz um Ensaio filosófico e

moral falando da consciência, do bem e do mal, dos deveres e do código de honra de todo cidadão seus deveres para com a pátria e os outros.

Paolo Mantegazza é apresentado na folha de rosto de seus livros como médico, professor de antropologia e senador do reino da Itália. Tal apresentação denota que este personagem é dotado de significativo capital simbólico, social e cultural (BOURDIEU, 2011) que o distinguia dentre os membros da comunidade médica conferindo-lhe grande prestígio. Esse prestígio reforçou a importância de seu “lugar de fala” (FOUCAULT, 2006) e da enunciação de seu discurso (FOUCAULT, 2012), configurando uma posição de poder produtivo exercido por este autor que foi efetivamente materializado pelo seu exercício profissional e suas atividades culturais e políticas.

Ao fazer a leitura de algumas obras deste autor, é possível identificar certas características em seu discurso. Trata-se de um discurso de autoridade, conferida pelo seu status de médico e de cientista, que buscava descrever comportamentos sexuais a partir de relatos de pacientes e de outros membros da comunidade médica. Mantegazza buscava estabelecer uma isenção científica trazendo os relatos com uma riqueza de detalhes biológicos, mas praticamente desconsiderando os aspectos culturais. Tal atitude, aparentemente contraditória, visto que o mesmo realizava investigações de cunho antropológico sobre os diferentes povos e suas culturas, é condizente com o paradigma de produção científica de sua época, ou seja, uma produção científica refratária aos valores culturais. O médico, através de um escrutínio do relato de seus pacientes procura diferenciar comportamentos patológicos daqueles considerados normais pela cultura europeia do século XIX (CANGUILHEM, 2009). Assim, Mantegazza produzia um regime de verdade, fundamentado na categorização das práticas que poderiam ser consideradas aceitáveis e daquelas que deveriam ser excluídas a partir do olhar da ciência médica da época. Ao fazer isso, ele realizava a interdição de práticas como a masturbação, a homossexualidade e o próprio prazer feminino. E, deste modo, produziu e fez uso de uma moral fundamentada na ciência de sua época para a regulação do social e de suas práticas.

É interessante notar que a função de médico – *lugar de quem fala* – conforme categorias de interdição do discurso apresentadas por Foucault (2006), permite a Paolo Mantegazza estimular a proliferação de discursos de seus/suas pacientes no

intuito de trazer à tona suas práticas sexuais, suas dificuldades e mazelas. Assim o médico, “recolhe” esses discursos, não apenas com o intuito de acolher as dificuldades encontradas pelos/as paciente, mas como uma forma de controle e regulação das práticas sexuais segundo sua classificação em normais ou patológicas. Ao mesmo tempo, prescreve os comportamentos adequados, estabelecendo um modelo a ser seguido, o modelo da sexualidade saudável, que vai regular desde o momento e o/a parceiro/a ideal para a iniciação sexual até a frequência de relações sexuais que deve ser mantida para uma vida saudável e a produção de descendentes igualmente sãos. Nesta regulação, o autor enfatiza constantemente as diferenças entre homens e mulheres, tanto do ponto de vista biológico quanto dos papéis sociais e sexuais a serem exercidos.

Apesar de estar tratando de um tema cujos interditos sociais são extremos, Mantegaza, além de possuir autoridade para falar sobre o assunto, pois é médico, buscava sustentabilidade no discurso científico principalmente através da ideia de isenção científica. Os aspectos da moralidade, que perpassam o seu discurso, são justificados por “evidências científicas”. Isso ocorre principalmente em relação às diferenças de características entre homens e mulheres. Paolo Mantegazza é certamente um adepto do que Laqueur (2001) e Rohden (2001) denominam de “ciência da diferença”, produção médica a partir do século XVIII, que buscou evidenciar as diferenças biológicas entre homens e mulheres transformando o corpo humano, que era único, com duas versões – uma masculina e outra feminina – em dois corpos incomensuráveis e complementares. Essa nova representação do corpo refletiu diretamente as demandas culturais e sociais da época de modo a conformar e configurar os papéis de gênero.

Outro aspecto observado no texto deste médico é a constante associação da sexualidade feminina com o sofrimento, a dor e os padecimentos. Nesse sentido, a sexualidade não pode nunca ser vista como fonte de prazer para as mulheres, mas somente para os homens. A sexualidade feminina existe em função de atender as demandas masculinas e, principalmente, cumprir com a função biológica da reprodução. Dessa forma, concordamos com o argumento de Emily Martin (2006) de que no século XIX, juntamente com o advento da industrialização, o corpo feminino passa a ser pensado, nos textos médicos, como “fábrica de produzir crianças” sendo a menstruação vista como uma falha na produção e a menopausa como o

encerramento da produção. O discurso enunciado por Mantegazza se insere nesta perspectiva ao desconsiderar as possibilidades do prazer feminino ou mesmo a atividade sexual feminina em períodos não reprodutivos como a menopausa ou mesmo o próprio período menstrual.

Neste sentido, os textos de Mantegazza parecem afirmar certo modelo de sexualidade em detrimento de outras possibilidades, sem demonstrar nenhuma ruptura ou avanço mais expressivo em relação aos modelos defendidos na época: casamento monogâmico; combate à masturbação, admitindo para isso a “necessidade social” das prostitutas; controle estatal dos prostíbulos e casas de tolerância a fim de evitar a proliferação das doenças sexualmente transmissíveis (DST); estímulo à prática de esporte para combater tanto a masturbação, quanto os chamados excessos sexuais, que poderiam levar ao esgotamento físico e mental. O médico aponta também a importância da atuação das mães na Educação Sexual das filhas, preparando-as para exercer o papel de esposas, atendendo as necessidades dos maridos inclusive do ponto de vista sexual e da geração de filhos.

Outro aspecto bastante abordado pelo médico é a correlação entre características étnico-raciais e o comportamento sexual. As pessoas negras ou mulatas são frequentemente citadas como exemplos de sexualidade mais exacerbada, enquanto que as brancas são apresentadas como exemplo de amizade, de relações amorosas, profundas e duradouras. Del Priori (2011 p.46) ao discutir as relações íntimas no Brasil colônia, destaca esse mesmo tipo de estratificação na qual “[...] a misoginia racista da sociedade colonial classificava as mulheres não brancas como fáceis, alvos naturais de investidas sexuais, com quem se podia ir direto ao assunto sem causar melindres.”

Traços étnicos como o tipo e a cor do cabelo, formato da boca e do nariz são citados frequentemente para exemplificar essas correlações. No livro “O problema do casamento: arte de escolher esposa e arte de escolher marido” publicado em 1889, Mantegazza afirma que, se um homem deseja mulher sossegada deve escolher o seguinte biotipo:

[...] cabelos loiros, olhos azuis, nutrição bastante; olhar sereno, movimentos ingênuos, pouco ou nada de nervosismo; lábios pouco carnudos e nenhuma protuberância no lábio inferior; grande amor às crianças, sinal certo de um grande desenvolvimento do sentimento maternal, que é o freio mais poderoso do erotismo exagerado (MANTEGAZZA, 1889 p.76).

No mesmo texto, afirma que caso deseje uma mulher ardente deve buscar outra referência étnico-racial, pois “Encontrá-la-eis mais facilmente, se tiver cabelos e olhos pretos, a pele trigueira, os lábios carnudos e pubescentes, o corpo magro. Será neurótica, sensibilíssima, de caráter caprichoso; terá olhares de fogo e movimentos serpentinos.” (MANTEGAZZA, 1889 p.76). O médico demarca claramente o biotipo daquela que deve ser escolhida como esposa e mãe dos filhos – a mulher branca – e daquela que deve servir para os entretenimentos sexuais – a mulata. A mulher negra não é citada, pois o próprio autor relata que os leitores de seu livro não se casariam com uma mulher negra. Ainda segundo Del Priori (2011), o próprio escritor Gilberto Freire já havia assinalado essa mesma divisão ao se remeter a um dito popular da época colonial na qual as mulheres são divididas em: para casar (as brancas), para fazer sexo (pardas e mulatas) e para o trabalho (as negras). O que nos mostra que esses valores defendidos por Mantegazza também eram compartilhados pela sociedade brasileira.

Em outro trecho do mesmo livro, o autor se refere novamente às características étnico-raciais ao tratar das diferentes formas de amor dos homens indicando que os que amam de maneira mais tranquila e sossegada são loiros e de pele mais delicada (MANTEGAZZA 1889).

Nos seus livros que tratam mais especificamente da sexualidade, Mantegazza faz algumas prescrições, que embora não sejam denominadas especificamente como de Educação Sexual, podem ser entendidas como tal, visto que essas orientações são divulgadas em diversas obras buscando sempre estabelecer padrões de comportamento considerados adequados para a época. O fato de se tratar de um médico, inclusive envolvido no cenário político, o que era bastante comum à época, nos dá pistas do alcance de seu discurso entre a população, principalmente nas camadas letradas e, por conseguinte, com melhores condições econômicas.

Um dos temas mais frequentemente abordado é o casamento. Em seu livro **“O problema do casamento arte de escolher esposa e arte de escolher marido”**

(1898), encontrado no acervo da Biblioteca dos Barris, em Salvador, consta na folha de rosto que o mesmo foi adquirido através da compra de exemplares da biblioteca do médico baiano Gonçalo Moniz, no ano de 1940. Na mesma folha de rosto existe um carimbo da livraria Magalhães, o que sugere que o livro foi adquirido pelo médico em uma livraria da cidade, o que evidencia mais uma vez a circulação das obras de Mantegazza na Bahia.

No prefácio do livro o autor trata da necessidade do casamento como uma forma do homem aplacar o instinto sexual, sem precisar recorrer ao sexo pago ou a raptos. O casamento é a base da família e a única forma de união entre homem e mulher de modo a conservar a espécie e atender a moral social: “O casamento é, na nossa sociedade civil, o menos mau de todos os diversos modos de unir o homem e a mulher, em ordem à conservação da espécie (MANTEGAZZA, 1898, p.17)”. O médico destaca também que escreve para os estratos médios da sociedade, que tem acesso à leitura, mas que não estão submetidos aos casamentos arranjados pelas conveniências das grandes fortunas. Ainda, segundo o autor, existe uma estreita relação entre a moralidade de uma sociedade e o seu número de casamentos visto que, “Sem receio de errar, pode-se dizer que uma sociedade é tanto mais civilizada e moralizada, quanto maior é o número dos que se casam [...] (MANTEGAZZA, 1898 p.20)”. Na visão do autor, o casamento era fundamental para a moralização da sociedade, visto que estabelecia o lugar para as relações sexuais lícitas e a sua função que era a reprodução. Desta forma mantinha-se a estabilidade das relações sociais no que tange às práticas sexuais, extirpando do contexto daquela sociedade as práticas sexuais consideradas ilícitas ou perversões.

Ainda no livro sobre “O problema do casamento...” Mantegazza propõe uma Educação Sexual no sentido da escolha dos parceiros, apresentando alguns elementos importantes que deveriam orientar essa escolha: o homem deveria ser mais velho e mais experiente que a mulher, de modo que pudesse atuar como seu professor; a idade ideal no homem para o casamento seria entre 25 e 35 anos e na mulher seria entre 18 e 25 anos; era importante que o homem fosse o provedor material da família enquanto que a mulher deveria contribuir apenas com o dote; condenava o casamento entre homens muito mais velhos e mulheres jovens (Essa questão vai aparecer também na tese de Ítala Oliveira), assim como considera repugnantes os casamentos entre mulheres mais velhas e homens jovens. Essa

rejeição está relacionada ao fato dessas mulheres não estarem mais em período reprodutivo, o que faria com que essa união não cumprisse com o objetivo principal do casamento na época, que era a procriação.

Este médico buscava sempre destacar as dicotomias entre homens e mulheres como sendo de caráter natural e essencial para o bom funcionamento das instituições e da sociedade como um todo. Essa argumentação, segundo Laqueur (2001), produzida no contexto da filosofia iluminista tinha como base a ideia de utilizar a natureza biológica para justificar o domínio masculino na esfera pública, demarcando ainda mais a diferença sexual e estendendo-a ao campo das relações sociais, restringindo o lugar das mulheres ao espaço doméstico e a sua atuação às funções privadas. A ideia de utilizar os conhecimentos científicos sobre a anatomia e fisiologia como fundamento para designar e justificar as funções sociais de homens e mulheres, reside na máxima iluminista de que a razão deve guiar os desígnios humanos. Desta forma, a ciência biológica fornecia a racionalidade necessária para o novo modelo de sociedade e os lugares de homens e mulheres neste novo modelo.

Sobre os papéis de gênero no casamento, pregava sempre a harmonia entre o casal dizendo que para isso os homens deveriam escolher mulheres menos inteligentes, visto que, seria importante que o homem se sentisse superior intelectualmente (MANTEGAZZA, 1898). Assim, segundo o autor, as mulheres letradas seriam recusadas pelo seu pedantismo e consideradas “hermafroditas psicofísicas” (MANTEGAZZA, 1898). Essa caracterização das mulheres letradas pautada na dissociação entre intelectualidade e feminilidade, visto que as mulheres cultas eram vistas como “homens” do ponto de vista psíquico, era frequentemente ratificada no discurso de Mantegazza e de outros médicos da época, com o objetivo de manter a centralidade da vida feminina na maternidade e no gerenciamento da casa. Desta forma, garantia-se a separação entre as atividades públicas (realizadas pelos homens) e as privadas (atribuídas às mulheres) mantendo o caráter dicotômico e complementar dos papéis sociais de homens e mulheres.

Na parte de como escolher um marido Mantegazza apresenta os requisitos através de cartas trocadas entre uma jovem e seu pai, nas quais ele vai apresentando os tipos de marido, dando ênfase naqueles com profissões socialmente reconhecidas. Aconselha também a ser sempre sincera com o marido.

Apresenta um conjunto de histórias que ilustram os perigos das escolhas inadequadas de maridos feitas por moças inexperientes e que não levaram em conta os conselhos dos pais e familiares. Entre os conselhos do pai para a filha estão: estudar os instintos, e os costumes do noivo para não se deixar enganar e ter um marido tirano. Outra recomendação é a de não se deixar enganar pelas aparências, pois “marido pusilânime possui corpo másculo e alma feminina (MANTEGAZZA 1898, p.242).”

Nestas prescrições, o autor descreve o modelo do homem ideal a partir de referências da sociedade patriarcal, que é o referente para a configuração da família brasileira, predominante naquele período. Para tal, as características são do homem provedor, viril, másculo e socialmente privilegiado. Segundo Bourdieu (2005 p.33), as ideias do homem viril e da mulher feminina, fazem parte de um processo de incorporação da dominação a partir de uma construção simbólica que

[...] se completa e se realiza, em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática que impõe a *definição diferencial* dos usos legítimos dos corpos, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível, tudo o que caracteriza pertencer ao outro gênero – e em particular, todas as virtualidades biologicamente inscritas no “perverso polimorfo” que, se dermos crédito à Freud, toda criança é – para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina.

Desta forma, as características descritas por Mantegazza para o homem ideal, são forjadas para produzir os efeitos da dominação masculina sobre as mulheres, no campo do simbólico, com efeitos e resultados nas relações sociais e nas dinâmicas culturais.

Em relação à condição social, a prescrição é de manutenção do mesmo status social, pois “A condição social é o clima em que nascemos, e em que, ao nosso lado e conosco, não podem viver bem senão aqueles que nasceram debaixo do mesmo céu moral (MANTEGAZZA, 1898, p.287).” Ou seja, a condição socioeconômica determinava a moralidade. O autor dá destaque, também neste campo, para a complementaridade dos papéis masculinos e femininos no casamento: “Muitas riquezas são devidas à santa aliança da coragem do homem

com a economia da mulher, e da larga compreensão dos negócios com o minucioso estudo dos pormenores” (MANTEGAZZA 1898, p.294).

Em relação a uma possível profissão ou trabalho feminino, Mantegazza advogava que as mulheres deveriam se contentar com a sua projeção através da profissão dos esposos: “Muitas mulheres, que nos seus sonhos de criança desejavam ser doutoras ou irmãs de caridade, acham, ao desposar um médico, o meio indireto de realizar o seu generoso desiderato” (MANTEGAZZA 1898, p.307). Esse trecho do texto de Mantegazza aparece citado na tese do médico Raul Brandão, o que demonstra que essas ideias sobre papéis masculinos e femininos, principalmente em relação à separação entre as esferas do público e do privado, eram compartilhadas entre médicos europeus e brasileiros. Esta enunciação de Mantegazza é conformadora dos papéis sociais de homens e mulheres na sociedade patriarcal da época.

Mantegazza usa o termo fisiologia, em vários de seus livros, como por exemplo, *Fisiologia do Amor*, *Fisiologia da Mulher*, *Fisiologia do Prazer*. Gay apud Secreto (2005) indica que vários autores do século XIX utilizavam o termo para demarcar que sua abordagem seria dos componentes físicos da vida erótica. Parece-nos que este autor usa o termo fisiologia para explicitar a dinâmica de funcionamento de uma determinada estrutura, atividade ou até mesmo sentimento, como no caso do amor, tanto do ponto de vista físico, quanto sociocultural, já que o mesmo faz alusão às regras sociais e à moralidade da época.

Mantegazza era partidário da “ciência da diferença” (LAQUEUR, 2001; ROHDEN, 2001) e buscava sempre destacar aspectos da complementaridade das características psíquicas e emocionais de homens e mulheres, que se convertiam nos papéis desempenhados socialmente por ambos, como podemos ver no trecho abaixo:

O homem, por mais fraco e apaixonado que seja, não pode esquecer a missão de seu sexo que o constringe a atacar, a assaltar, a travar o combate que deve conduzi-lo à conquista. A mulher, ao contrário, se tem nascido um tanto *eunuca*, nenhuma necessidade tem de dar ao companheiro o menor combate; pode perfeitamente, se lhe apraz, renunciar à fadiga de volver os olhos para o amante ou de mover os lábios para lhe dizer um *sim*; basta que se deixe amar! (Physiologia do amor MANTEGAZZA, 1874 p.231)

Nesta perspectiva, se mantém a dicotomia na qual o homem está na posição de dominação e atividade e a mulher está sempre na posição de submissão e passividade (BOURDIEU, 2012).

Dentre as características que diferenciam homens e mulheres, o autor destaca a inteligência como atributo masculino e ressalta mais uma vez a submissão feminina. Nas suas palavras:

Em geral, a inteligência a mais robusta exerce uma influência maior, e, como o mais das vezes o homem tem o espírito mais forte do que o da mulher, esta se conforma mais facilmente com as ideias, com as teorias, com os gostos intelectuais dos homens (Physiologia do amor MANTEGAZZA, 1874 p.179).

Trabalhando sempre com as oposições este autor relata no texto que quando as características masculinas e femininas estão invertidas há indício de desordens que podem dar origem a monstros ou criminosos.

No aspecto moral, Mantegazza, como era comum aos homens da sua época, advogava uma dupla moral com a qual a sociedade julgava o comportamento de homens e mulheres, justificada a partir do que seriam características psicológicas inatas de cada sexo, sempre usando o sistema de oposições. Enquanto a “função” do homem é atacar, a da mulher é defender, mesmo que para isso tenha que esconder seu próprio desejo. Dessa forma, situações como a infidelidade, citada no trecho abaixo, são julgadas moralmente e também civilmente, de modo diferente em relação aos gêneros. Segundo o autor,

O pecado da infidelidade não é igual para Adão e para Eva; para esta é cem vezes maior. Perante a lei, perante os tribunais, todos são iguais. Ora, o homem e a mulher são muito diferentes um do outro para que possam ser igualmente punidos (Physiologia do amor MANTEGAZZA, 1874 p.304).

Essas diferenças de julgamento estavam pautadas em características biológicas diferenciadas, que eram essenciais para a reprodução manutenção da espécie.

O homem pela missão especial que o seu sexo lhe impõe, ataca a queimadura; pode, pois, ter necessidades orgânicas que a mulher ignora e que ele pode satisfazer com rapidez do relâmpago. Sem perder o amor, pode ter um capricho mais rápido do que um raio e que, extinto não deixa outro vestígio além de um punhado de cinzas (Physiologia do amor MANTEGAZZA, 1874 p.307-308).

A mulher, ao contrário, deve defender-se [...] A mulher, é verdade, pode também experimentar caprichos dos sentidos, mas são ligeiras nuvens essas que, apenas formadas, se dissolvem no profundo azul do céu, e não se tornam desejos ardentes senão quando a mão viril as estreita e condensa. Mesmo quando deseja, a mulher cala-se; mesmo quando quer, ela defende-se. Fraquíssima para o ataque, é formidável na defesa, e nela o *não* é capaz de deter uma falange de combatentes (Physiologia do amor – MANTEGAZZA, 1874 p.308).

Segundo Mantegazza, estas características seguem a lei da natureza e, portanto, não podem ser mudadas. Neste sentido:

A mulher que cede ao menor prurido amoroso é uma Messalina; O homem que lança as primeiras flechas do amor é um guerreiro que, com sensata prudência prepara as suas armas para a longa batalha que o aguarda. O homem começa com o *sim* e com o *quero* e a mulher com o *não* e com o *não quero* (Physiologia do amor - MANTEGAZZA, 1874 p.309).

A ênfase no papel de mãe e esposa dedicada à família é tão grande, que o médico destaca que as mulheres não usufruíam da amizade da mesma forma que os homens devido ao seu amor e dedicação ao parceiro. Neste sentido, “A mulher goza dos tesouros da amizade muito menos do que o homem, porque a formidável paixão do amor, que nela reina soberana do coração impede-a o mais das vezes de estimar uma amiga com todo ardor (Physiologia do prazer – MANTEGAZZA, 1854 p.50).”

Contemporâneo de Charles Darwin, Paolo Mantegazza, divulgava as ideias do naturalista em seus livros, particularmente aqueles referentes à seleção sexual, criticando algumas posições do autor, com quem chegou a trocar correspondência. Mantegazza é citado em “A origem do homem e a seleção sexual” na seção em que Darwin trata das modificações e adornos corporais utilizados por mulheres de tribos africanas como atrativo sexual (DARWIN, 2004). Mantegazza tinha muito interesse no comportamento humano e fazia investigações de caráter antropológico, que eram frequentemente descritas em suas publicações. Mesmo seus livros que abordavam

questões sobre sexualidade, apesar da ênfase nos conhecimentos anatômicos e fisiológicos, sempre incluíam questões culturais.

Paolo Mantegazza fazia uma divulgação do conhecimento científico sobre sexualidade em seus livros, de modo que este conhecimento pudesse ser popularizado entre as camadas médias e letradas da população. Seu interesse era divulgar o mais amplamente possível esses conhecimentos não restringindo-os à classe médica e à intelectualidade da época.

Ainda pensando no aspecto da divulgação científica nas obras do autor, concordamos com Moruno (2010) que considera o conceito de amor de Mantegazza como a raiz científica do conceito de sexualidade, lançando a pedra fundamental da medicina sexual moderna. Quando começou a escrever seu primeiro livro “A fisiologia do prazer” ainda como estudante de medicina, já demonstrava seu interesse pelo estudo das emoções. Seu objetivo era explicar que toda vida emocional tanto no homem como nos animais é baseada em 4 emoções, prazer, dor, ódio e amor. Mantegazza acreditava que a divulgação de conhecimentos científicos sobre sexo era importante para que as pessoas pudessem usufruir melhor dos prazeres da sexualidade. Apesar de concordarmos com essa visão da autora, ressaltamos que essa ideia de usufruir do prazer estava muito mais ligada à sexualidade masculina, visto que, como já comentamos, as ideias deste autor acerca da sexualidade feminina estavam muito mais vinculadas ao sofrimento, à resignação e à satisfação das necessidades do homem, pois, para ele, a gratificação máxima das mulheres era a maternidade.

Para Mantegazza, a ideia de amor estava ligada ao instinto sexual, e como tal, era uma força da natureza que, de acordo com o pensamento médico científico da época, precisava ser conhecida, medida e controlada. A ciência sexual de Mantegazza estava ligada a um projeto político e social de divulgação da higiene sexual como parte de um projeto de melhoramento da raça. Seu discurso era marcado pela ideia de progresso social e racial.

Na segunda metade do século XIX, a sociedade italiana e outras sociedades europeias vinham passando por mudanças, que se caracterizavam pela grande valorização do conhecimento científico, buscando romper com a hegemonia do pensamento religioso. A separação entre o Estado e a religião, assim como o fortalecimento do ensino laico eram iniciativas presentes naquele momento.

Mantegazza, como outros cientistas da sua época contribuíam para essas rupturas, e os conceitos darwinistas de seleção natural e posteriormente de seleção sexual, deram suporte às novas concepções sobre sexualidade que começavam a ser produzidas por eles naquele momento. Neste contexto, a obra de Paolo Mantegazza marca a transformação científica e cultural da ideia de sexo, antes restrito à função reprodutiva, em sexualidade, que passou a incorporar as questões relativas ao prazer sexual e suas diferentes manifestações (MORUNO, 2010).

A obra Paolo Mantegazza contribuiu sobremaneira para colocar em pauta as discussões sobre sexualidade e Educação Sexual, não somente nos círculos acadêmicos, mas também entre a população letrada da época. A ampla distribuição de seus livros, com traduções publicadas em Portugal e no Brasil nos mostra a larga extensão da difusão de suas ideias. Suas pesquisas no campo da antropologia e seu diálogo com grandes naturalistas de sua época tiveram como resultado uma obra vasta e com grande suporte científico. Entretanto, no que tange à Educação Sexual suas vinculações morais ainda são bastante presentes, principalmente em relação aos papéis das mulheres na sociedade. Outro aspecto bastante forte em seu discurso, é o uso de argumentos biológico para manter as hierarquias de gênero, raça e classe social, o que fica bastante evidente nas suas recomendações sobre as escolhas de casamento. Apesar do exposto, Mantegazza conserva o mérito de ter problematizado de maneira bastante clara a temática da sexualidade, que na época era considerada como um tabu quase que insuperável.

1.2.2. EGAS-MONIZ E OS PRECEITOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E MORALIDADE

Antonio Caetano de Abreu Egas-Moniz (1874-1955) era médico, formado pela Universidade de Coimbra, onde apresentou em 1901, a tese intitulada “A vida sexual” Vol.1 - Fisiologia e “A vida sexual” Vol.2 – Patologia, foi apresentado em 1902 em um concurso para professor da mesma universidade. Aprovado no concurso, em seguida passou a trabalhar como catedrático da mesma universidade (TOLEDO, 2015). Posteriormente especializou-se em medicina na França.

Trabalhou no campo da neurologia principalmente na área de angiografia cerebral e, posteriormente, da psiquiatria. A partir de 1911 foi professor da Universidade de Lisboa. Também ocupou diversos cargos políticos como o de deputado e de embaixador de Portugal na Espanha. Foi candidato ao prêmio Nobel de medicina por três vezes, em decorrência de seus trabalhos com a angiografia, porém só foi contemplado com o referido prêmio em 1949 pela invenção da leucotomia pré-frontal, técnica cirúrgica que consistia na retirada de uma pequena parte do cérebro, com o propósito de curar transtornos mentais graves (BERTOLOTE, 2015).

Mundialmente conhecido por seus estudos na área da neurologia e da psiquiatria, sendo esta última a área que se dedicou mais intensamente ao longo de sua carreira, Egas-Moniz também teve uma importante contribuição no campo da sexualidade, visto que sua tese “A Vida Sexual” publicada inicialmente em dois volumes, posteriormente unidos em uma única obra, foi amplamente difundida tanto em Portugal como no Brasil e bastante citada por estudiosos da sexualidade e educação sexual tanto em Portugal como no Brasil. Em Portugal, a obra teve 19 edições desde a publicação original em 1901, até 1933, quando a sua publicação foi proibida em consequências da imposição da ditadura militar no país (TOLEDO, 2015).

A primeira edição de “A Vida Sexual” Vol. 1 – Fisiologia está dividida em 8 capítulos: “Os órgãos sexuais”, “A puberdade a menstruação e a menopausa”, “O instinto sexual”, “O ato sexual – fecundação”, “A hereditariedade – origem dos sexos”, “A esterilidade artificial na mulher”, “A fecundação artificial na mulher”, “O casamento e a higiene da vida sexual”.

Fundamentação biológica para falar de sexualidade: o corpo feminino como lugar das instabilidades e incertezas

Egas-Moniz inicia sua obra tratando dos órgãos sexuais e em seguida passa a tratar dos fenômenos que marcam o início e o término da capacidade reprodutiva (menstruação e menopausa). A ênfase do autor é sobre o corpo feminino, que é objeto de escrutínio visto que é nele que ocorrem os fenômenos da fecundação, gestação, parto e amamentação que vão ser responsáveis pela geração da descendência. Tal responsabilidade exige controle, vigilância e disciplina. É preciso cuidar da saúde, manter a normalidade das funções reprodutivas, o bom

funcionamento do corpo e da mente, assim como o cumprimento das condutas morais.

O autor identificava a masculinidade e feminilidade a partir dos testículos e dos ovários: “São os testículos que caracterizam essencialmente o aparelho masculino, da mesma forma que os ovários caracterizam o órgão feminino (EGAS-MONIZ, 1901, p.17).” Essa forma de interpretação dos corpos foi proeminente na segunda metade do século XIX e no início do século XX. As características psicológicas e sociais foram creditadas aos ovários e testículos. Rohden (2001) e Martin (2006) citam que as cirurgias de extirpação de ovários eram muito utilizadas para controle de características sociais e comportamentos femininos considerados inadequados. Porém, o mesmo não acontecia aos homens, pois a extirpação de testículos só ocorria em situações extremas (doenças degenerativas graves) embora, os homens também pudessem apresentar comportamentos inadequados tais como o alcoolismo, a violência. Tal situação denotava um maior controle e intervenção no corpo feminino.

Egas-Moniz trata da função dos canais de Wolff e Muller no desenvolvimento das estruturas dos aparelhos reprodutores masculino e feminino, tanto na origem de órgãos internos quanto externos, destacando a origem comum das estruturas, que até certo estágio de desenvolvimento no qual não eram sexualmente diferenciadas. O autor vai narrando as transformações no corpo masculino e feminino, em paralelo, explicando como as estruturas que eram anteriormente comuns vão se distinguindo em cada um dos sexos. Ao descrever os órgãos reprodutores masculinos, trata o pênis como “órgão fecundador” e apresenta com detalhes, o mecanismo da ereção.

É interessante, que ao falar dos órgãos reprodutores femininos Moniz marca bem a diferença entre estes e os masculinos, entretanto ao falar do desenvolvimento embrionário, dá ênfase à origem comum e funções análogas desses órgãos nos corpos masculinos e femininos.

A primeira grande diferença é que a maioria dos órgãos femininos se encontra no interior da cavidade abdominal, ao contrário do sistema masculino no qual a maioria está externa. Neste momento, o autor cita Ribbing, médico sueco, autor de um tratado sobre “L’higyéne sexuelle et ses conséquences morales”, publicado em 1895, que relaciona a posição (mais interna) dos órgãos genitais femininos com a vida física e moral das mulheres, certamente associando a posição menos exposta dos órgãos a um certo recolhimento social por parte das mulheres.

Na descrição anatômica feita pelo autor dos órgãos reprodutores femininos, a vagina é apresentada como “destinada a receber o pênis durante a união sexual (EGAS-MONIZ, 1901, p.34)”, o que demarca o caráter heteronormativo das ideias do autor sobre relação sexual, bem como, que o mesmo não considerava, pelo menos não como lícitas, outras formas de relação sexual que não envolvesse penetração vaginal.

Egas-Moniz descreveu os diferentes tipos de hímen destacando a variedade de formatos e também a possibilidade da ausência congênita de hímen que podia ocorrer em algumas mulheres. Afirmava que a função biológica desta membrana, ainda era desconhecida, mas que sua função social era a de “guarda avançada da virgindade da mulher (EGAS-MONIZ, 1901, p.42)”. Moniz alertava também para os prejuízos da masturbação em relação ao hímen:

Muitas mulheres virgens, que se dedicam à perniciosa prática da masturbação, provocam um tal relaxamento no hímen e uma perda tão grande de tonicidade dos constritores (MARTINEU), que podem ser defloradas sem dor nem sangue (EGAS-MONIZ, 1901, p.43).

No trecho acima, o médico expressa claramente sua oposição à masturbação feminina, pois um fato que poderia ser considerado como positivo, o relaxamento dos músculos constritores, que evitaria a dor e o sangramento no momento da penetração, é considerado negativo exatamente por evitá-los. É possível perceber nestes trechos, semelhante às ideias expressas pelo médico italiano Paolo Mantegazza, que Moniz também relacionava a sexualidade feminina à ideia de sofrimento. A iniciação sexual precisava de perda de sangue e de dor.

Em relação ao clítoris, o médico faz toda a descrição anatômica, inclusive comparando algumas estruturas com as estruturas do pênis, mas não faz nem um comentário ou observação sobre o fato do clítoris ser um órgão cuja única função é o prazer sexual feminino.

Trata das glândulas mamárias, seios, nas mulheres que embora não façam parte do aparelho reprodutor, se relacionam fortemente com a reprodução visto que se desenvolvem durante a puberdade, início da vida sexual e reprodutiva e, segundo o autor, atrofiam na velhice (final da vida reprodutiva). Moniz faz uma descrição do

posicionamento das mamas nas mulheres, diferente de outros mamíferos, destacando sua posição como mais adequada para a amamentação.

O médico segue por algumas páginas falando sobre as variações dos seios, tanto nos períodos do desenvolvimento quanto em diferentes climas, e raças. Destacou a importância da amamentação estimulando o aleitamento feito pelas próprias mães, contrariando a prática cultural da época na qual se recorria às amas de leite. Neste sentido, apresentou argumentos de que a não utilização das mamas (para a amamentação) poderia causar, ao longo de sucessivas gerações, a atrofia das mamas (lei do uso e desuso), tornando-as semelhantes à dos homens. Esse trecho traz claramente a ideia de que as mulheres que não amamentavam, de certa forma se masculinizavam, reafirmando a maternidade como elemento constitutivo da feminilidade.

Egas-Moniz abre um capítulo específico para falar sobre puberdade, menstruação e menopausa, onde descreve os processos relativos à vida sexual no corpo feminino. Mais uma vez reiterando a maternidade como função máxima da existência feminina:

A mulher está intimamente ligada à maternidade: é essa a missão que tem a desempenhar, para ela deve viver desveladamente, para ela deve dirigir todas as suas atenções e todos os seus cuidados, pois a ela se subordina todo o seu organismo (EGAS-MONIZ, 1901, p. 62).

Ao destacar que o organismo feminino está subordinado à maternidade, Moniz reafirma o que de certa forma já vem apresentando no seu texto, ao descrever mais intensamente o corpo feminino, e mesmo ao incluir em um texto sobre órgãos sexuais nove páginas sobre as mamas e suas funções, o autor deixa clara a sua ideia sobre vinculação entre a sexualidade feminina e a maternidade, visto que não pode falar de uma sem a outra.

Ao falar sobre a puberdade feminina, demarca novamente a vinculação do corpo feminino com a maternidade citando um ginecologista que definiu a mulher como “um útero servido por órgãos”. Ao mesmo tempo, em relação ao homem, cita Bolnad, que diz que “o homem é uma inteligência servida por órgãos”, ou seja, a mulher vive em função do útero enquanto que o homem vive em função da

racionalidade. Estas citações ilustram bem a visão dicotômica que o médico revela, ao ligar a mulher ao biológico, à natureza e o homem à inteligência, à racionalidade.

Egas-Moniz fazia a defesa do modelo de sexo duplo , ou seja da separação dos corpos femininos e masculinos através das características biológicas, sustentado pelos conhecimentos científicos da época e buscando demonstrar que a conformação anatômica definia previamente os papéis sociais a serem desempenhados. Dessa forma, todo organismo feminino estava submetido ao útero, que comandava a função reprodutiva e ao mesmo tempo a função social das mulheres, nascidas para a maternidade (LAQUEUR, 2001 p.191-192). De outro lado, os homens eram comandados pelo intelecto e seu papel social estava relacionado com as ações de produção intelectual, controle e comando. Sua afetividade desde cedo era sufocada e sua sexualidade estimulada para dar conta de seu papel de reprodutor.

O autor fala também das transformações no corpo feminino, no período anterior à primeira menstruação, incluindo perturbações no sistema nervoso. Acerca disso, Engel (2008) discute as associações entre menstruação e alienação mental feitas por psiquiatras do século XIX. Nota-se no texto de Moniz, que o mesmo sempre relacionava questões do sistema sexual/reprodutivo feminino com o sistema nervoso, coisa que não ocorria quando falava sobre os mesmos sistemas nos homens.

A congestão ou excitação dos órgãos sexuais é sempre vista como algo que prejudique o corpo feminino e frequentemente relacionada com inflamações e outras doenças que acometem estes órgãos. Parece-nos que existe uma ideia de relacionar excitação e prazer sexual feminino a prejuízos nos órgãos reprodutores, acentuando a ideia de que não só as mulheres não necessitam deste prazer, como as formas de obtenção do mesmo poderiam causar problemas fisiológicos e comprometer a reprodução.

Esse discurso, deste e de outros médicos da época, tinha por objetivo sustentar a ideia de que durante a puberdade as meninas deveriam cuidar dos esforços físicos e das excitações desnecessárias para que não fossem prejudicadas em sua função principal que consistia na maternidade. Doenças nervosas como a histeria, foram frequentemente diagnosticadas neste período, como consequência dessas transformações físicas e emocionais pelas quais passava a mulher no

período da adolescência. Dessa forma, esses fenômenos biológicos acabavam dando sustentação “científica” a teses já referidas neste capítulo e referenciadas por Hubbard (1993), que desaconselhavam a educação feminina, principalmente na puberdade/adolescência, para que sua função reprodutiva não fosse prejudicada em função do esforço intelectual demandado pelos estudos. Assim, argumentos biológicos passam a sustentar modelos de organização social dos papéis de gênero.

A menstruação e a menopausa aparecem como fenômenos centrais na vida das mulheres, visto que marcavam o início e o fim da vida reprodutiva. Também considerava diferenças de “temperamento nervoso” entre as mulheres como influência da precocidade ou retardamento do aparecimento dos ciclos menstruais. O autor já relacionava a menstruação com a ovulação e mencionou diversas controvérsias de cientistas da época sobre a relação entre os fenômenos.

Tratava também das alterações na menstruação como as amenorreias (ausência de menstruação), citando causas, desde os estados nutricionais até a imperfuração do hímen ou aderência dos lábios vaginais, incluindo as perturbações emocionais. A ideia de citar tantos detalhes sobre a menstruação tinha por objetivo caracterizá-la como uma espécie de doença que incapacitava periodicamente as mulheres.

Ao falar da menopausa, referia-se ao período em que “a mulher torna-se inútil para a procriação (EGAS-MONIZ, 1901, p.94).” Tal fenômeno sofria as mesmas variações de faixa etária que a primeira menstruação. Moniz abordava também as perturbações orgânicas e psíquicas neste período. Finalizava dizendo que “a menopausa representa apenas em geral a morte da mulher para a sexualidade (EGAS-MONIZ, 1901, p.96).” Desta forma reforçava mais uma vez que a atividade sexual feminina vinculava-se a um propósito exclusivamente reprodutivo.

Em seguida o médico passa a tratar mais especificamente do instinto sexual. Cita Herbert Spencer para definir instinto como: “hábitos organizados hereditários; reflexos complicados que se põem em ação pelos excitantes exteriores (EGAS-MONIZ, 1901, p.98).” O instinto sexual foi considerado por Moniz como uma derivação do instinto de reprodução presente em outros animais e que por sua vez, originava-se do instinto de nutrição. Estabelecia as diferenças de manifestação do instinto sexual entre machos e fêmeas indicando que: “o macho é ativo e ardente na procura da fêmea, enquanto que esta é mais passiva e só segue ao desejo de seu

perseguidor depois de uma resistência mais ou menos longa, parecendo escolher entre os machos aquele que mais lhe agrada (EGAS-MONIZ, 1901, p.110).”

Outro aspecto citado reportava que “são sempre as fêmeas que retardam a realização da cópula (EGAS-MONIZ, 1901, p.110).” Desse modo, “O maior ardor do macho e a passividade relativa da fêmea são fatos biológicos inteiramente evidentes que podem explicar-se pelas diferenças somáticas dos dois indivíduos da espécie (EGAS-MONIZ, 1901, p.111).” Os trechos citados evidenciam uma transposição de aspectos dos padrões culturais da época vivida pelo autor para a interpretação do fenômeno da reprodução sexuada. E, simultaneamente, buscava na natureza fundamentos para definir um padrão de normalidade para os relacionamentos heterossexuais.

Segundo o autor, os desejos e as sensações percebidas pelos adolescentes da espécie humana, reproduziam as diferentes etapas do instinto reprodutivo durante o desenvolvimento genealógico dos seres vivos. Inicialmente descontrolado, que depois vai adquirindo maior controle e também inicialmente focado na masturbação e depois sendo substituído pela cópula, considerada pelo autor como desejo real e lícito. Considerava a castidade como uma violência contra as tendências naturais do instinto sexual. Após o casamento e a vinda dos filhos, segundo Moniz, o desejo sexual seria arrefecido e se transformaria em amor aos filhos. Ocorreria um ordenamento do amor.

No caso da mulher, a educação juntamente com as influências hereditárias produziam um pudor mais intenso e maior fidelidade e dedicação. Após a primeira experiência sexual (obviamente dentro do casamento) era invadida pelo sentimento de maternidade buscando proteger a prole. Enquanto isso o homem, também voltado para a descendência, buscava para ela uma posição social. Neste trecho, o autor citou o livro de Paolo Mantegazza, “A higiene do amor” para falar da correlação entre o funcionamento e a repleção das glândulas seminais e a necessidade sexual, visto que o médico italiano havia constatado a ausência de espermatozoides e atrofia de ovário em pacientes alienados que não manifestavam desejo sexual. Entretanto, Moniz contestou as correlações de Mantegazza por que já havia encontrado pacientes com atrofia de ovário e azoospermia que mantinham o desejo sexual.

A partir dos discursos acima descritos, Egas-Moniz tentou vincular o desejo sexual e a condição de desenvolvimento/funcionamento das glândulas sexuais.

Ao tratar do ato sexual propriamente dito, o médico afirma que o mesmo seria praticado por instinto sem necessidade de uma instrução específica para isso: “desde que os órgãos sexuais se ponham em contato realizam-se instintivamente os movimentos necessários, para o ato sexual ser levado a efeito (EGAS-MONIZ, 1901 p.146).” Ou seja, descartava a necessidade de orientação e aprendizagem para esta finalidade.

O médico relatou ainda que a excitação sexual masculina também poderia acontecer pela estimulação do reto e citou os casos de contaminação deste órgão por verminoses como os *oxiúros*, que poderiam levar a excitação excessiva em crianças, contribuindo para o hábito da masturbação. Além disso, o autor atribuiu a essa excitação, via estimulação do reto, uma das explicações para os caso de “pederastia passiva” (EGAS-MONIZ, 1901, p.153). Ao mencionar a ereção causada pela estimulação dos nervos lombares, citou Krafft Ebing, a respeito da ideia de que certos castigos nesta região poderiam provocar grande excitação e também estimular o hábito da masturbação. Reportou-se a relatos de alguns grupos religiosos, nos quais a prática da flagelação e da auto-flagelação era recorrente, em que foram mencionados distúrbios nervosos em decorrência desta prática. Moniz associava essa prática a origem dos fenômenos masoquistas e dizia que elas eram mais recorrentes nas mulheres.

Ao se referir a excitação feminina, Moniz iniciou dizendo que “A ereção tem muito menos importância na mulher (EGAS-MONIZ, 1901, p.164)”, visto que a ereção acontece basicamente no clítoris, órgão não relacionado a função reprodutiva. Destacou também a posição mais passiva das mulheres na relação sexual, na qual o homem seria o protagonista, inclusive nos movimentos a serem executados.

O autor diferenciou as zonas erógenas das mulheres virgens (que se concentravam mais no clítoris) e das mulheres defloradas (cujas zonas erógenas se deslocavam para o útero e a vagina, destacando que isso ocorria nas mulheres normais. Desta forma o autor já antecipava, que a excitação e satisfação sexual via estimulação do clítoris só seria permitida às mulheres que ainda não tivessem

iniciação sexual. E que, posteriormente a isso, esse tipo de manifestação seria considerada anormal.

A ideia de um deslocamento do prazer sexual feminino, do clítoris para a vagina e o útero, estava relacionada a uma mudança de foco na sexualidade feminina, esperada pelos médicos da época, que após o casamento (quando ocorreria a primeira relação sexual) deveria voltar-se para a maternidade e o cuidado com a descendência. Portanto, os locais do prazer seriam a vagina, onde ocorria a penetração em uma relação com fins reprodutivos, e o útero, onde seria gerado o produto da concepção.

Ao descrever a iniciação sexual feminina, o médico citou vários casos em que a penetração foi bastante dolorosa e violenta para as mulheres, causando frequentemente lesões físicas graves e traumas psicológicos bastante intensos que podiam culminar com a separação. Ressaltou que a maioria das mulheres somente conheceria o prazer sexual muito tempo após as primeiras relações, e que logo após o término da relação sexual seriam mais receptivas às relações repetidas do que os homens. Principalmente quando, após a ejaculação, o clítoris ainda estava ereto.

Egas-Moniz negava a existência de uma ejaculação feminina, mas considerava como um fenômeno correspondente, a passagem do óvulo através da trompa. Em seguida fez uma descrição bastante detalhada, para época, das alterações fisiológicas provocadas pela excitação e orgasmo femininos.

Sobre os aspectos fisiológicos da fecundação, Moniz apresentou diversas teorias contemporâneas a sua época sobre o deslocamento dos espermatozoides no corpo feminino. Neste sentido, descreveu tanto aquelas que destacavam a anatomia feminina como propícia (epitélio contendo células vibráteis, capilaridade dos órgãos, movimentos de “sucção” ocasionados pela diferença de pressão), como aquelas que destacavam o protagonismo dos espermatozoides, atribuindo o sucesso da fecundação à rapidez e agilidade de seus movimentos. E ao final se posicionou dizendo que acreditava que todos esses fatores concorriam para a fecundação.

Ao abordar a hereditariedade e a origem dos sexos mencionou a importância destas informações, que na sua concepção, incluíam também as “aptidões físicas, morais e mórbidas transmitidas integralmente (MONIZ, 1901, p.221).” Para tanto, apoiou-se em Herbert Spencer, Charles Darwin e Ernest Haeckel.

O médico foi tributário da teoria dos caracteres adquiridos, proposta por Lamarck e considerava que as teorias sobre a hereditriedade propostas naquele momento eram apenas hipotéticas, e que nenhuma possuía fundamentação suficiente para explicar de forma adequada esse fenômeno. Entretanto, destacava sempre o caráter hereditário de aspectos físicos, morais e patológico, como podemos observar no trecho abaixo:

Não nascemos livres. Aos atos de nossos ascendentes está preso o nosso destino, a eles estamos ligados por prisões que duram toda a nossa existência. Por fim desaparecemos, mas atrás de nós ficam as nossas qualidades físicas, morais e patológicas. Estas nunca morrem: são eternas (EGAS-MONIZ, 1901, p. 236).

Desta forma, o médico buscava integrar caracteres físicos a aspectos morais e as possíveis doenças adquiridas em um conjunto que tanto vai ser herdado, como transmitido às gerações posteriores. Tal concepção vai fundamentar um controle moral em relação aos comportamentos, bem como uma seleção de parceiros de modo que os vícios e doenças não fossem incorporados às famílias através dos casamentos. Esses argumentos fundamentavam a defesa dos exames pré-nupciais de modo a preservar as famílias e sua descendência. Esses exames incluíam não só a saúde física dos noivos, mas também os comportamentos morais deles/as e de seus familiares.

Moniz discutiu várias teorias sobre a determinação dos sexos porém, resumiu sua posição dizendo que até aquele momento nenhuma delas era conclusiva.

Em seguida passando a tratar da esterilidade artificial feminina, o autor referiu-se novamente ao instinto sexual como uma força irresistível que impele os seres à reprodução com fins de manutenção da espécie, mas ao mesmo tempo reconheceu que a discussão sobre a esterilidade artificial feminina implicava, não só aspectos biológicos, mas também sociais e políticos.

Desta forma o médico defendeu que a reprodução devia ser evitada em alguns casos:

Para bem da sociedade deve-se evitar-se, por todas as formas, a procriação entre indivíduos atacados de doenças graves transmissíveis. Serão a origem de elementos prejudicialíssimos ao progresso social, serão a causa de encargos inúteis para as nacionalidades e para as famílias, originarão verdadeiras neoplasias sociais tendentes a corromper o organismo a que se liguem (EGAS-MONIZ, 1901, p.270).

Mas, apesar de concordar com os inconvenientes da reprodução nessas situações, reconheceu o direito dos indivíduos ao prazer sexual, e a inevitabilidade do instinto sexual, passando a discutir as possibilidades e formas de evitar a concepção nestes tipos de relação. Dentre essas medidas, o autor só admitia como lícitas as práticas “neo-malthusianas”, visto que a castração e os chamados vícios ou desvios sexuais eram considerados como degradação moral. A outra situação em que o médico defendeu o uso dessas práticas foi no caso das famílias pobres, pois advogava que: “Tenham filhos os que podem educá-los e sustentá-los: os que pelas condições da vida e meios pecuniários podem dar-lhes elementos de robustez e torná-los aptos a serem prestáveis à sociedade (EGAS-MONIZ, 1901, p. 272).”

Em relação aos fatores que levariam à diminuição do contingente populacional, o autor apontava o feminismo e as reivindicações sobre o direito ao trabalho pelas mulheres pois, segundo sua lógica, a atuação das mulheres no mercado de trabalho e no campo intelectual prejudicaria o cuidado com as crianças, o aleitamento, repercutindo negativamente na saúde das crianças e contribuindo para o aumento da mortalidade infantil. Além disso, deixou claro que não confiava na atuação feminina em certas áreas profissionais pois, em suas palavras:

[...] dificilmente se pode admitir uma mulher-advogado defendendo uma causa em pleno estado de gravidez que, por vezes, traz alterações físicas e mesmo psíquicas importantíssimas, e igualmente não se pode compreender a mulher-política, e mesmo a mulher médica que teria de aleitar seu filho quando cuidasse de doenças contagiosas (EGAS-MONIZ, 1901, p.284).

E por fim o autor se declarou anti-feminista e reafirmou a maternidade como função social da mulher: “Sou contra o feminismo. A função da mulher é a maternidade: nenhuma outra preocupação a deve desviar do fim que, para o bem da espécie, lhe foi cuidadosamente confiado (EGAS MONIZ, 1901 p.284).”

Outro fator responsável pela queda da natalidade nas grandes cidades seria a prostituição e a desmoralização. A primeira atenderia as demandas sexuais masculinas sem implicar nas responsabilidades do casamento e da paternidade. E a segunda, seria personificada pelo autor na figura dos homossexuais que eram considerados: “[...] seres asquerosos que, sendo homens conduzem a máscara efeminada e repugnante do concorrente estéril e perverso se vão acentuando mais e mais como uma consequência lógica do estado doentio das populações (EGAS-MONIZ, 1910, p.285-286).”

O médico condenava a abstinência, por considerá-la antinatural e o coito interrompido porque este seria responsável por diversas perturbações nos órgãos sexuais femininos, como metrites, dismenorria e tumores uterinos. Nos homens a consequência principal seria neurastenia. Também condenava o uso de preservativos, pois além do constrangimento na hora da sua colocação, rompiam-se com facilidade.

A fecundação artificial foi apresentada sob a forma de tratamento para alguns casos de esterilidade natural. É interessante que, apesar de denominar o capítulo de fecundação artificial da mulher, o autor traz também as questões da infertilidade masculina. Dentre as causas para impotência masculina, Egas-Moniz traz a masturbação abusiva e os excessos sexuais. Apesar de mencionar também a infertilidade masculina, reitera que as causas da esterilidade feminina são mais importantes de serem conhecidas.

Os fatores da infertilidade feminina estavam sempre relacionados à doenças, malformações ou mesmo à idade. Através dos enunciados sobre esse tema presentes no texto de Moniz é possível perceber a ideia de que a sexualidade feminina estaria pautada no funcionamento anatômico e fisiológico de seu corpo enquanto que a masculina (devido a necessidade da ereção) estaria mais sujeita a impactos psíquicos e emocionais.

O médico descreveu detalhadamente diversos problemas anatômicos e fisiológicos que poderiam acarretar na esterilidade feminina e comentou os procedimentos ou tratamentos necessários à correção destes estados. O número de “casos” descritos pelo médico dá conta do nível de conhecimento acumulado naquele período sobre o corpo feminino e também do nível de detalhamento com o qual eram estudados os órgãos reprodutores femininos. Rohden (2001) e Meireles et

al (2004), evidenciam estes estudos através da análise das teses apresentadas nas faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia neste mesmo período. Egas-Moniz mencionou inclusive o uso de instrumentos como o “hysterômetro” utilizado para medir o tamanho do útero das mulheres e classificá-los como normais ou infantis (no caso daqueles que tinha tamanho inferior ao padrão estabelecido).

Na parte final desta obra, Egas-Moniz tratou do “Casamento e da higiene da vida sexual”. Inicialmente o autor declarou que iria tratar do casamento monogâmico, por ser o mesmo a única forma aceitável de união. Considerava a reprodução como finalidade do casamento, entretanto admitia casamentos sem reprodução, nos casos já mencionados de doenças e degenerações hereditárias, e também nas situações em que as condições socioeconômicas da família fossem inadequadas para prover o sustento da descendência.

Segundo Moniz, a escolha de parceiros para o casamento não deveria levar em conta apenas o amor, mas se preocupar principalmente com a saúde da prole que seria gerada a partir dessa união. As qualidades morais do cônjuge seria um outro fator importante a ser considerado. O médico considerava ainda que apesar de homens e mulheres terem relações diferentes com o casamento, visto que: “O homem tem tendências polígamas, a mulher é naturalmente monogâmica, mas na nossa sociedade e com a nossa civilização, um e outro tem que sujeitar-se a união constante e persistente, que é vantajosa para ambos (EGAS-MONIZ, 1901, p.338).” Sendo assim, ambos precisam adaptar-se à exigência social do casamento, considerada como única forma moralmente aceita de dar vazão ao instinto sexual inerente aos seres humanos.

Apesar da lei do divórcio não ter sido aprovada em Portugal naquele momento, o médico se posicionava a favor do divórcio. Fazia recomendações em relação à idade dos cônjuges, considerando inadequados os casamentos precoces tanto para homens quanto para mulheres. Observou a necessidade da maturidade biológica e intelectual para o bom andamento do casamento. Considerava também como período ideal para o casamento nas mulheres, a idade dos 18 aos 25 anos e para os homens dos 20 aos 30 anos. Era favorável aos casamentos consanguíneos somente nos casos em que “as famílias sejam isentas de taras patológicas (EGAS MONIZ, 1901 p.347).” Defendia o exame pré-nupcial, mas não deixava clara a sua opinião sobre sua obrigatoriedade, entretanto discutia a importância da prevenção

do contágio de doenças como a Sífilis e a Blenorragia (gonorreia) durante o casamento, chamando atenção para a importância dos tratamentos adequados dessas doenças antes da união, assim como a fidelidade para evitar adquiri-las e transmiti-las durante o casamento. Por fim, Egas-Moniz fez recomendações específicas sobre a higiene dos órgãos sexuais às mulheres casadas.

No volume II- Patologia, Egas-Moniz trata das chamadas “manifestações mórbidas da sexualidade” e está dividido em 6 capítulos: neuroses sexuais, heterossexualidade mórbida, homossexualidade, assexualidade, perversões morais, a vida sexual dos alienados. Segundo o autor, esse segundo volume, diferente do primeiro que havia sido escrito para o público em geral, é destinado à médicos legistas e juristas. Destacou que as perversões sempre foram encontradas em todos os povos e, em que pese o esforço de alguns legisladores para controlar essas práticas, foi com o cristianismo que houve um controle maior, tornando o sexo ou o amor, um meio para a perpetuação da espécie. A moralidade cristã surgiu em oposição à libertinagem pagã. Moniz considerava que a reprodução seria o objetivo supremo do ato sexual, embora não descartasse a importância da busca do prazer, dentro de certos limites.

Para definir as patologias sexuais Moniz utilizou a classificação de Krafft-Ebing¹ e para as neuroses sexuais e se propõe a estudá-las como doenças cujas origens localizavam-se nos abusos genitais e nas causas hereditárias. Discutiu as relações entre o aparelho genital e o sistema nervoso. Segundo este médico, as neuroses sexuais abrangiam as alterações da função sexual relacionando as alterações morais às neuroses cerebrais.

Falou sobre os excessos sexuais, principalmente a masturbação, como causadores de “anestésias sexuais” caracterizadas pela ausência de desejo, ou pela dificuldade na ejaculação. Tratou da iniciação sexual precoce e de fatores que poderiam concorrer para isso, como irritações nos órgão genitais causadas por inflamações e por contaminação por vermes, que levariam a estimulação precoce e a aquisição do hábito da masturbação. Tanto a iniciação sexual precoce como a

¹ O psiquiatra alemão Richard Von Krafft-Ebin publicou em 1886 o livro *Psychopathia Sexualis* no qual fez uma descrição das psicopatias suas características e sintomas. A partir da sua obra foram introduzidos conceitos como: sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo dos comportamentos sexuais.

atividade sexual na velhice, ambas são condenadas pelo médico consideradas como patologias.

De um modo geral, as obras de Moniz que tratavam da sexualidade acercavam-se de um grande detalhamento sobre as estruturas anatômicas e fisiológicas, fazendo sempre referência à comunidade médica da época. Tal atitude evidenciava a grande circulação de conhecimentos, bem como as polêmicas e debates travados neste campo naquele momento.

A ênfase dada ao escrutínio do corpo feminino e suas estruturas de reprodução, destacou mais uma vez o controle e a regulação desses corpos, de modo a adequá-los ao papel social máximo definido para as mulheres, que era a maternidade. Neste sentido, Egas-Moniz pouco se refere a questões psíquicas e/ou emocionais relacionadas com a sexualidade feminina. Em sua visão o foco principal era manter o corpo saudável, garantindo assim a geração de descendentes saudáveis. Existia uma clara definição sobre o que seria uma sexualidade normal e os comportamentos e práticas considerados patológicos, tanto que as práticas e atividades consideradas saudáveis são descritas e discutidas no volume I, sustentadas pelos parâmetros científicos. Ao contrário disso, tudo que se refere às patologias, sejam elas físicas ou morais é descrito no volume II, também apoiado nos parâmetros científicos da época.

Desta forma, as prescrições para a Educação Sexual que encontram-se difundidas nos dois volumes da obra de Egas Moniz, podem ser entendidas a partir das perspectivas de normalidade e patologia abordadas por Canguilhem (2009), segundo as quais a condição de normalidade ou de patologia não se circunscreve às situações de integridade ou mesmo de um bom funcionamento do corpo. Esses conceitos são histórica e socialmente produzidos em uma determinada cultura. Isto é, ser normal ou não depende muito mais dos valores culturais, em um dado momento histórico, atribuídos a certas habilidades físicas e intelectuais do que a condições físicas ou psíquicas propriamente ditas.

Assim, o autor demarca claramente em suas ideias sobre Educação Sexual que existe um conjunto de práticas e valores considerados aceitáveis e um outro grupo que deve ser evitado ou mesmo condenado.

1.3 SIGMUND FREUD E AS IDEIAS SOBRE A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE

Sigmund Freud, médico austríaco interessado em estudos neurológicos, nasceu na região da Moravia, atual República Tcheca, mas mudou-se ainda jovem para Viena, onde cursou a faculdade de medicina e desenvolveu suas pesquisas na área da neurofisiologia e posteriormente sobre a psicanálise.

Em sua obra, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicada em 1905 Freud trata da questão dos desvios da sexualidade, que segundo este autor, seriam de dois tipos: os desvios do *objeto* e os desvios do *objetivo*. Os primeiros estariam relacionados à escolha do/a parceiro/a, sendo a escolha heterossexual a norma e a homossexual o desvio, a *inversão*, como nomeia o próprio Freud (1973). Os desvios do objetivo estariam relacionados às formas de obtenção de satisfação sexual. Esta, só seria alcançada plenamente através da relação sexual genital, considerando-se assim, todas as outras formas como etapas preliminares ou preparatórias, mas nunca o objetivo em si.

Segundo Freud (1973):

Considera-se objetivo sexual normal a união dos órgãos genitais no ato conhecido como cópula, que conduz ao alívio da tensão sexual e a uma extinção temporária do instinto sexual – satisfação análoga ao saciar a fome. [...] As perversões são atividades sexuais que ou (a) se estendem, num sentido anatômico, além das regiões do corpo que se destinam à união sexual ou (b) demoram-se nas relações imediatas com o objeto sexual, que devem normalmente ser atravessadas rapidamente no caminho em direção ao sexo final (p.40-41).

No trecho acima, o autor deixa claro que o sexo que considera normal está vinculado apenas aos órgãos genitais e que qualquer prolongamento ou substituição dessas regiões anatômicas é considerado como perversão. Podemos notar que essa ideia de sexualidade está fortemente vinculada com a reprodução biológica como objetivo da relação sexual. O sexo é visto como algo instintivo, como a fome, a sede e outras necessidades fisiológicas do ser humano. A função sexual é parte da

estrutura fisiológica do corpo humano, portanto, os desvios do objeto, ou seja, a escolha de uma pessoa do mesmo sexo como objeto de desejo constituía uma anormalidade visto que o objetivo da função sexual seria a reprodução biológica, o que não seria possível entre pessoas do mesmo sexo. Da mesma forma, as práticas sexuais não reprodutivas (como sexo oral, sexo anal, masturbação) são consideradas apenas como preliminares ou mesmo como perversões.

É interessante notar a permanência destas concepções na contemporaneidade, quando a ideia de relação sexual ainda esta fortemente vinculada à penetração vaginal e as outras formas são vistas como relações incompletas ou mesmo anormais.

Freud também utiliza conceitos da biologia para explicar comportamentos sexuais considerados perversos tais como o sadismo:

No que diz respeito à algolagnia ativa, o sadismo, as raízes são fáceis de reconhecer no normal. A sexualidade da maioria dos seres humanos masculinos contém um elemento de *agressividade* – um desejo de subjugar; sua importância biológica parece situar-se na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual por meios diversos do processo de galanteio. Assim, o sadismo corresponderia a um comportamento agressivo que se tornou independente e exagerado e, por deslocamento, usurpou a posição de liderança (FREUD, 1973 p. 49-50).

É possível perceber no trecho acima, que Freud estabelece um diálogo com as ideias de Darwin a respeito dos caracteres sexuais secundários masculinos que estão relacionados à agressividade nos comportamentos de conquista da fêmea para alcançar o intento principal, do ponto de vista biológico, que seria a reprodução e com isso a produção de descendentes. Esse objetivo é considerado importante tanto do ponto de vista individual, visto que aquele indivíduo pode perpetuar suas características, quanto do ponto de vista da espécie que pode se manter, sendo bem sucedida na competição com outras espécies no ambiente.

Em relação à sua proposta sobre as etapas de desenvolvimento da sexualidade, Freud também toma como referência a biologia, visto que analisa a constituição da sexualidade em paralelo com etapas do desenvolvimento infantil. A tese de Freud é que a origem das perversões, neuroses ou do desenvolvimento de uma sexualidade normal está na infância. Para tanto, volta suas pesquisas para a

sexualidade infantil com o objetivo de descrever suas características em diferentes etapas a fim de estabelecer um padrão útil para a análise da sexualidade adulta.

Um dos grandes divulgadores da obra de Freud no Brasil, o médico Antônio Austregésilo, destaca que “Segundo a idade, a sexualidade apresenta estados *evolutivos* diferentes” (AUSTREGÉSILO, 1934 p.18, grifo nosso), apontando para as etapas da sexualidade infantil associadas a um processo de evolução ontogenética. O mesmo autor também compara aspectos da sexualidade infantil humana com espécies próximas buscando estabelecer aspectos de uma filogênese.

As obras e autores apresentados neste capítulo constituíram o contexto histórico e social no qual emergiu o campo da Educação Sexual no Brasil. Na emergência desse campo foram construídas práticas discursivas, que produziram regimes de verdade (FOUCAULT, 2012) fundamentados na produção biomédica europeia em circulação no Brasil. Assim como se acumulou um importante capital cultural e simbólico que corroborou para estruturar o campo da Educação Sexual no Brasil como um campo científico². Desta forma pode-se traçar um certo panorama das ideias que fundamentaram as primeiras produções sobre Educação Sexual na Bahia captando seus enunciados e as relações desses com a produção acadêmica deste campo intelectual mais amplo representado pelos autores e obras discutidos neste capítulo.

1.4. IDEIAS EM CIRCULAÇÃO NA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

A Faculdade de Medicina da Bahia foi criada no ano de 1808, inicialmente como Escola de Cirurgia da Bahia, e ocupava o prédio do Colégio dos Jesuítas. Em

² O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada por um agente determinado (ORTIZ, 1983)

1813 foi transformada em Academia Médico-Cirúrgica, e finalmente, em 1832 recebeu o nome de Faculdade de Medicina da Bahia (FAMED). De início, formava somente cirurgiões, pois somente os cursos de medicina de faculdades de Portugal ou de outros países europeus poderiam formar os médicos. Após a reforma de ensino ocorrida em 1832 a FAMED começou a formar médicos, com a possibilidade da formação de Doutores em medicina, para aqueles que defendessem uma Tese Doutoral.

Meirelles e colaboradores (2004) realizou um levantamento nos arquivos da FAMED e conseguiu localizar 2502 teses defendidas no período de 1840 a 1928, que trazem informações bastante relevantes para nos ajudar a traçar um quadro sobre a medicina da época. Um aspecto bastante característico da época, visto que a educação das mulheres ainda era restrita às boas maneiras e prendas domésticas, é que somente a partir de 1879 as mulheres conquistaram o direito de frequentar as Faculdades de Medicina brasileiras (que só existiam na Bahia e no Rio de Janeiro, até então). A primeira médica diplomada pela FAMED foi Rita Lobato Velho Soares e, neste levantamento feito de 1840 a 1927, somente 14 mulheres defenderam o título de doutor em medicina.

Os temas das teses evidenciam que, apesar da presença restrita, as mulheres eram frequentemente tomadas como objeto de estudo dos médicos. Havia um forte interesse na investigação do corpo feminino, no que se refere a aspectos da anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutivos e de fenômenos a eles relacionados, como demonstrado na escolha da temática das teses. As mulheres, que durante o período medieval eram vistas como impuras e pecaminosas, cuja existência envolvia vários mistérios como a menstruação, a concepção e o parto, precisavam ser investigadas para que pudessem ser conhecidas, explicadas e controladas pelos homens da ciência. Na Bahia da primeira república, mulheres pobres eram atendidas na Santa Casa de Misericórdia onde se tornavam objeto de tratamentos e cirurgias experimentais, executadas por médicos e estudantes de medicina (BARRETO, 2001).

A partir da análise deste material (catálogo de teses), de acordo com o objetivo da presente pesquisa, identificamos duas teses, cujos títulos versavam sobre Educação Sexual. Foram elas: a tese do médico Raul Mendes de Castilho Brandão, intitulada “Breves considerações sobre a Educação Sexual”, apresentada

em 1910, e a tese da médica Ítala Silva de Oliveira, intitulada “Da Sexualidade e da Educação Sexual” apresentada em 1927.

Além destas teses, que se tornaram objeto de análise mais aprofundada neste trabalho, traçamos um panorama mais geral das teses levantadas no que se refere aos temas abordados e sua relação com a temática da sexualidade. Desta forma, identificamos temas que aparecem de forma recorrente, caracterizando um interesse maior por essas temáticas ou mesmo a presença de debates sobre esses assuntos durante a formação acadêmica desses/as médicos e médicas.

Dentre os temas abordados destacam-se aqueles que tratavam das chamadas “doenças femininas”, ou seja, aquelas relacionadas ao aparelho reprodutor feminino, ao parto, ao puerpério, ao período de amamentação, ao aborto (tanto os naturais quanto aqueles provocados) e ao infanticídio. Identificamos, portanto, que havia uma preocupação muito grande por parte dos médicos em relação ao binômio mãe-filho, provavelmente buscando prevenir a mortalidade materna e infantil, que eram bastante altas naquele período ou também refletindo os tipos de “casos” assistidos por esses médicos nas suas experiências com a clínica. Autoras como Rohden (2001); Freire (2008); Barreto (2008) abordam as investigações médicas sobre esses temas na Bahia e em outras províncias e estados brasileiros no mesmo período, apresentados como temas de teses médicas.

Do total das 2502 teses catalogadas identificamos 381 que tratavam especificamente de assuntos relativos à vida das mulheres e se relacionavam diretamente com a sexualidade. Destas, 34 teses abordavam a temática do aborto; 246 eram sobre gravidez, parto, puerpério e aleitamento; 9 sobre infanticídio e mortalidade de recém nascidos; 84 sobre os órgãos sexuais e reprodutores femininos (aspectos anatômicos e fisiológicos, desenvolvimento, doenças, vícios de conformação e etc); 4 trataram sobre aspectos legais envolvendo as mulheres: “Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil” apresentada pela médica Nise Magalhães da Silveira em 1926, “Violência física no defloramento” apresentada pelo médico Lindolpho do Rego Monteiro em 1927, “Do hymen sob o ponto de vista médico-legal” apresentada pelo médico Antenor de Senna Ayres em 1914 e “A mulher e a medicina legal” apresentada pelo médico Hildebrando José Baptista em 1909; 2 teses trataram especificamente da esterilidade feminina e 1 sobre “A Pedagogia feminina em face da medicina” apresentada pelo médico Oscar Bastos

Rabello em 1920; 1 tratando “Da hysteria” apresentada pelo médico Elysen de Hollanda Montenegro em 1916. Destacaram-se ainda, as duas teses sobre Educação Sexual já mencionadas e uma tese sobre “O espartilho e a mulher” apresentada pelo médico João Sabino de Lima Pinho Filho em 1903, que tratava sobre os problemas de saúde causados nas mulheres pelo uso do espartilho.

Outro tema bastante frequente nas teses era a Sífilis, seus efeitos na gravidez, nas crianças recém-nascidas e nas mulheres, métodos de diagnóstico e tratamento. Também eram abordadas as questões do casamento, dos exames pré-nupciais. Carrara (1997) discute amplamente a os impactos culturais da Sífilis no Brasil neste período e Batista (2010) na Bahia, ambos abordam a relação entre ciência, moralidade e poder subjacentes ao debate sobre a Sífilis na época.

A preocupação com a Educação Sexual na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMED), tem seus primeiros registros formais no início do século XX com a apresentação de duas teses versando sobre essa temática. A tese de Raul Mendes de Castilho Brandão, intitulada “Breves Considerações sobre a Educação Sexual”, apresentada em 1910 e a tese da médica Ítala Silva de Oliveira com o título “Da Sexualidade e da Educação Sexual” que foi apresentada em 1927 (MEIRELES e colaboradores, 2004). Além das teses médicas, outros textos sobre Educação Sexual circulavam na Bahia e no Brasil nas primeiras décadas do século XX, demarcando essa temática como uma pauta importante no campo da educação. Em 1928 foi realizado um Congresso Nacional de Educadores, no qual foi aprovada uma proposta de implantação de Educação Sexual nas escolas com o objetivo de proteção da maternidade e da infância a partir da prevenção de DST (SANTOS, 2015)³. Essa pauta, da proteção da maternidade e da infância, era defendida por muitas feministas, na Bahia em especial, pela médica e feminista Francisca Prager Fróes (RAGO, 2007).

Dentre essas obras destacam-se alguns livros ou manuais escritos como objetivo de divulgação das ideias relativas à educação e higiene. Alguns médicos, que se destacavam por ter uma atuação mais política passam a publicar livros abordando questões sobre a higiene sexual e a Educação Sexual propriamente dita. Autores como José de Albuquerque, Antônio Austregésilo e Hernani de Irajá,

³ Infelizmente não conseguimos ter acesso às atas do Congresso e, por isso, não pudemos detalhar melhor o teor da proposta.

publicaram diversos livros abordando essa temática. Eram todos médicos e viviam na capital federal, o Rio de Janeiro. Apesar de estarem domiciliados no Rio de Janeiro, suas obras circulavam em outras capitais brasileiras, como Salvador, por exemplo, onde esses livros foram encontrados nos arquivos da Biblioteca Central. Tal situação aponta para uma circulação desses debates sobre Educação Sexual em nível nacional. Algumas obras desses autores vão ser objeto de nossa análise no capítulo 4.

Além das teses e dos livros de divulgação mais popular, outras publicações importantes na época eram os periódicos, como o Boletim de Eugenia que, devido à sua abrangência e por ter abordado em diversos números a Educação Sexual, tendo inclusive um número especial sobre o tema, tornou-se objeto de nossa análise, de modo a caracterizar o campo das ideias sobre Educação Sexual na Bahia e no Brasil nas primeiras décadas do século XX.

Outro aspecto que marca a circulação de ideias nos meios intelectuais baianos, brasileiros e internacionais, é o diálogo travado por esses médicos, tanto nas teses quanto nos livros, manuais e periódicos, com autores estrangeiros como o italiano Paolo Mantegazza, autor de vários livros sobre essa temática, e o médico português Antônio Caetano D'Abreu Freire Egas-Moniz, já citados anteriormente.

Cap. 2 RAUL BRANDÃO – EDUCAÇÃO SEXUAL, MORALIDADE E FAMÍLIA: UMA RESPOSTA ÀS AMEAÇAS DO FEMINISMO

Raul Mendes de Castilho Brandão, natural do Rio Grande do Norte, formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1910, apresentando a tese intitulada “Breves considerações sobre a Educação Sexual”. De acordo com a ata da reunião de congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, de 16 de novembro de 1910⁴ a banca examinadora das teses era composta por um grupo de três professores, representantes de cada ano (com exceção do 5º e 6º ano, do qual participavam 6 professores de cada ano), além dos representantes das clínicas especiais. Não havia uma designação específica de professores para cada tese. Constam membros da banca examinadora das teses: José Olímpio de Azevedo, Pedro da Luz Carrasqueira, José Afonso de Carvalho, Antônio Pacífico Pereira, José Carneiro de Campos, Pedro Luiz Celestino, Augusto César Viana, Manuel José de Araújo, José Júlio de Calazans, Guilherme Pereira Rebello, Aurélio Rodrigues Viana, Antonino Baptista dos Anjos, José Eduardo Freire de Carvalho Filho, Fortunato Augusto da Silva Júnior, Clodoaldo de Andrade, Antônio Pacheco Mendes, Brás Hermenegildo do Amaral, João A. Garcez de Fróes, Luiz Anselmo da Fonseca, Deocleciano Ramos, Josino C. Cotias, Climério Cardoso de Oliveira, Américo C. de Carvalho, Francisco Bráulio Pereira. Na parte das clínicas especiais foram citados também, os médicos: Alexandre E. de Castro Cerqueira, Francisco dos Santos Pereira, Luiz Pinto de Carvalho e Alfredo Ferreira de Magalhães.

No texto de apresentação da tese, o autor relata que houve uma mudança no tema de sua tese e identifica que a escrita da mesma iniciou-se em “dias de setembro”, sendo que a tese foi entregue no dia 31/10/1910. Ainda na apresentação, Raul Brandão indica o tema da Educação Sexual como uma temática inserida na cadeira de Higiene Social na qual o médico, então estudante, era interno e pretendia se especializar. Ou seja, a discussão sobre Educação Sexual estava vinculada às discussões sobre higiene. O médico também explicita que vai combater em seu

⁴ Consulta feita ao arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia, nos livros de atas dos anos de 1910 e 1927.

texto, o misticismo através da educação científica. Indica ainda, que pretendia abordar a questão do celibato e do divórcio, mas o tempo não foi suficiente.⁵

A tese é composta por um único capítulo seguido de algumas considerações sobre temas variados abordados em cadeiras cursadas pelo médico, durante sua formação acadêmica. O Capítulo 1: Da precocidade da função sexual – dos excessos sexuais – Consequências sociais – Prophylaxia, e a parte separada continha um conjunto de proposições sobre anatomia, história natural médica, clínica médica, histologia, fisiologia, bacteriologia, farmacologia, anatomia e fisiologia patológicas, patologia médica e cirúrgica, operações e aparelhos, terapêutica, obstetrícia, higiene, medicina legal, toxicologia e medicina propedêutica, clínica dermatológica e sifiligráfica, clínica cirúrgica, clínica oftalmológica, clínica cirúrgica, clínica médica, clínica obstetrícia e ginecológica, clínica psiquiátrica e das moléstias nervosas.

Brandão considera como principais problemas a serem enfrentados pela Educação Sexual a questão da precocidade da iniciação sexual e os excessos sexuais. Chama atenção para a homossexualidade e fatores que poderiam favorecê-la como os colégios internos e classes separadas por sexo. A esse respeito cita ideias do médico português Egas-Moniz, em sua tese, que foi transformada em livro “A Vida sexual”. Brandão cita, conforme trecho abaixo, as ideias de Egas-Moniz sobre a relação entre os colégios internos e a homossexualidade.

Assim fala, o ilustre professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Dr. Egas-Moniz, em seu livro *Vida Sexual – A difusão que a inversão sexual tem tomado depende principalmente da educação moderna e da separação de sexos nas escolas*. Na época atual quer me parecer que é nos países em que o rigor da separação dos sexos é maior, tais como Alemanha, a Áustria, etc, que as perversões homossexuais tem adquirido maior desenvolvimento. (BRANDÃO, 1910, p. 8)

O trecho acima ilustra a circulação de discursos e ideias sobre Educação sexual, que estavam presentes no plano internacional, na Faculdade de Medicina da Bahia.

⁵ Em nossas pesquisas, notamos que essas temáticas, do divórcio e do celibato foram bastante abordadas por outros autores na mesma época.

No decorrer do texto da tese, Brandão também expõe claramente suas ideias a respeito do feminismo, principalmente no que se refere à participação feminina no mercado de trabalho e em relação à sua atuação política. Mesmo no que tange à educação feminina, este autor vai privilegiar uma defesa da educação doméstica, destacado para isso o papel das mães na educação das filhas. Considerando que no Brasil, e na Bahia vivia-se um período de intensa mobilização do movimento feminista na luta pelo voto feminino e pela ampliação do direito à educação (PINTO, 2003; COSTA; BRANDÃO, 2000; COSTA; CONCEIÇÃO, 2001), o discurso do médico pode ser entendido como uma reação a essa tentativa de ruptura de padrões estabelecidos, a partir da defesa de uma moralidade que garantisse a manutenção dos papéis tradicionais de gênero.

2.1. A SEXUALIDADE PRECOCE – A CRIANÇA – A EDUCAÇÃO SEXUAL

A ideia da sexualidade precoce e suas consequências aparecem como tema principal logo nas primeiras páginas da tese. Para tratar do tema, o autor discute a questão da relação das amas de leite com as crianças indicando estas como responsáveis pela sua iniciação sexual precoce:

O problema da educação sexual, isto é, da precocidade dessa função, é de uma importância capital. Daí é que surgirá todo o equilíbrio social. No entanto, os pais, ou melhor as mães, porque aqueles não estão sempre em casa, descuram tanto disso, entregam seus filhos a essas amas, sem moral nenhuma, que logo muito cedo, vão acordando uma função que não deveria ser acordada tão cedo. Devia haver por parte das mães, uma rigorosa atenção a esse respeito, porque, assim cedo, poderiam evitar hábitos que fazem seus pais corarem e a criança dá o primeiro passo à borda do abismo, refiro-me a estas uretrites gonocócicas⁶ na idade de 5 a 6 anos, que são as criadas as autoras. (BRANDÃO, 1910, p.1-2)

A partir desse ponto, Raul Brandão faz uma discussão sobre a influência da hereditariedade e da cultura nos comportamentos sexuais. Segundo ele, a

⁶ As uretrites gonocócicas são infecções que ocorrem na uretra e era um termo utilizado para caracterizar de um modo mais geral, algumas doenças venéreas comuns da época, como a própria gonorreia. Mas nem toda uretrite era causada pela gonorreia.

precocidade na iniciação sexual estava relacionada ou a influência das criadas ou a convivência com crianças de classes inferiores: “Veem-se diariamente crianças de boa família, na mais deplorável promiscuidade com outras de inferior categoria, podendo assim adquirir péssimos e nocivos hábitos” (BRANDÃO, 1910, p.2).

Este autor explicita a ideia de uma educação sexual para contenção dos impulsos sexuais citando mães que incluem a atividade física na rotina dos filhos, como um bom exemplo de educação sexual, visto que, considerava que o exercício físico possuía capacidade de “anestesiá-lo o sentido sexual” (BRANDÃO, 1910, p.3).

Ao tratar de modo mais geral sobre a educação dada pela família, o autor critica o fato dos pais não responderem as perguntas das crianças sobre sexualidade e de delegarem essa parte da educação aos padres confessores, que segundo o autor, pelo fato de viverem “divorciados da sociedade” (BRANDÃO, 1910, p.4) por conta do celibato, não teriam condições de fornecer ensinamentos morais para as crianças. Essa ruptura com o pensamento religioso reflete, em certo sentido, a disputa que ocorre entre o campo científico e o religioso na área da educação. Outros autores aqui citados, como Mantegazza (1903), Egas-Moniz (1901), que eram contemporâneos de Raul Brandão e foram referenciados por ele, também faziam essa discussão da separação entre o Estado e a Religião, marcadamente no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Brandão destaca a importância da divisão de papéis entre os pais na educação dos filhos, dando destaque a educação sexual feminina para que a mesma pudesse atuar na formação moral das crianças conforme expressa no trecho a seguir: “[...] a mãe forma o coração, o pai o cérebro. [...] ela exerce a mais nobre missão de paz, de regeneração física e moral, de concórdia e de felicidade. Esta criação moral é tão obrigatória nas mães como a educação física é necessária nas crianças” (BRANDÃO, 1910, p.4).

Condena o excesso de pudor difundido pela religião por obstruir a apropriação de um conhecimento científico valorizado em práticas higiênicas. Também critica os internatos, porque os mesmos seriam “meios de corrupção”, pois nestes locais “existe gente de toda sorte, adúlteros, incestuosos, cretinos, homossexuais,

naturais⁷, enfim toda qualidade de moralidade: tarados para todos os vícios” (BRANDÃO, 1910, p.7). Essa convivência favoreceria a corrupção das crianças, mesmo no caso daquelas moralizadas. A Crítica de Brandão era tanto em relação aos internatos masculinos quanto femininos, dos quais por vezes saíam jovens “com diplomas de homossexuais dados por estes colégios” e moças “histéricas e pervertidas” (BRANDÃO, 1910, p. 7). Os colégios internos eram entendidos por esse autor como locais de produção dos então chamados *desvios sexuais*, marcadamente a homossexualidade e a histeria. Nessas escolas, segundo o autor, haveria também uma exigência excessiva da capacidade mental das crianças, alimentação de qualidade inferior e ausência de inspeção médica.

Raul Brandão critica a educação escolar e sugere que a educação seja feita em casa com professores particulares, sempre sob a supervisão dos pais, principalmente da mãe, visto que o pai desempenhava atividade no espaço público.

Esta educação doméstica é preferível à educação pública prematura, que apaga nas crianças o cunho característico de sua natureza: a boa mãe é a única capaz de abafar o gênio e a semente do mal. “A mãe é o gênio da primeira infância” disse Fraebel. (BRANDÃO, 1910, p.5)

A defesa desse tipo de educação tinha por objetivo a exaltação da educação moral, que deveria ser dada pela família. Em relação à educação das meninas e jovens, o médico critica o chamado “beatismo e o feiticismo” predominante nas escolas para moças. Indica que a religiosidade excessiva impediria as mulheres de exercer adequadamente seu papel de dona-de-casa por estarem envolvidas em atividades religiosas.

O autor cita ideias sobre a difusão da homossexualidade (chamada de inversão sexual) em países onde as escolas são separadas por sexo, atribuídas ao médico Português Egas-Moniz. Também cita outras instituições com forte presença da homossexualidade, destacando sempre a importância de uma educação moral, no combate a esse tipo de comportamento:

⁷O termo “naturais” se refere aos filhos gerados fora do casamento, no caso das relações de concubinato.

As prisões, os conventos, os seminários, os quartéis, os colégios e os marinheiros são aqueles que pagam maior tributo ao homossexualismo e a muitas outras perversões sexuais. Está porque, disse eu, no começo dessas linhas – que só o lar podia formar o espírito da criança e incutir-lhe a verdadeira educação moral. (BRANDÃO, 1910, p. 8)

É possível perceber uma crítica constante às instituições de educação confessionais, e no geral, à educação escolar. Esta última, principalmente pela ausência da educação moral, que segundo o mesmo só poderia ser dada em casa, pelos pais e familiares.

Em relação a essa moralidade, faz um destaque no que se refere às mulheres, que na sua visão, seriam mais sujeitas a perversões, como mostra utilizando registro da literatura médica a respeito do comportamento de mulheres alienadas: “ainda não vi entre alienados uma *coprolalia*⁸ tão desbragada como tenho visto nas mulheres, um simples passeio que se dê a um hospício de alienados é bastante para ter prova disso” (BRANDÃO, 1910, p.11). Dessa forma, o autor vai construindo um discurso sobre a inadequação moral das mulheres, que vai ter como consequência uma afirmação da incapacidade feminina para realizar a tarefa da educação, a menos que seja com a tutela de um homem, como podemos notar o trecho que segue: “Além de tudo isso, está provado que as mulheres por si só não podem educar crianças, é preciso que essa educação seja secundada pelo homem” (Idem). Para tal afirmação busca apoio nas ideias de Tito Lívio de Castro⁹ para estabelecer relação entre o desenvolvimento intelectual das mulheres e seu estágio na escala evolutiva. Sobre esta questão da suposta incapacidade feminina para a educação das crianças, Freire (2008) traz a ideia da construção de uma maternidade científica a partir da instrução de médicos e médicas.

Ainda apoiado nas ideias de Tito Lívio de Castro, Brandão critica o uso de castigos físicos nos processos educativos. Critica particularmente as chineladas na região do sacro, pois as mesmas poderiam provocar excitação levando futuramente

⁸ O termo coprolalia refere-se ao uso recorrente de linguagem obscena, utilizando palavrões, palavras grosseiras de caráter escatológico ou sexual.

⁹ Tito Lívio de Castro foi um médico fluminense que viveu na segunda metade do século XIX e é considerado um dos precursores da psicanálise brasileira. Autor do livro “A mulher e a sociogenia”, no qual defendia que havia grandes diferenças entre o desenvolvimento intelectual de mulheres e homens, sendo que estas possuíam uma inferioridade intelectual, revelada principalmente pelo seu apego ao misticismo e às crendices populares, estando as mesmas em um período evolutivo mais primitivo que os homens (ALMEIDA, 2007).

a comportamentos masoquistas e fetichistas. Outro aspecto criticado na postura dos pais é o fato dos pais se referirem aos órgãos sexuais denominando-os de “partes baixas”. Novamente se refere às criadas, agora como fontes de informações sobre sexualidade, contrariando explicações dadas pelos pais e despertando nas crianças a ideia de sexualidade como algo secreto e proibido. O autor coloca as criadas como agentes de uma educação sexual na medida em que os pais não respondem suas questões:

As crianças são instintivamente curiosas, perquirem certas coisas desejosas de saber; os pais lhes explicam o contrário, elas aceitam mais ou menos depois encontram uma criada que lhes dá a verdadeira explicação da coisa debaixo de um segredo e assim se vai formando essa amizade clandestina, por todos os modos perigosa; fica a criança supondo seus pais mentirosos e vendo numa simples coisa natural, uma imoralidade. A criada fica sendo sua verdadeira amiga, sua mãe sua inimiga e assim a criança procura sempre a criada para ter confiança e vai assim aprendendo sua educação sexual (BRANDÃO, 1910, p.13-14).

É possível perceber uma crítica constante às instituições de educação confessionais, e no geral, à educação escolar. Esta última, principalmente pela ausência da educação moral, que segundo o mesmo só poderia ser dada em casa, pelos pais e familiares.

Segundo Raul Brandão, a Educação Sexual proporcionada pelas criadas era uma educação para a imoralidade. Entretanto, eram as criadas que ocupavam um importante papel na Educação Sexual das crianças, por compartilharem suas experiências com elas. Por sua vez, os pais, agiam de forma diferente, na maioria das vezes, em função de dilemas morais da época e da dificuldade de abordar o assunto com as crianças. Ao esclarecer detalhes sobre a sexualidade omitidos pelos pais, as criadas contrariavam suas explicações, despertando assim, a ideia de sexualidade como algo secreto e proibido. Dessa forma, os pais, acabavam por não desenvolver laços de confiança com as crianças o que era feito pelas criadas.

Ainda em relação às posturas dos pais para com as crianças, Brandão criticou também o fato destes se referirem aos órgãos sexuais denominando-os de “partes baixas”. Neste trecho o autor cita novamente o médico Tito Lívio de Castro, que diz que: “Tem-se também o hábito de chamar os órgãos sexuais, as partes baixas do

organismo, no entanto não devia ser assim, pois se são deles que nós viemos, porque são baixas?” (CASTRO apud BRANDÃO, 1910, p.13).

No que se refere ao currículo escolar, Raul Brandão criticou a exclusão dos conteúdos de reprodução animal nas aulas de história natural, no ensino primário, e indicou a realização da Educação Sexual no ensino secundário. Entretanto, faz uma referência específica à educação dos meninos, o que implica reforçar a ideia apresentada pelo mesmo anteriormente, de que a educação sexual das meninas deveria ser feita em casa, pelas mães.

Esta **iniciação** deve ser metódica e graduada. Sentindo que ela não faça parte do ensino secundário, com algumas noções de anatomia e de fisiologia, o doutor Raan julga que se pode explicar primeiro ao rapaz a reprodução vegetal ou sistema sexual das plantas, chegando assim gradualmente, à medida que avança na idade, a reprodução no reino animal, começando pelas espécies mais inferiores e limitando-se ao mais essencial (BRANDÃO, 1910, p.17).

Nota-se ainda que, no trecho acima, o autor explicita certa sequência a ser utilizada na abordagem dos conteúdos de sexualidade, indicando um tipo de organização curricular a ser seguida. Ressalta as ideias do Dr. Toulule, criticando a exclusão da função reprodutora dos tratados escolares de História Natural da época. O autor dá ênfase na importância das informações claras acerca da geração no sentido de combater as superstições e credices, bem como as informações inadequadas, trocadas pelas crianças e jovens entre si.

2.2 PROPOSIÇÃO DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA MENINAS E MULHERES

No que se refere à educação das meninas e jovens, o autor ressalta a importância da preparação das mulheres, reforçando sempre que cabe às mães o papel de educar sexualmente as filhas como no trecho seguinte, no qual o mesmo critica a ausência de diálogo entre mães e filhas em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: “Quanto as moléstias dos órgãos genitais,

muitas vezes as filhas estão sofrendo e nada dizem às mães porque o respeito que existe entre elas sobre este assunto não lhes permite conversar com as mães” (BRANDÃO, 1910, p.14). Tal situação decorre do excessivo pudor que as mulheres da época tinham ao tratar de aspectos da sexualidade, mesmo na intimidade das famílias.

Discutindo ainda o papel das mães na educação sexual das filhas, cita o médico italiano Paolo Mantegazza, destacando que não se deve confundir ignorância com inocência, o que ocorre muito frequentemente na educação das mulheres. Mantegazza critica fortemente a barreira moral que se interpõe entre mãe filha e cita casos de mães que deixam de tratar doenças genitais das filhas por pudores. Brandão reforça a ideia de que os pais devem ser os confidentes dos filhos e não os amigos ou criados, ou mesmo livros obscenos.

No caso das jovens, o autor destaca a importância da informação na prevenção da sífilis, que naquele período era comumente transmitida às mulheres pelos maridos nas relações conjugais. A questão da sífilis foi bastante estudada por Carrara (1997). Segundo este autor, a origem da sífilis foi tema de acirrados debates dentro da comunidade médica nacional e internacional desde o final do século XIX. Análises sobre os tipos da doença (mais ou menos agressivos) e suas relações com os costumes e a moral sexual eram temas constante de encontros, debates e publicações médicas. Neste contexto, médicos baianos como o psiquiatra Juliano Moreira discutiam a abrangência da doença na população e possíveis medidas de controle e prevenção. Imerso no universo intelectual da Faculdade de Medicina da Bahia, Raul Brandão traz essa discussão em seu texto de forma bastante incisiva revelando, portanto, a inserção em seu trabalho de debates contemporâneos relacionados ao tema da sua tese.

Em relação ao clássico dilema: não falar de sexualidade e manter a inocência de meninas e jovens, e falar da sexualidade e despertar desejos e sentimento ainda adormecidos, Brandão diz que a curiosidade das crianças em relação ao sexo e as transformações do corpo é sempre muito grande. Neste sentido, a instrução sobre aspectos biológicos da reprodução seria esclarecedora e evitaria a reprodução de mitos e crenças equivocadas sobre o sexo. A educação científica vai cumprir o papel de disseminar as “verdades” sobre o corpo. Ao defender uma aprendizagem científica da sexualidade o autor visa preservar aspectos morais, pois tanto os

órgãos como funções e fenômenos relativos à sexualidade seriam tratados com a isenção característica deste tipo de linguagem, sendo dissociados das pessoas e seus sentimentos e emoções. Como fica claro no trecho que segue: “A ciência anestesia aquilo que toca. Quando estuda as leis da propagação do som, eu não creio que o indivíduo normal sinta obsessões musicais. Conhecer prosaicamente os fenômenos, é esse o melhor remédio contra interpretações aberrantes” (BRANDÃO, 1910, p.21).

O mesmo autor destaca que essa forma de aprendizado não perderia “a moderação que o progresso moral nos impõe [...] (BRANDÃO, 1910, p.21)”. Dessa forma podemos inferir que, apesar de contrapor-se a uma moral religiosa, o autor advoga bases morais para a Educação Sexual, fundamentada em pressupostos científicos.

Ao defender uma Educação Sexual para as mulheres, destaca a importância destas, a partir do conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis, escolherem melhor seus futuros maridos. Neste mesmo ponto, o autor defende a existência da prostituição pública como forma de atender as demandas sexuais masculinas e também como uma forma de manter um controle do Estado sobre essa atividade.

O texto da tese é sempre entremeado de narrativas nas quais o autor relembra momentos vividos durante o curso de medicina, tanto em situações formais de atendimento como médico (provavelmente nos estágios), situações de aulas, quanto em conversas informais, eventos familiares e sociais, referindo-se frequentemente às dificuldades enfrentadas pelas famílias no que se refere à falta de informações adequadas sobre sexualidade. Evidencia-se, desse modo, as intenções do autor em reforçar a necessidade de uma educação sexual, como medida para evitar essas situações. Cita frequentemente casos de suspeitas de maridos sobre a conduta das esposas, quando descobrem que a mesma tem uma Doença Sexualmente Transmissível (DST). O que o médico destaca é que a doença em questão pode ter sido transmitida pelo próprio marido, fazendo alusão a períodos assintomáticos (nos homens) de certos tipos de doenças, ou mesmo a tratamentos feitos de forma incompleta e que, portanto, mascaravam a doença ao invés de curá-la como abordado no trecho que segue:

Há um hábito entre os indivíduos atacados de blenorragia de se tratarem por si próprios logo que sentem uma ligeira melhora, urinam; mais facilmente, julgam-se curados, é um grande erro, assim é que muitas vezes interrogando-os sobre o número de blenorragias dizem já ter tido seis, oito, etc... quando é sabido ser mais frequentemente a mesma.

Seria muito possível o marido possuir a sua gotazinha militar e com a irritação produzida talvez por um exercício mais forçado ter acordado a blenorragia que estava aguardando a ocasião para apresentar-se e assim, infeccionar a mulher. (BRANDÃO, 1910, p. 22-23)

Dessa forma, Raul Brandão destaca novamente a importância da educação sexual feminina como uma forma de prevenção dessas doenças de modo que as mulheres pudessem se proteger a si mesmas e a prole futura, visto que era frequente a contaminação das crianças ainda durante a gravidez ou mesmo no momento do parto. O médico apresenta no trecho abaixo as funções da mulher perfeita:

Depois da gravidez, depois da amamentação a mãe dá a seu filho um terceiro sacramento, a educação. [...] A primeira missão da mulher é dar à luz ao filho. [...] Muitas renunciam à segunda missão, por egoísmo ou incapacidade física. As mulheres selvagens renunciam à terceira, porque não têm nada a ensinar a seus filhos; como renunciam algumas mulheres de raças superiores por negligência ou por ignorância. Pelo contrário, a mulher perfeita é três vezes mãe: - mãe pelo útero, pelos seios e mãe pela inteligência de amor. (p.24-25)

De acordo com o apresentado acima, além explicitar que as funções da mulher seriam gerar e parir os filhos, amamentá-los e educá-los, Brandão deixa claro que a sua defesa na educação sexual das mulheres está diretamente vinculada à proteção de sua prole (através da prevenção das DST) e à formação moral das crianças através da educação materna. O autor apresenta uma visão essencializada¹⁰ das mulheres, dando sempre ênfase aos sentimentos por elas instilados. Caracterizando inclusive a sua inteligência como uma “inteligência amorosa” deixando claro que não se trata da inteligência como sinônimo de racionalidade, apresentada pelos homens. A própria feminilidade já seria fonte de aprendizado sobre bondade, ternura, dentre outras qualidades femininas exaltadas

¹⁰ A visão essencializada da mulher corresponde a uma noção de que as mulheres teriam na sua essência, características próprias como a sensibilidade, a empatia, o maior pendor para atividades minuciosas, seriam cuidadoras naturais, mais ligadas à natureza, entre outras. Essa visão tem sido amplamente combatida por diferentes correntes feministas a partir da década de 1970 e nas últimas décadas principalmente por aquelas que buscam desconstruir os argumentos biológicos de pesquisadores cuja ênfase principal é o determinismo biológico (SCHIEBINGER, 2001; FAUSTO-STERLING, 2006; FINE, 2012)

pelo mesmo. Segundo ele para a mulher “[...] o saber é letra morta, se não acompanhado pelo sentimento (BRANDÃO, 1910, p.25)”.

Com o intuito de promover um aprendizado da função futura, defende que as meninas devem brincar de bonecas:

Porque se deve, e é tão útil, deixar as meninas brincar com bonecas? É, justamente, para lhes acentuar a maternidade, lhes imprimir, mais profundamente, a delicadeza e a paciência, ensinar-lhes, praticamente qual deve ser o papel da mulher na sociedade, afastar-lhe por completo, alguma tendência varonil, que possa existir no seu psiquismo (BRANDÃO, 1910, p.57).

Desta forma, o autor enfatiza o papel da educação, em especial o das brincadeiras, na construção dos papéis de gênero social e culturalmente arbitrados, enunciando o que Louro (1999) denominaria posteriormente de “pedagogias da sexualidade”.

Prosseguindo em seu texto, o médico retoma a defesa do tema de sua tese, destacando situações em que foi criticado pelos colegas por tratar de um assunto considerado imoral. Critica a existência de uma dupla moral no que se refere a exigências sobre o comportamento das mulheres, que não são feitas na mesma proporção aos homens. Neste ponto, critica especificamente o envolvimento dos jovens com prostitutas.

Atualmente é o homem que tem contribuído e continua a contribuir para o afrouxamento e a dissolução da família. Rapazes há e até noivos que andam dando os mais tristes espetáculos pelas ruas públicas com *meretrizes relés pelo braço* convencidos de que isto é uma grande conquista; porque eu não sei compreender como se tem erigido um sistema em princípio de que: — um homem tudo pode fazer, porque nada lhe mancha, só a mulher é que não deve fazer... (BRANDÃO, 1910, p. 27-28)

Brandão cita o livro *Da educação moral, intelectual e física*, de Herbert Spencer¹¹, que, segundo o autor, defende a educação moral, intelectual e religiosa.

¹¹ Herbert Spencer: Pensador inglês do século XIX que tentou aplicar a teoria da evolução das espécies de Darwin em outros campos como filosofia, sociologia e psicologia.

Disse o grande filósofo inglês Spencer em seu livro a Educação “*Aprender o sentido das coisas a todos os respeito vale mais do que aprender o sentido das palavras. Como educação, intelectual, moral e religiosa o estudo dos fenômenos que nos rodeiam é imensamente superior ao estudo das gramáticas e dos dicionários.*” (BRANDÃO, 1910, p.28)

Na sequência, utilizando uma comparação do mundo natural, sugere que assim como “Procura-se cruzar a raça cavalariça, bovina e etc, procurando-se esterilizar as de raça inferior, porque não se faz o mesmo com a raça humana [...]” com o objetivo de evitar o casamento de jovens ingênuas com homens “doentes e libertinos” (BRANDÃO, 1910,p.29).

Essa discussão é uma espécie de preparação para um tema que vai ser abordado em seguida, que é a **seleção artificial** de casamentos, no qual o autor discorre sobre a importância das jovens evitarem casamentos com homens que apresentassem doenças como a epilepsia, lepra, tuberculose ou mesmo que tivessem casos de alcoolismo ou doença mental na família. É importante destacar que essas discussões sobre a seleção de casamentos, estarão presentes em publicações posteriores como no caso do Boletim de Eugenia, publicado no Rio de Janeiro período de 1929 a 1931, que apresenta em várias edições a defesa do exame pré-nupcial como uma forma de evitar essas situações, com o intuito de proteger as famílias e seus descendentes.

2.3. EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A PRODUÇÃO DE UMA FAMÍLIA SAUDÁVEL: DA FORMAÇÃO SEXUAL DE RAPAZES E MOÇAS AO CONTROLE DOS CASAMENTOS

Raul Brandão apresenta em sua tese uma forte defesa da família, tanto do ponto de vista moral como biológico, no sentido de garantir uma descendência livre de doenças e vícios. Desta forma, discute fortemente a educação sexual de rapazes e moças no sentido de garantir essa futura família a ser formada. Neste sentido, um dos pontos abordados pelo autor, agora em relação à educação dos rapazes, refere-

se ao combate aos chamados “excessos venéreos”, marcadamente a masturbação, como no trecho que segue:

Quanto aos rapazes, os pais deverão ter muito cuidado ao chegar a puberdade e mesmo antes, que é ainda mais perigoso, lhes mostrando os riscos que podem resultar dos prazeres de Vênus. De um lado está o mal solitário, e os excessos venéreos, que são as causas das maiores desgraças. É dos excessos venéreos que tira a sua etiologia – aquele *ciúme mórbido* de que falei acima e que é o flagelo de um lar. (BRANDÃO, 1910, p. 31)

Nesta parte do texto, Brandão aponta como solução a castidade de moças e rapazes até o momento do casamento. Entretanto, o mesmo revela não ser possível devido aos excessos cometidos pelos rapazes e a falta de conhecimento sobre a função sexual. Dentre as consequências destes excessos indica uma série que vai desde as “uretrites gonocócias”, perturbações cardíacas e pulmonares como a tuberculose, por exemplo, até constipações intestinais que terão como sintoma adicional uma baixa oxigenação no cérebro, levando a um mau funcionamento deste importante órgão. Outra consequência dos excessos sexuais, neste caso, com prostitutas, seria a esterilidade causada por frequentes blenorragias.

É importante observar que a preocupação deste médico em evitar os casos de esterilidade provocados pelos chamados excessos venéreos e também contribuir com a saúde da prole das famílias, reflete claramente o contexto da época, em que havia a necessidade de consolidação do recém-criado Estado Republicano Brasileiro. Neste contexto, um dos fatores destacados era a saúde da população e sua capacidade de produzir descendentes saudáveis.

Brandão defendia uma prática bastante polêmica na época, que foi a fecundação artificial. O médico defendia a interferência da ciência no auxílio a casais inférteis (neste caso a referência é sempre à infertilidade feminina), sugerindo o uso de seringas pra inserção direta do esperma no canal vaginal. Esses procedimentos são bastante criticados utilizando principalmente os argumentos religiosos e de que seria um prática anti-natural. Contra estes argumentos, Raul Brandão invoca o argumento interessante do médico italiano Paolo Mantegazza:

Mas, senhores meus, onde é a natureza, onde começa e onde acaba? Tudo quanto o homem faz e pensa tudo quanto inventa e descobre, está na natureza, porque seu cérebro todo ele mesmo pertence à natureza. E se é útil e bom e belo fazer cozer as carnes cruas, e se é útil acender o fogo, e se é bom encanar os ossos das pernas partidas e recolher ao seu lugar o intestino saído, será igualmente belo e bom corrigir a natureza fecundando as mulheres que seriam estéreis de outro modo (MANTEGAZZA apud BRANDÃO, 1910, p.43).

Da mesma maneira que a medicina intervém em outras partes do corpo, Raul Brandão invocava a intervenção médica por meio de métodos de fecundação artificiais. Dessa forma legitimava a ação médico-científica em aspectos da vida íntima dos casais, no que concernia a propiciar condições favoráveis à procriação, visto que segundo o próprio autor, essa era a função primordial do casamento:

O fim do casamento, como ninguém ignora é a procriação ou melhor a perpetuidade da espécie. É sabido o quanto aflige a um casal o desejo de ter filhos e não o conseguir. Mas se a ciência nos pode oferecer meios que possam fecundar um casal que naturalmente não pode ser fecundado, devemos lançar mão destes meios para afastar essa tristeza tão natural. (BRANDÃO, 1910 p.42)

O autor indica também alguns métodos utilizados para a fecundação artificial, mas destaca que o método utilizado deve ser aquele que mais agrada ao casal.

Na sequência discute a questão da esterilidade artificial como forma de conter a reprodução a partir do que chama de “amor mórbido”, que seria a união com pessoas portadoras de algumas das moléstias citadas anteriormente como: histeria, epilepsia, tuberculose, alcoolismo, sífilis, demência, entre outras. Sua posição é de que essas pessoas podem exercer a função sexual, desde que seja feita a esterilização. Outro grupo ao qual o autor também recomenda a esterilidade artificial são pessoas das classes menos favorecidas, como deixa claro no trecho que segue:

Quero também a esterilidade artificial, para limitar a prole entre estes pobres infelizes que não tem recursos bastante para lhes dar o sustento. Ter filhos de acordo com suas posses, seria mais humano, do que ilimitados enchendo uma casa da maior miséria e infelicidade, sendo o prejuízo duplamente lastimável, porque assim sofrem pais e filhos. (BRANDÃO, 1910, p. 46-47).

Estes posicionamentos ilustram uma afiliação do autor a certos aspectos de teorias eugênicas¹² difundidas na época, tais como o controle de casamentos, buscando conter doenças consideradas à época como hereditárias. Neste último aspecto o médico faz uma referência direta às ideias de Thomas Malthus sobre a necessidade de redução da população como estratégia de “equilíbrio social”. Para tanto, cita métodos de esterilização conhecidos na época como os pessários de Mesinga, Kamp, as lavagens e também no uso de substâncias espermicidas. Fazendo referência explícita a outro aspecto do pensamento eugenista, Brandão defende esses processos como uma forma de “pôr um dique à decadência da raça (BRANDÃO, 1910, p.48)”.

2.4 O EMBATE DE BRANDÃO COM O MOVIMENTO FEMINISTA DA ÉPOCA: A DEFESA DOS PAPÉIS FEMININOS TRADICIONAIS

Um aspecto interessante da tese de Raul Brandão foi a necessidade, apresentada pelo autor, de estabelecer um diálogo com as ideias do movimento feminista, que desde o final do século XIX já trazia manifestações importantes no Brasil, reflexo das discussões presentes em textos de autoras norte-americanas e europeias. No Brasil cabe destacar a escritora Nísia Floresta, que era natural do Rio Grande do Norte, assim como o próprio Raul Brandão, e fez uma tradução livre do texto da filósofa e jornalista inglesa Mary Wollstonecraft *Vindictgions of the Rights of woman* de 1792, que foi publicada no Brasil em 1832 com o título de Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens (MELO; FREITAS; FERREIRA, 2001). Naquele momento, as principais reivindicações eram pelo direito ao voto e pelo acesso à educação. Inspiradas nas ideias liberais difundidas principalmente a partir da revolução francesa, algumas mulheres oriundas de classes mais favorecidas, que

¹² A eugenia tanto foi tanto uma ciência quanto um movimento social [...] Como ciência do aprimoramento racial [...] às vezes “aprimoramento racial” significava simplesmente a melhoria genética da “raça humana” ou de “nosso povo”[...] Como um movimento social derivado de ideias sobre hereditariedade biológica, a eugenia forneceu um novo conjunto de conceitos e princípios políticos com os quais podiam ser expressas e constituídas diferenças dentro do corpo social (STEPAN, 2005 p.16-17)

tinham acesso à educação e à produção literária e acadêmica nacional e internacional, começaram a se manifestar através de jornais e revistas, reivindicando o direito ao voto e a participação na vida política brasileira. Segundo Pinto (2003) a atuação dessas mulheres no final do século XIX ainda era individual, através da publicação em jornais e revistas ou da solicitação de alistamento eleitoral, visto que no texto da constituição de 1891 havia uma explicitação das pessoas que não estavam aptas a votar, que não incluía as mulheres. Baseadas nesta “brecha” da lei, algumas mulheres requisitaram o alistamento eleitoral no período em que essa constituição esteve em vigor.

O médico Raul Brandão escreveu sua tese em 1910, período em que as mulheres no Brasil começam a se organizar na luta pelo direito ao voto, chegando a fundar um Partido Republicano Feminino, cujas fundadoras foram Gilka Machado e Leolinda Daltro, as duas chegaram a promover uma passeata, em 1917, no Rio de Janeiro, que contou com a participação de 90 mulheres, um número bastante expressivo para época (PINTO, 2003). Entretanto, na Bahia, segundo Costa e Conceição (2001, p.122) “ [...] as lutas dos movimento feminista internacional recém apareciam na imprensa baiana, sempre sob a forma crítica e pejorativa alertando as baiana para os ‘perigos’ de uma emancipação das mulheres.” Parece que o texto de Brandão vem juntar-se a esse coro da imprensa baiana.

Vejamos como o autor apresenta o feminismo:

Há, modernamente, uma cavilação com o nome de *feminismo*, patrocinada pelos *poetas, literatos piegas* e pelas *sentimentalistas* etc., com sua retórica habitual querendo ditar leis fora do campo da ciência.[...] Com o nome de *feminismo*, querem eles dizer, que a mulher torna-se apta para exercer todas as funções que o homem exerce na sociedade creio eu que só com a exceção de se fecundarem umas às outras isso porque ainda que elas queiram falta o elemento principal (BRANDÃO, 1910, p.48).

Logo de início, é possível notar que o autor busca desqualificar os partidários do feminismo apresentando-os como “poetas, literários piegas e sentimentalistas” e em seguida indicando que seus argumentos estão fora do campo científico, o que os torna menos confiáveis. Na sequência do texto, desqualifica também as justificativas apresentadas para o acesso das mulheres ao trabalho, destacando que, no caso de falecimento do marido, esta não ficaria desprotegida, visto que seria dever do

marido, prover os meios de subsistência da família, incluindo alguma reserva para essas situações. Ataca os poetas, que segundo ele agem de má fé ao defender a emancipação feminina, pois esperam ser sustentados pelas esposas.

Mais uma vez este autor defende a maternidade e o cuidado com o lar, com os verdadeiros papéis das mulheres e explicita suas ideias sobre a inferioridade feminina como mostra o texto que segue:

Que a capacidade da mulher exclua aqui somente a maternidade e este infinito de coisas delicadas que só ela tem este dom de executar, é inferior à do homem desde os primórdios do mundo, está provado, não só antropológicamente, como praticamente por meio da história e da observação dos fatos. (BRANDÃO, 1910, p.49).

Continuando a discorrer sobre a inferioridade feminina, Raul Brandão transcreve parte do texto de Charles Darwin, no seu livro “A origem do homem e a seleção sexual” (DARWIN, 2004) ao dizer que no campo da medicina e de outros saberes científicos não se encontram contribuições das mulheres. Somente no campo da literatura e, segundo este, essas contribuições “não são propriamente geniais (BRANDÃO, 1910, p.50)”, pois, “[...] a mulher não cria, não inventa nada: é simplesmente imitadora.” (Idem).

Para este autor, o ponto de referência da evolução é o homem, na medida em que **o mesmo admite que as mulheres possam evoluir** (grifo nosso), ou seja, igualarem-se aos homens, porém faz uma ressalva sobre os limites desta evolução:

É preciso notar, que como acabo de expor, não quero negar que a mulher não possa evoluir poderia se quiser com algumas gerações, falar *grosso* como os homens, deixar nascer *barbas* e aumentar a capacidade mental; pode-se, como é sabido, gerar-se monstros à nossa vontade. Está claro, que não quero a mulher ignorante e escrava do homem; não, absolutamente, pelo contrário, a emancipação que quero, é a verdadeira emancipação da mulher dentro dos limites do sexo, e não a emancipação, como entendem tornando a *mulhermacho*. A mulher deve ter conhecimentos gerais de tudo quanto diga respeito ao mundo e ainda o mais que lhe possa assegurar maior dose de felicidade. (BRANDÃO, 1910, p. 51)

A emancipação feminina deveria se dar “dentro dos limites do sexo (BRANDÃO, 1910, p. 51)” e seus conhecimentos deveriam ser gerais, mas não ao

ponto de se envolver em campos masculinos, como a política, os tribunais e etc. Caso contrário, o médico destaca muitas perdas para a mulher. O trecho abaixo indica qual o ideal de mulher defendido pelo autor:

Eu quero a mulher, é como soberana do lar, cercada de maior respeito, principalmente por parte desses poetas *literatos* e sentimentalistas *snobs* que se batem pelo *machismo*... A mulher, ao lado do homem, ao lado do homem na luta pela vida, descerá de seu trono de rainha do mundo e tornar-se-á uma coisa banalíssima. O homem perderá toda inspiração e toda coragem para enfrentar os combates da vida, porque é preciso se notar, que todo homem que se bate por uma ideia ou por uma coisa é para depositar, como um *laurel de triunfo* nas mãos da mulher que adora (BRANDÃO, 1910, p.51-52).

Ainda para reforçar suas ideias acerca dos papéis femininos, Raul Brandão, busca apoio nas ideias do escritor português Ramalho Ortigão¹³, que destaca como *ciência*, os papéis de mãe e esposa a serem desempenhados pela mulher representando sua grande contribuição para a sociedade. O autor trabalha sempre com as oposições tanto dos papéis como das características de homens e mulheres construindo sempre a ideia de binarismos excludentes, ou seja, se o “ser mulher” significa ter certas características ou habilidade o ser “homem” contempla ter características ou habilidades contrárias. Por exemplo, o “poder da virtude” pertence às mulheres, assim como o “poder do espírito” pertence aos homens. Dentre os conhecimentos requeridos às mulheres, segundo este médico, destacam-se os “segredos da higiene e da química culinária”, o “gosto da artes decorativas” sendo instruída, porém, sem ter uma profissão ou carreira fora do ambiente doméstico. A cerca disso, o autor assim se expressa:

Que poesia não me dirão, encontrará o homem casado com uma *médica, advogada, jornalista, agitadora das massas* para adquirir votação para ser eleita? O homem quando regressa à casa de volta do seu trabalho exausto, muitas vezes desanimado da vida, onde é que ele vai beber novo alento, senão com sua casta e pura esposa, que não terá para ele senão palavras despidas de tudo quanto é duro, palavras doces e meigas que o hão de encorajar (BRANDÃO, 1910, p.53).

¹³ Ramalho Ortigão foi um escritor português que viveu na segunda metade do século XIX e era conhecido por sua crítica à sociedade portuguesa.

A posição do médico em defender que as mulheres não construam carreiras profissionais estava ancorada na ideia de que as mulheres precisavam administrar satisfatoriamente os problemas domésticos, responsabilizando-se pela organização e harmonia do lar, de modo a promover um ambiente acolhedor para o marido quando este retornasse exaurido. Caso a mulher possuísse uma profissão como médica, advogada, jornalista, esta chegaria em casa nas mesmas condições do marido e ambos compartilhariam as queixas gerais de cada trabalho e, segundo o autor, no entendimento das crianças haveria “dois homens (BRANDÃO, 1910, p.53)” chegando em casa. Não haveria a mulher para abrandar as irritações e preocupações masculinas “por meio de carícias que só elas sabem fazer (BRANDÃO, 1910, p.54)”. E por fim cita novamente o médico italiano Paolo Mantegazza, dizendo que a realização das mulheres, que tinham quando criança sonhado com alguma profissão, se daria quando a mesma se casasse com um homem que exercia a profissão que ela sonhara para si. Ou seja, a realização da mulher seria através do marido ou dos filhos, nunca por si própria.

Ainda trabalhando com as oposições, Brandão questiona a capacidade das mulheres atuarem como juízas:

E quando a mulher tivesse de dar uma sentença como juiz? Ela que é dominada pelas paixões e pelo sentimentalismo, que não admite reticências na sua vontade, que é muito mais vingativa do que o homem? *Vindicta Nemo magis gaudet quam femina*. Isso não é uma verdade? Eu, para mim, não quero esta espécie nova de mulher, quero uma *mulher mesmo mulher*. (BRANDÃO, 1910 p.55)

Esse argumento se alia às prerrogativas masculinas, cuja racionalidade possibilitava aos homens agir de maneira mais isenta. Novamente reforça a ideia da necessidade que o homem tem de encontrar um lar acolhedor, onde pudesse descansar e esquecer momentaneamente os problemas do trabalho e que deveria ser providenciado pela esposa como um complemento que garantia o bom funcionamento social a partir do cumprimento das funções destinadas a cada sexo.

O autor corrobora opiniões da população em geral de que “vemos dedicarem-se geralmente aos altos estudos, as raparigas muito feias, muito histéricas, muito pobres, anômalas em todo caso (BRANDÃO, 1910, p.58)”, reforçando que aquelas que não desejassem se dedicar à maternidade e aos cuidados com o marido e a

casa tinham se desviado desta função natural por alguma anomalia física ou psíquica. E mesmo aquelas que conseguissem aliar a beleza com habilidades, seriam consideradas como fenômenos raros e por isso despertariam admiração e espanto, mas infelizmente não conseguiriam marido. Tratava-se, segundo esse médico, de “uma hermafrodita psicofísica” (BRANDÃO, 1910, p.59.) a quem ninguém queria desposar.

Raul Brandão defende em sua tese, que mulheres que não se adequavam ao modelo socialmente reconhecido, naquele momento, se convertiam em figuras exóticas que, portanto, não eram incluídas nas instituições sociais como o casamento. Instituição esta, que segundo o autor, só poderiam participar aqueles e aquelas que se adequassem aos papéis sociais que lhes eram impingidos. Desta forma citando as ideias de Mantegazza, o médico indica sua ideia de amor e de casamento ideal:

O amor é uma afinidade química: os seus compostos são tanto mais estáveis quanto mais diversos são os elementos que nele se combinam. O ideal do perfeito casamento é a combinação de um homem muito homem, *homissimo*, e de uma mulher muito mulher, *mulheríssima*. Toda vez que o homem possui caráter feminino e a mulher caráter viril, a afinidade química diminui de intensidade e a combinação altera-se e destrói-se, ao menor choque ou ao primeiro contato de um terceiro corpo que intervenha e que possua maiores afinidades que a de um ou de outros dos elementos. (MANTEGAZZA apud BRANDÃO, 1910, p. 59).

Do trecho acima, é possível depreender mais uma vez, a ideia dos dualismos, a partir da qual o encontro amoroso e o casamento só são possíveis a partir da complementaridade dos elementos que o constituem. Dessa forma, parece ser essencial para o autor reafirmar sempre a oposição entre masculino e feminino a partir de um conjunto de características que se complementam. Se a ação principal do homem se dá no espaço público principalmente através do seu trabalho, a atuação da mulher só pode se dar de forma complementar, no espaço privado através da maternidade e do gerenciamento das atividades domésticas, bem como do suporte emocional que deverá ser dado ao marido, ao transformar o lar em um ambiente acolhedor no qual ele poderá se refazer emocionalmente para enfrentar os dilemas e atribuições da vida pública.

No sentido de compreender o funcionamento do mundo a partir de uma dualidade complementar, era fundamental que os papéis de gênero fossem demarcados de forma inequívoca. E para tanto, além de ter trazido o argumento científico, ressaltando a importância do papel feminino na reprodução e, portanto, perpetuação da espécie, Brandão finaliza sua tese ironizando argumentos religiosos sobre as mulheres presentes na religião católica, cujo preceito principal reside no amor, na bondade e no perdão. Entretanto Raul Brandão transcreve os argumentos religiosos que contradizem esses preceitos para com as mulheres:

Eis aí! – Santo Antônio: – “Origem dos crimes, arma do diabo! Quando vedes uma mulher, acreditai, que não tendes diante de vós um ser humano, nem ainda um animal feroz, mas o diabo em pessoa. A sua voz é o silvo da serpente”. São Boaventura: – A mulher é semelhante ao escorpião, sempre pronta para morder. São Crysostomo – A mulher é a peste das pestes! Dardo do demônio! Por intervenção dela, venceu o demônio a Adão e lhe fez perder o paraíso. São João das damas: – A mulher é uma burra má, Uma horrível tênia, que tem a sua sede no coração do homem; filha da mentira, sentinela avançada do inferno, que expulsou adão do paraíso; indomável Belona, inimiga jurada da paz. São João Chrysólogo: – Ela é a causa do mal, a autora do pecado, a pedra do túmulo, a porta do inferno, a fatalidade das nossas misérias. São Jerônimo: – A mulher, entregue a si própria, não tarda a cair na impureza. Uma mulher sem mácula é mais rara do que a Fênix. É a porta do demônio, o caminho da iniquidade, o dardo do escorpião em suma uma perigosa espécie. *Que miseráveis!!!*

O autor ironiza a forma que a religião católica trata as mulheres, tentando se colocar em uma condição diferente, na medida em que busca trabalhar com argumentos científicos em oposição às credences e dogmas religiosos, os quais critica ao longo do seu trabalho.

Assim Raul Brandão propôs uma Educação Sexual cujos objetivos principais expressaram: a necessidade de controle da sexualidade no sentido de evitar a iniciação precoce; a prevenção de doenças; a contenção dos excessos sexuais; a seleção de casamentos, impedindo a reprodução de pessoas com doenças hereditárias, transtornos mentais e doenças incapacitantes para o trabalho, como a sífilis a tuberculose, além das doenças com implicações sociais graves como o abuso de álcool e outras drogas; e por fim, a manutenção dos papéis de gênero tradicionais, bem como suas respectivas hierarquias.

Apesar de trazer alguns argumentos científicos, a Educação Sexual proposta por Raul Brandão é essencialmente de cunho moral. Ao que nos parece, o autor

utiliza sua posição como representante do discurso acadêmico-científico para reafirmar uma dada moral sexual.

Cap. 3 ÍTALA SILVA DE OLIVEIRA: DA SEXUALIDADE À EDUCAÇÃO SEXUAL

Ítala Oliveira nasceu em Aracajú-SE em 1897, onde estudou inicialmente como interna no colégio Nossa Senhora de Lurdes. Prosseguiu seus estudos no Atheneu Sergipano, onde cursou o ginásio, ao final do qual recebeu o título de Bacharel em Ciências e Letras, e posteriormente realizou o curso Normal no mesmo local. A futura médica iniciou suas atividades como professora logo após a conclusão do curso de Bacharelado. Em sua atuação como professora, teve uma forte ação política em sua cidade, participando de cursos de alfabetização para adultos e defendendo sempre a instrução feminina. Esteve presente como 1ª Secretária na Liga Sergipana de Combate ao Analfabetismo. Atuou também como professora de física, química e história natural da Escola Normal de Aracaju. Escrevia para jornais, sempre abordando as questões sobre educação, chegando a travar um debate com o Diretor da Instrução Pública, sobre a falta de consistência e atualização dos materiais utilizados na escola Normal (FREITAS, 2003).

Ítala foi estudar na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1922 obteve o título de parteira e formou-se em medicina em 1927, apresentando a tese “Da sexualidade e da Educação Sexual”. Em nossa pesquisa nos livros de ata das reuniões de congregação e outros arquivos da Faculdade de Medicina da Bahia, não encontramos nenhuma referência à banca examinadora da tese de Ítala, e nem comentários sobre a mesma.

O tema desta tese já enseja certa polêmica, ainda mais por ter sido proposto por uma mulher. Segundo Vanin (2010) a escolha do tema está vinculada a sua posição como feminista, cujas principais pautas da educação feminina, já vinham sendo defendidas através da sua atuação como educadora, ainda em sua cidade natal. Tal posição aparece claramente na tese desta médica, que dedica uma seção de sua tese à defesa do feminismo e também à ideia de coeducação, que consiste na convivência de moças e rapazes nos mesmos colégios ao contrário da estrutura educacional da época, na qual as escolas eram separadas por sexo.

A tese está dividida em três partes, subdivididas em seções ou capítulos e mais um capítulo de conclusões. A primeira parte está dividida em cinco seções nas quais a médica versa sobre aspectos da anatomia e fisiologia do aparelho genital masculino e feminino e também sobre as relações entre o sistema nervoso e os aparelhos reprodutores, processo de fecundação e desenvolvimento embrionário dos aparelhos genitais. Na segunda parte trata da definição do que é sexo; da necessidade do sexo para os seres humanos; da hereditariedade; e da ação hormonal. Na terceira e última fase apresenta seções sobre “A importância e necessidade da Educação Sexual”, trata da “Co-educação”, que defende educação de moças e rapazes na mesma escola, o que não era muito comum para a época, em que a maioria das escolas era separada por sexo. Ítala defende a educação sexual para os dois sexos, segundo ela: “É mister dar aos 2 sexos uma educação que os eleve e faça compreender a vida com as suas dores e as suas lutas, mas também com as suas compensações e alegrias que ela também as tem sim.” (OLIVEIRA, 1927, Apresentação). Ainda na terceira parte da tese existe um capítulo denominado “Prejuízos e reformas: infância” que trata dos problemas causados pela iniciação sexual precoce das crianças e das formas de evitá-la através da vigilância das mães e dos cuidados com a higiene. Destaca-se, que essa temática da iniciação sexual precoce era um tema recorrente na época e também foi abordado pelo médico Raul Brandão, discutido no capítulo anterior. Na sequência, a médica apresenta um capítulo sobre “A questão feminista” no qual rebate diversas críticas feitas ao feminismo naquele momento, esclarecendo alguns dados sobre a suposta inferioridade biológica feminina, defendida por autores da época. Apresenta ainda capítulos sobre a puberdade, o casamento, a velhice e por fim expõe suas considerações finais.

Na apresentação da tese a autora fala sobre a escolha do tema, destacando que durante sua vida acadêmica, foi frequentemente demandada a realizar orientações sobre a sexualidade, o que lhe chamou atenção para a importância da temática. Apesar disso, confessa que ficou temerosa de abordar o tema, devido a sua complexidade. Traz também o fato de ser mulher como algo que talvez chame atenção e a coloque em uma posição delicada, pois estaria ferindo o decoro, como mulher, ao abordar tal tema. Entretanto, Ítala se coloca na condição de porta-voz das mulheres:

A todos eu direi: o sofrimento, a dor e a agonia, só gramaticalmente tem gênero. Elas prendem, enastam, o homem, assim como a mulher. E essa pobre metade do gênero humano, torturada e consumida tem também o direito de se fazer ouvir, no seu benefício próprio que é o benefício de seus filhos amanhã. (OLIVEIRA, 1927, Apresentação)

Em seguida, deixa claro que sua abordagem da sexualidade e da educação sexual será do ponto de vista da ciência:

Não é minha pretensão focalizá-lo em face da religião ou da moral. Não, a religião e a moral tem que vir de encontro às aspirações e aos desejos de felicidade e perfeição humanas; tem que vir de encontro às tendências naturais e lícitas do homem, se elas quiserem ser moral, são e religiosamente verdadeiras. Muito outra é a questão. É à luz do fator ciências que o problema se posa. (OLIVEIRA, 1927, Apresentação)

Além do destaque sobre a linha de abordagem do trabalho, a médica destaca a necessidade da Educação Sexual a partir do contexto social marcado pelo acesso de mulheres ao mundo do trabalho, bem como da atuação do movimento feminista na luta pela equidade de direitos como o do voto e da educação. Tais situações, segundo Ítala, demandavam uma Educação Sexual.

As conquistas sempre crescentes do feminismo, o contato permanente e contínuo dos dois sexos, no labor diuturno, nas fábricas, como nas oficinas, nos laboratórios, nas escolas superiores, nas indústrias, assim como no comércio, estão a pedir nos programas de ensino, ao lado da educação física, da moral e da intelectual, um lugar para a educação sexual. (OLIVEIRA, 1927 Apresentação)

A autora deixa claro, portanto, sua ideia de Educação Sexual como parte de educação integral dos indivíduos. E ainda na apresentação, faz uma defesa do feminismo, esclarecendo seu entendimento sobre este movimento:

O feminismo tem que ser a concorrência leal e honesta na luta pela vida, não o afã de trabalhar ao lado do homem, numa intenção calculada e mensurada de despertar-lhe na carne, já de si solicitada por mil fontes de excitação, o aguilhão forte e poderoso do sensualismo [...] Muito menos o feminismo há de ser a ânsia da mulher em querer suplantar o homem substituindo-o, lá fora, no turbilhão da vida. (OLIVEIRA, 1927 Apresentação)

Em seguida defende a educação das mulheres que, juntamente com o direito ao voto, era a principal reivindicação do movimento feminista da época. Ítala tinha como foco principal educação da mulher, em consonância com o feminismo da época. A Educação Sexual estava incluída em um projeto maior de educação geral das mulheres, que se iniciou com a sua participação nas Ligas de combate ao analfabetismo quando ainda trabalhava em seu estado natal (Sergipe).

3.1 CONHECENDO O CORPO SEXUADO NA PERSPECTIVA CIENTÍFICA: ASPECTOS ANATÔMICOS E FISIOLÓGICOS DO SEXO

Já no preâmbulo, Ítala destaca aspectos da condição biológica do ser humano como a reprodução e sua importância para a perpetuação das espécies, e resume:

A finalidade biológica da vida é bem verdade ser a reprodução, sem o que as espécies não se perpetuariam no tempo e no espaço. Como todos os animais, que animal ele também o é, o homem vive sobre o duplo domínio da nutrição e da reprodução (OLIVEIRA, 1927, Preâmbulo p. XXIII).

Apesar de tratar explicitamente de aspectos biológicos da reprodução, a médica destaca que o mecanismo do coito não será tratado no texto da sua tese, e o prazer será tratado como um elemento para garantir a reprodução:

O mecanismo do coito, não o estudaremos aqui, se bem que ele mereça observações a seu tempo; um ponto no entanto queremos ressaltado – o prazer genésico, a volúpia não é o fim da união sexual, é antes um artifício que lança mão a natureza, para conseguir o fim visado, é um meio e não o objetivo da cópula (OLIVEIRA, 1927, Preâmbulo p. XXIV).

Desta forma, a médica deixa claro que vai dar destaque a aspectos biológicos da sexualidade humana, como elementos para apresentar suas ideias sobre

Educação Sexual. Destaca por exemplo os aspectos da sedução feminina como artifícios criados pela natureza para garantir a reprodução dos seres humanos, visto que estes, diferentes dos demais animais não seriam motivados somente pelo ato sexual, o que poderia levar a extinção da espécie.

Ainda no preâmbulo, a médica chama atenção para a unidade chamada “aparelho da geração” que seria formada pela junção dos dois aparelhos reprodutores os quais aparecem como complementares demarcando a atração sexual entre sexos oposto como comportamento normal, visto que possibilitaria a reprodução. É interessante ressaltar a ideia de oposição complementar indicada na forma como os aparelhos são denominados:

O aparelho da geração, na espécie humana é composto de duas partes, agrupadas em um sistema único só durante a conjugação, e são elas a parte positiva ou masculina e a negativa ou feminina.

Num, assim como no outro, o aparelho é sede de uma secreção e de uma necessidade de excretar. Para que essa carência se faça satisfeita é de mister que a função sexual se execute (OLIVEIRA, 1927, Preâmbulo p. XXVI).

Na primeira parte, a médica aborda o aparelho genital masculino organizando seus componentes em três grupos: órgãos secretores – os testículos; vias para excreção do esperma: epidídimo, canais deferentes, condutos ejaculadores, canal da uretra; glândulas acessórias: vesículas seminais, próstata, glândulas de Cowper; e o órgão viril ou pênis.

Posteriormente, passa a uma descrição anatômica dos testículos e estabelece um paralelo entre a função dos testículos no homem e a dos ovários nas mulheres.

Durante a narrativa sobre o aparelho reprodutor masculino a médica faz questão de uma descrição bastante detalhada das estruturas, demonstrando um farto conhecimento sobre as estruturas e fenômenos, assim como um diálogo com os debates contemporâneos sobre teorias nesta área.

Por fim, a autora descreve a porção esponjosa do canal uretral, correspondente à parte peniana do canal, revestida por tecido esponjoso e erétil preenchido por um conjunto de alvéolos bastante finos e irregulares. Os corpos esponjosos apresentam três regiões com dilatações, o bulbo, localizado na base do

pênis, a glânde, na parte anterior do pênis e na base da glânde, onde existe uma dilatação um pouco acima do corpo do pênis, formando uma região chamada coroa. A uretra mantém ligação direta com a glânde do pênis e com a bexiga, o que segundo a autora, deve ser considerado na investigação de inflamações da uretra que possam se ramificar para órgãos vizinhos, visto que a mesma se liga aos canais ejaculadores, vesículas seminais, canais deferentes e até epidídimo.

Ítala destaca as ligações entre a uretra o pênis e os riscos das infecções, com a intenção de explorar futuramente as consequências das doenças venéreas, visto que as mesmas atuam nestas vias do organismo.

O pênis é descrito como:

[...] órgão da cópula no homem e seu mister é, no ato da geração, levar o esperma às partes genitais da mulher, para com facilidade, permitir a fecundação.

Ele é essencialmente constituído por formações eréteis, mercê das quais pode e deve preencher a função importantíssima que lhe é outorgada (OLIVEIRA, 1927 p.43-44).

Além de demarcar a função do pênis na reprodução, a médica também faz observações sobre aspectos raciais ligados ao tamanho do pênis, que foram incorporados pela população ao longo da história mais recente da área, como podemos destacar no trecho que segue: “O pênis tem forma cilíndrica e comprimento e grossura variáveis na razão do temperamento e raça do indivíduo” (OLIVEIRA, 1927, p.44). É interessante que, da mesma forma que a médica relaciona o tamanho do pênis como “temperamento” do homem, mais adiante também vai associar o aspecto e a coloração dos grandes lábios e da vagina, como o temperamento da mulher, buscando inferir relações entre o comportamento sexual e a conformação biológica dos órgãos sexuais. Tais observações indicam uma forte ancoragem das ideias dessa médica na influência das características biológicas sobre os comportamentos sociais das pessoas.

Ao se referir ao esperma, além de falar do seu processo de produção e composição Ítala insere, o que consideramos como um tópico de Educação Sexual, ao mencionar a relação entre a quantidade de esperma e o “uso ou abuso do coito” em um certo tom de advertência, como pode ser visto no trecho que segue:

Secretado pelos testículos e expulso por contrações vermiculares dos canais deferentes, chega a extremidade desses, alcança a abertura dos canais ejaculadores e das vesículas seminais, onde permanece até o momento do espasmo venéreo ou até quando distendidas ao máximo, as vesículas, para dele se libertarem o expulsando.

Sua eliminação se faz em quantidade variável conforme o indivíduo e num mesmo homem ele é relativo ao uso ou abuso do coito. (OLIVEIRA, 1927, p.46)

Essa preocupação sobre o maior ou menor volume de esperma em relação a frequência da atividade sexual era muito comum em manuais de higiene da época e também foi discutida por outros autores que tratavam da Educação Sexual, como Paolo Mategazza, e no Brasil, José de Albuquerque e Antônio Austregésilo. Era portanto, um enunciado comum a vários autores que trabalhavam com essa temática.

Ainda falando sobre os órgãos masculinos, ao descrever o fenômeno da ereção, a autora destaca o preenchimento dos tecidos do pênis através da circulação sanguínea, causando a “intumescência” que caracteriza a ereção. Ítala chama atenção de um aspecto importante: a parte da circulação sanguínea, que permite a ereção, só ocorre se for “[...] acompanhada do desejo sexual” (OLIVEIRA, 1927, p.50).

Na sequência, a médica inicia a descrição do aparelho genital feminino. Sua apresentação deste aparelho ocorre de modo a dar sempre destaque às funções de reprodução e parto como ponto de culminância da vida das mulheres. A autora cita um anatomista da época A. Siredey, em seu tratado de ginecologia, que chama atenção para o fato de que, diferente do aparelho genital masculino que também é responsável pela função excretora, visto que a uretra masculina serve tanto ao aparelho reprodutor quanto ao urinário, o feminino tem a função exclusiva de reprodução.

Ítala discorda dessa visão de que o aparelho reprodutor feminino não tem relação com outros órgãos do corpo:

Sem a autoridade do mestre e sem a competência dos estudiosos, eu me aventuro a dizer que não. A relação entre o aparelho genital e os demais distritos da economia é mais íntima do que se supõe e se faz sentida de um modo notável, da puberdade à velhice (OLIVEIRA, 1927 p.53).

Para corroborar suas afirmações a médica cita alterações nervosas que ocorrem em diversas fases do ciclo reprodutivo das mulheres:

Considerando os tributos periódicos, as gestações e partos, as excitações e irritações dos órgãos de geração, busquemos ver tudo isso, como repercute sobre o sistema nervoso e daí à economia toda inteira, e sendo assim, parece que o autor citado falece de razão. (OLIVEIRA, 1927 p.53)

É importante destacar que, Ítala ao demarcar a relação dos órgãos reprodutores femininos com outras funções do corpo, principalmente com o sistema nervoso, corrobora uma posição da medicina da época, que destacava fortemente a influência desses órgãos na origem das doenças nervosas femininas. Rohden (2001) destaca no trecho abaixo a visão que os médicos da época tinham sobre os impactos da menstruação na saúde mental das mulheres:

A menstruação expressa de uma maneira única o caráter instável e suscetível da constituição física e mental da mulher. Nas fases críticas de seu aparecimento na puberdade e do seu fim na menopausa, mas também durante todo o período de sua recorrência, a mulher está sujeita a intensas perturbações. É quase como se a condição de mulher, por sua própria natureza, beirasse a patologia. As manifestações dessa condição diagnosticadas pelos médicos, embora possam assumir caracteres físicos, são principalmente de ordem mental. Na verdade, às vezes a relação é de tal forma intrincada, que eles se sobrepõem. Os genitais parecem ter uma capacidade singular de interferência na estrutura da mente feminina. (ROHDEN, 2001, p. 127)

Após essas considerações, a autora inicia a descrição dos ovários, na qual destacamos um trecho em que relaciona a função ovariana com a própria caracterização feminina ou feminilidade:

Seja como for, a glândula ovariana fixando o sexo e determinando os caracteres sexuais, firma as particularidades essencialmente femininas, o que já fazia Virchow dizer que: “Estirpem-se o ovário e o virago nos aparecerá em sua horrenda imperfeição” (OLIVEIRA, 1927 p.56).

Em sua pesquisa nas teses médicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Fabíola Rohden (2001) destaca os frequentes debates na comunidade médica sobre as cirurgias de extirpação de ovários, que eram citadas como forma de

tratamento dos quistos ovarianos, mas também eram referidas como possibilidades de tratamento para distúrbios mentais. A autora cita inclusive a tese do médico José Rodrigues dos Santos Filho, que trata dos debates sobre a ovariectomia e, “[...] apesar de não fazer referências diretas à relação com as perturbações mentais, Santos menciona que a ovariectomia se originou na tentativa de um pai de coibir os desejos sexuais da filha por meio da castração” (ROHDEN, 2001, p.146).

Ao contrário disso, Ítala chama atenção para a função dos ovários na caracterização da feminilidade, criticando essas práticas que buscavam um controle das “paixões” femininas.

Assim como Egas-Moniz (1901) também destacou a função da vagina como órgão da cópula, além de veículo de eliminação da menstruação e secreções uterinas, e também de transporte do feto e de seus anexos ao exterior do corpo feminino.

A apresentação da vagina e de suas características é feita a nível anatômico, sendo que a autora não se refere a nenhuma das implicações sociais relacionadas com a presença do hímen intacto como demonstração da virgindade. Entretanto, em relação à vulva, menciona uma suposta diferença de coloração dos pequenos lábios entre mulheres virgens e não virgens.

Entretanto, Ítala vai destacar as implicações da masturbação feminina como causadora de alterações na conformação anatômica dos órgãos genitais:

Os excessos e sobretudo os vícios que muitas mulheres tem de se entregarem a práticas indecorosas com pessoas e mesmo por cãesinhos de luxo que com elas dormem, fazem, outrossim alongar demasiadamente o tamanho das ninfas, podendo fazê-las cair na terrível doença chamada ninfomania (OLIVEIRA, 1927, p.62-63)

O tamanho dos pequenos lábios ou ninfas foi descrito pela médica como um atributo anatômico que estaria fortemente relacionado ao comportamento da mulher:

A ninfa pequena é atributo da primeira idade, e sinal de contingencia, segundo uns.

Parece, no entanto, que o temperamento da mulher influi para isso também. Temo-los vistos pequenos, não ultrapassando a fenda vulvar, em casadas ou mulheres que já tiveram relações sexuais, e também, grandes projetados para fora da vulva em virgens, de temperamento sexual, aliás um pouco forte (OLIVEIRA, 1927, p. 63).

O discurso de Ítala referente à relação entre comportamento sexual, no caso, atividade sexual com um parceiro para as mulheres casadas ou a masturbação para as solteiras, utilizou do argumento científico, a alteração anatômica dos órgãos (produção de uma alteração morfológica), para então legitimar certos comportamentos, como o sexo no casamento e excluir outros, como a masturbação. Este discurso, utilizado por Ítala, embora a mesma não mencione, utiliza as mesmas ideias de Egas Moniz (1901) o que pode indicar que ambos se orientavam pelas mesmas teorias.

Ainda falando sobre a vulva, a médica destaca a importância dos cuidados de higiene nesta região como parte de uma relação respeito e cuidado com o parceiro considerada muito importante no casamento. Destaca também que a falta de higiene na região pode levar a irritações que, por sua vez, podem estimular a masturbação, prática condenada por Ítala e outros autores da época.

3.2 CLITÓRIS, HÍMEN E OUTROS ASPECTOS DA GENITÁLIA FEMININA: ENTRELACAMENTO DA BIOLOGIA E DA CULTURA NO TEXTO DA MÉDICA ÍTALA OLIVEIRA

Ítala abre um tópico para tratar especificamente do clitóris, naquele período chamado de *Clitorides* (grifo nosso). A médica chama o clitorides de “aparelho erétil feminino” fazendo uma clara correlação com o papel do pênis nos homens, destacando inclusive que são constituídos pelos mesmos tipos de tecidos, estabelecendo uma homologia entre os órgãos. Apresenta o órgão como responsável pelo prazer feminino, reforçando mais uma vez a relação entre o seu tamanho e a prática sexual da mulher:

O tamanho do clitorides varia com o temperamento, a raça e a prática do ato carnal.

O clitorides é o órgão do prazer, o órgão da voluptuosidade venérea da mulher.

Pode adquirir um tamanho muito grande em relação ao normal, nas mulheres que se entregam às práticas masturbatórias, ou ao coito repetido (OLIVEIRA, 1927, p.65).

Desta forma a autora destaca as implicações da masturbação e do coito repetitivo para aspectos anatômicos do corpo feminino.

Em seguida a médica abre um tópico específico para falar sobre o hímen, descrevendo-o como uma membrana mucosa que está presente na entrada da vagina, possuindo um orifício cujo formato pode ser variado e inclusive não ter nenhuma abertura, o que só se percebe na puberdade, a época em que deveria ocorrer a primeira menstruação. Após essa descrição mais anatômica, a médica discorre sobre uma questão importante, que é a ausência do hímen, destacando que a mesma nem sempre atesta que a jovem já teve relações sexuais, trazendo à tona uma série de outras possibilidades. Vejamos no trecho que segue:

Ao primeiro coito ou introdução de um corpo volumoso, a hímen cede e seus retalhos se retraem empós sob a forma de pequenas saliências – As *carunculas myrtiformes*, razão porque é sempre sangrento o primeiro contato carnal.

A sua ausência não fornece por si só prova suficiente para se acusar uma rapariga que se apresenta como virgem.

Sabemos bem que regras abundantíssimas, leucorréias, corrimentos outros, injeções vaginais reiteradas ou quedas, podem desfazê-las nas virgens.

Isso implica uma dificuldade grande para o médico legista quando tem que se pronunciar sobre um defloramento em casos que tais [sic] (OLIVEIRA, 1927, p.66-67).

A médica comenta que apesar do exposto acima, a presença do hímen ainda é utilizada como sinal de virgindade, mesmo que a jovem já tenha experimentado “excitações e outras práticas moralmente condenáveis”. (OLIVEIRA, 1927, p.67)

Dando sequência ao texto, Ítala comenta ainda sobre a diferença de localização do hímen nas crianças, mais internamente do que nas mulheres jovens e adultas. Descreve as glândulas de Bartholin destacando sua analogia com as glândulas de Cooper, masculinas, sendo ambas responsáveis pela lubrificação, da vagina e da uretra, respectivamente. Vale destacar no trecho que segue o comentário da autora sobre uma possível ejaculação feminina:

Elas fornecem um líquido límpido, destinado a lubrificar a entrada da vagina quando da introdução do pênis.

Pode acontecer, sob as influências do constritor vaginal, este líquido seja vivamente projetado para fora; é o que se pretende chamar *ejaculação na mulher*.

Sob o império dos desejos amorosos esse líquido é secretado mais fartamente e vem umedecer notavelmente a vulva, isso para fora de qualquer relação sexual. (OLIVEIRA, 1927, p. 68)

Neste ponto, notamos que a médica trata de temas bastante avançados para época, e que são polêmicos ainda nos dias atuais, como o prazer e a própria ejaculação feminina. Ainda falando sobre a vagina, Ítala prossegue com a descrição anatômica, porém apresentando descrições fisiológicas do prazer feminino na relação sexual: “Contrações e ereções citadas... (*referindo-se ao bulbo vaginal*)...se verificam durante o ato carnal, cerrando intimamente o pênis e contribuindo assim para sensações voluptuosas que acompanham o ato” (OLIVEIRA, 1927, p. 68). Ítala destaca a importância do prazer feminino na relação sexual, o que reafirma mais adiante quando vai falar sobre o relacionamento sexual no casamento.

É importante destacar o caráter original de suas afirmações, visto que, o prazer feminino era frequentemente ignorado pelos homens, nos relacionamentos e também por médicos e médicas, pois sua ausência não comprometia a reprodução. Ainda tratando da relação sexual, a autora chamou atenção para a questão do vaginismo que requeria intervenção médica pois poderia trazer implicações para a vida do casal¹⁴,.

Por outro lado, descreve as alterações celulares que determinam o amadurecimento do ovócito e, a relação desse com o espermatozoide na reprodução humana. Sobre isso, Ítala faz a seguinte afirmação: “Agora o óvulo só se reproduzirá sob a impulsão criadora que lhe der o núcleo do espermatozoide” (OLIVEIRA, 1927 p.72).

Ítala demonstra que tanto as células germinativas masculinas quanto as femininas são ativas no processo reprodutivo, do que se pode inferir que homens e mulheres podem ter um papel ativo na relação sexual bem como na sociedade. Ou seja, a autora contraria a ideia de passividade feminina. Desta forma, demarca a

¹⁴ O vaginismo, segundo a própria autora, é um espasmo doloroso da vagina que impede ou torna dolorosa e às vezes impossível a conjugação. (OLIVEIRA, 1927 p.69)

nível celular os atributos de gênero, fazendo uma ancoragem biológica para prerrogativas socioculturais de homens e mulheres.

Outro aspecto interessante sobre este mesmo tema aparece quando ela trata da menstruação fazendo relação direta com a vida sexual da mulher, porém não estabelecendo vínculo entre a maturação sexual e casamento como pode ser percebido no trecho que segue:

Se bem que o aparecimento da menstruação esteja a indicar o ingresso da mulher na puberdade, e, posto que sua vivência caracterize a vida sexual feminina, contudo a nubildade¹⁵ não é contemporânea da puberdade (OLIVEIRA, 1927 p.75).

Ítala também aponta para o que aparenta ser um debate no campo científico sobre as relações entre a menstruação e a ovulação, como pode ser visto no trecho abaixo:

As teorias invocadas para explicar a correlação existente ou negada entre essas duas funções, tem sido várias; não comporta discussão sobre tanto neste resumo; uma coisa unicamente está assentada hoje, é que podendo uma existir sem a outra, elas se associam no comum dos casos. (OLIVEIRA, 1927, p.75)

A médica estabelece uma relação entre menstruação e ovulação, mas depois faz questão de esclarecer que essa posição ainda não se encontra devidamente sedimentada no meio científico, comportando ainda posições diversas. O que mais uma vez corrobora sua atualização em relação aos debates científicos da sua época.

A menstruação é tratada pela médica não somente como um fator biológico, mas como um rito social que marca a passagem da infância para a juventude. Sua análise inclui, portanto, os fatores sociais. Neste sentido, novamente se percebe que a médica vincula os fenômenos biológicos aos papéis sociais atribuídos às mulheres como a função da maternidade e uma certa resignação em relação aos sofrimentos, iniciando por aqueles atribuídos aos ciclos biológicos, como a menstruação por exemplo:

¹⁵ O termo nubildade, de acordo com Bueno (1981) se refere à qualidade de núbil (que está em idade de casar); qualidade de casadouro.

É um dever acostumar a mulher desde a aurora da puberdade, a suportar valentemente as mil pequenas misérias da vida, ao preço das quais ela compra as suas mais santas e puras alegrias – as delícias da maternidade; a vida prolongada através de brotos que são a carne de sua carne, o sangue de seu sangue.

A missão da mulher mãe na educação dos filhos avulta aqui. Mas a incúria do nosso péssimo sistema educativo esquece de ensinar a menina a, desde cedo, conhecer os mistérios do seu sexo, evitando-lhe martírios, falando-lhe do zelo a sua saúde, protegendo sua vida, em suma (OLIVEIRA, 1927, p.77).

Neste ponto, a médica reafirma a importância da educação das meninas em relação ao conhecimento de seu próprio corpo e dos cuidados com a saúde. Chama atenção para que as relações entre mãe e filha possam ser de amizade e cumplicidade, favorecendo esses ensinamentos. Destaca portanto, o papel da mãe como educadora sexual, orientando as filhas desde os cuidados com a higiene até a identificação de possíveis moléstias e o encaminhamento aos cuidados médicos para sua prevenção e tratamento, conforme o caso.

Continuando a tratar sobre a relação sexual e a fecundação, a médica discute a ereção feminina, esclarecendo a pertinência do tópico, visto que ao traçar um plano para o estudo e apresentação dos “aparelhos de geração” masculino e feminino, estabeleceu os mesmos tópicos a serem abordados e ambos. Neste ponto, Ítala corrobora as características tradicionalmente entendidas como femininas, vinculando-as a elementos biológicos (OLIVEIRA, 1927 p.79).,

Em seguida a médica demarca que diferente da mulher a ereção masculina é essencial para a fecundação. Entretanto, mesmo deixando claro que não se trata de um fenômeno essencial para a fecundação, descreve a ereção feminina ocorrendo de forma análoga à masculina, tendo o clitóris um comportamento semelhante ao do pênis, o que favorece o prazer durante a relação sexual.

Apesar de deixar bem claro que a ereção, evidência do prazer feminino, não é necessária para a concepção, ao descrevê-la, Ítala a coloca no mesmo patamar da ereção masculina, provavelmente para demarcar a importância do prazer feminino, visto que os mecanismos são idênticos.

De outro lado, se as necessidades biológicas femininas não estão sendo satisfeitas, em função de uma crença socialmente difundida, de que elas não são

necessárias, isso pode ter como consequência certos distúrbios nervosos como a histeria por exemplo. Para tanto, Ítala começa a discutir a relação entre os sistemas nervoso e sexuais/reprodutivos.

Para falar dessa integração entre os sistemas, recorre ao escritos de Tito Lívio de Castro, em seu livro “A mulher e a sociogenia”. No caso dos órgãos genitais, as conexões são feitas inicialmente com a medula e posteriormente com o cérebro. Cita exemplos de como a excitação em certos pontos da medula produz resposta nos órgãos genitais sem a consciência, visto que essa última é produção do cérebro. Destaca também o papel que as imagens podem ter na excitação sexual de uma pessoa.

Um aspecto levantado pela autora é a influência da moral sobre o sistema nervoso e sobre o aparelho genital. Cita o exemplo da menstruação que pode atrasar ou antecipar por questões de ordem nervosa. Ao final desta seção Ítala destaca que finaliza a primeira parte da tese que trata de aspectos anatômicos e fisiológicos e que foi apresentada como uma preparação para o assunto que se propôs a abordar.

Ao tratar especificamente da fecundação buscou apresentar o ato sexual como uma função fisiológica, e, portanto, desprovida de moralidade, diferente de outros autores da época que associavam sexo e moral. Assim, descreveu o coito:

O coito resulta da união dos dois sexos a fim de conservar e perpetuar a espécie; é ele ao mesmo tempo o ato essencial, fisiologicamente dizemos, da aproximação sexual, princípio e fim de todas as necessidades físicas e morais, que se chama – amor.

Seu objetivo principal, o deixamos patente, é a reprodução contínua da espécie e a natureza por tanto empenho nesse sentimento de renovação que o indivíduo, para satisfazer essa soberana onipotente, esquece-se, não raro, de si mesmo (OLIVEIRA, 1927, p. 89-90).

Prossegue dando destaque ao ato sexual, cuja função é assegurar o encontro do ovócito e do espermatozoide, sendo todas as outras etapas secundárias, relata que todas as etapas desde a ovulação até a movimentação uterina ocorrem no sentido de garantir a fecundação. Em seguida descreve a fase inicial do desenvolvimento embrionário, destacando a formação dos condutos de Wolf e Müller, em que um dos dois irá se desenvolver ou atrofiar, caracterizando o

desenvolvimento de apenas um dos sexos. No caso da atrofia dos corpos de Wolf os condutos de Müller se desenvolverão originando as trompas e o útero. Caso haja o desenvolvimento dos corpos de Wolf, a partir do qual serão formados os epidídimos, o canal deferente e condutos ejaculadores.

É interessante notar que a médica faz toda uma descrição das transformações anatômicas que vão originar os órgãos genitais, tanto masculinos quanto femininos que ocorrem sob a influência dos hormônios, sobre os quais vai discutir em outro ponto do trabalho. Na verdade, essa descrição é o reflexo do estado da arte da fisiologia no período¹⁶, no qual médicos e cientistas ainda discutiam preliminarmente a existência e atuação dos hormônios sexuais e seus efeitos no desenvolvimento dos órgãos sexuais e reprodutivos.

Por fim a médica destaca analogia entre o desenvolvimento de estruturas nos embriões masculinos e femininos e o papel primordial dos testículos e ovários na definição sexual como pode ser notado no trecho abaixo:

De tudo isso resulta frisante: a igualdade das disposições anatômicas nos embriões de um ou outro sexo e o registro de que a perturbação levada ao envolver de um sexo, permite, de hábito, realizar disposições que pertençam a outro sexo.

E quantas vezes na confusão de seus trabalhos, na obra admirável da geração, a natureza não erra também, dando-nos um ser que tanto tem de homem como de mulher, um produto híbrido – o hermafrodita, só permitindo se firmar em definitivo o sexo pela presença de ovários ou testículos? (OLIVEIRA, 1927, p. 96-97)

Ainda abordando aspectos biológicos, a autora busca responder questões um pouco mais amplas como o questionamento que faz no início da seção, sobre “Por que o sexo?” a partir do qual pretende discutir a origem na necessidade dos seres humanos de fazer sexo. Cita Paolo Mantegazza ao se remeter aos “pruridos eróticos” que acometem homens e mulheres, como um sinal dessa necessidade do sexo. É interessante destacar que a autora quase sempre associa sexo com amor.

¹⁶ Rohden (2008) cita que a tese do médico Theodorico T. da Silva e Souza, apresentada em 1904, é a primeira a fazer referência à existência de secreções internas produzidas pelos ovários e testículo, a partir das ideias do médico francês Brown Sequard que abriu a discussão sobre a ação destas secreções no sistema nervoso. Souza vai argumentar que a ovariectomia (extirpação dos ovários) trazia como consequência alterações fisiológicas semelhantes à menopausa, visto que a ausência dos hormônios iria configurar uma menopausa artificial, implicando em todos os sintomas dessa fase da vida da mulher.

Buscando responder à questão faz uma retrospectiva dos diferentes tipos de reprodução presente nos seres vivos, desde os mais simples, incluindo as formas unicelulares, partenogênese ou auto-fecundação. Traz como referência o Prof. Joanny Roux, em seu livro “L’instinct d’amour”, que se refere a um momento durante a ontogênese dos seres vivos em que surge, segundo este estudioso, a *necessidade sexual*, que caracteriza, mesmo entre grupos unicelulares, a necessidade dos organismos buscarem uns aos outros para fins reprodutivos. Ítala faz uma analogia entre a união das células de protozoários com a união entre o ovócito e o espermatozoide na fecundação humana. Segundo a médica, semelhante aos protozoários que quando se reproduzem por conjugação saem deste processo renovados, os seres humanos deveriam também buscar a união ideal que pudesse satisfazer adequadamente o casal e não os casamentos por interesse ou ambição:

O casamento, ao invés de ser o cadinho onde a raça se apura e o amor se integraliza todo ele sadio e puro, é, na maioria das vezes, nas sociedades civilizadas, interesse ou ambição, fraude ou embuste, porque uma coisa se faz mister anotada, ao lado das necessidades animais que o casamento sacia: o amor é também afeição, simpatia, cordialidade, e esse conjunto de sentimentos é que fazem do homem um ser sociável. Para que ele possa ser a mais forte e profunda das afeições da existência, para que à luz radiante de seus raios e ao ritmo sonoro das suas belezas, ele possa ser para o homem, harmonia, força, intensidade, luz, carece que a saúde e as qualidades morais sejam as garantidoras mais diretas das conjugações humanas. (OLIVEIRA, 1927, p. 104)

Ainda sobre a fisiologia sexual e reprodutiva Ítala introduz a discussão sobre os hormônios na determinação do sexo, na qual ratifica o papel das glândulas sexuais juntamente com os caracteres sexuais secundários. A autora traz como argumento para sustentar sua posição, a experiências de castração, na puberdade, tanto de homens como de mulheres e as conseqüentes alterações corporais que delas decorrem, a exemplo da distribuição de gorduras, do timbre de voz, e do próprio interesse sexual. Para explicar a importância das glândulas, Ítala recorre aos fisiologistas ingleses William Bayliss e Ernest Starling que propuseram explicações para a ação dos hormônios. Após trazer as contribuições de experimentos de outros autores da fisiologia, a autora sintetiza a ação dos hormônios no trecho seguinte:

Resumindo, diremos que os hormônios agem por sua ação específica, firmando as características sexuais secundárias, a modo de substância química lançada no sangue; o sistema nervoso, como aparelho coordenador principal do organismo assegura sua ação, mas os seus efeitos subsistem isolados de todas as conexões nervosas com o resto do organismo (OLIVEIRA, 1927, p. 109).

A médica destaca, portanto, que ação dos hormônios produzidos nas glândulas sexuais se amplia para outras regiões do corpo através da mediação do sistema nervoso, entretanto, esses hormônios também tem ação local, estimulando a produção e o amadurecimento das células reprodutoras. Ainda tratando da ação dos hormônios, Ítala levanta uma das questões mais polêmicas da Educação Sexual ao relatar pesquisas que sugerem o uso de hormônios no tratamento dos chamados “invertidos verdadeiros” (homossexuais).

E o ilustre professor Zurich é de parecer que os modernos trabalhos de fisiologia e experimentação sobre as glândulas genitais na esfera das secreções internas, mostram uma orientação nova repleta de promessas, para o tratamento eficaz dos verdadeiros invertidos quando ainda jovens (OLIVEIRA, 1927, p.110).

Na sequência, a médica relaciona essa discussão com a educação (sexual) de homens e mulheres, defendendo que a mesma seja para ambos os sexos e que possa contribuir para evitar as chamadas inversões:

É mister dar-se aos 2 sexos uma educação que os eleve e os faça compreender a vida com as suas dores e suas lutas, mas com as suas compensações, que ela também as tem sim.
As organizações sociais carecem de se aperfeiçoar, porque se o cárcere, ante a moderna concepção positiva do direito penal, não é o lugar do degenerado, do desviado ou pervertido, também este lugar não pode ser ao lado dos que trabalham e lutam no morejar.
Essa promiscuidade cá fora, terá como resultante o despertar precoce da sexualidade infantil, com o seu cortejo de males, ou o firmar de predisposições que jamais seriam hábitos se o exemplo pernicioso não se fizesse visto (OLIVEIRA, 1927, p.111).

A médica aproveita uma discussão mais fisiológica, mas que em algum momento remete a comportamentos ligados à sexualidade, para expor sua posição em relação à importância da Educação Sexual na contenção de certos tipos de comportamento, como a homossexualidade, considerada desvio ou degeneração e

também as perversões sexuais. A nosso ver, a autora inclusive deixa transparecer certa crítica ao fato destes comportamentos não serem encaminhados à prisão.

Nas duas primeiras partes, ora apresentadas, de sua tese, Ítala discutiu principalmente aspectos referentes a anatomia e fisiologia dos aparelhos genitais masculino e feminino, bem como os mecanismos da relação sexual e da fecundação. A autora buscou apresentar um panorama destes aspectos biológicos estabelecendo vínculos dos mesmo com as questões sociais, associadas a valores e prática consagradas na sociedade da época, mas também problematizando algumas questões pouco discutidas como por exemplo o prazer feminino. A terceira parte da tese, que trata especificamente da Educação Sexual e, de questões relativas às vivências da sexualidade em diferentes fases da vida e também da relação dessas temáticas com o feminismo será discutida no próximo capítulo.

CAP. 4 - A DEFESA DA EDUCAÇÃO SEXUAL: A PROLIFERAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE, SE MATERIALIZANDO ATRAVÉS DE TEXTOS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

O contexto social da Salvador do início do século XX incluía uma considerável participação feminina que ia desde atividades no movimento feminista da época como foram os casos de Lili Tosta (COSTA, 2002), da médica Francisca Prager Fróes presidente da União Universitária Feminina e da escritora Edith Mendes da Gama e Abreu, presidente da Federação Baiana pelo Progresso Feminino (RAGO, 2007) até mesmo a participação de professoras em uma greve municipal em 1919 (COSTA; CONCEIÇÃO, 2001). Nesse sentido, podemos dizer que as discussões sobre Educação Sexual surgem no contexto das reivindicações do movimento feminista da época, principalmente em relação ao acesso das mulheres à educação, ao mundo do trabalho (neste caso, referindo-se às mulheres da elite, visto que as mulheres de classes populares¹⁷ sempre exerceram algum tipo de atividade remunerada) e à participação política através do voto.

Existia também naquele momento uma preocupação com a saúde da população em geral, devido as altos índices de contaminação pelas chamadas “doenças venéreas”. Tal situação comprometia a força de trabalho e também a descendência visto que ocorriam muitos casos de esterilidade devido a complicações originadas pelas doenças sexualmente transmissíveis.

A questão da Educação Sexual aparece, como um elemento a compor o projeto de educação da população, buscando transformar hábitos e costumes em prol de um desenvolvimento social que equiparasse a capital baiana e outros grandes centros brasileiros, como a cidade do Rio de Janeiro, às grandes cidades europeias e vai se tornar mais frequente nos debates.

A Educação Sexual era uma questão para a medicina da época, que já vinha investigando aspectos sobre os fenômenos relacionados ao funcionamento do corpo

¹⁷ FERREIRA FILHO (1994) Ao descrever o cotidiano das mulheres na cidade de Salvador na transição do século XIX para o XX destaca que o trabalho feminino nas famílias de elite era muito mal visto e considerado como denunciador de dificuldades financeiras da família. Entretanto, era comum nas classes populares, nas quais os trabalhos como costureiras, vendedoras de alimentos, bordadeiras eram comuns, porém frequentemente associados à prostituição. Diferente das mulheres de classes altas, as mulheres pobres, fossem elas brancas, mulatas ou negras alforriadas circulavam com maior liberdade pela cidade, mas eram mais suscetíveis à violências nesses espaços.

feminino em relação aos processo de fecundação, gravidez, parto e puerpério e era parte da cadeira de higiene. Nesta perspectiva, eram os médicos que teorizavam sobre a Educação Sexual. A discussão se inicia dentro da faculdade de medicina e a partir da década de 1920, se amplia para a sociedade através de livros, boletins e revistas de divulgação.

As temáticas que eram comuns à quase todos os autores nas propostas de Educação Sexual elencavam: a questão da iniciação sexual precoce das criança/adolescente, alguns aspectos referentes à manipulação do corpo de crianças por parte de adultos; a masturbação; questões de higiene inadequada nos órgãos genitais. Em relação às mulheres, o foco principal da Educação Sexual proposta pelos autores/a ora analisados estava na educação das mulheres para o casamento e a maternidade. Destacava-se a importância da educação sexual das meninas e mulheres para que essas pudessem futuramente educar seus filhos e filhas em relação a estes aspectos. A homossexualidade e a masturbação eram sempre mencionadas como males a serem combatidos. Preconizava-se a realização de atividades físicas, que além de servirem para manter o corpo saudável, drenavam suas energias, não permitindo que sobrasse disposição para a masturbação.

Sobre este aspecto da masturbação o médico italiano Mantegazza (1903), bastante referenciado pelos médicos brasileiros, indicava que:

Creio muito mais na cura preventiva da masturbação, que na sua terapêutica. Os pais, as mães e os mestres, devem vigiar quase desde o berço esse monstrosinho grotesco e imundo, conservando-o longe dos seus filhos e dos seus discípulos, e defende-los com a atenção vigilante do coração contra o vício nascente, assim como na idade média se afastava o diabo do ninho das famílias com as imagens bentas (MANTEGAZZA, 1903 p.92)."

Segundo o mesmo autor, para evitar o vício da masturbação, os pais e mães deveriam entender que:

Conservar a criança, o rapaz, em um ambiente moral são, é andar mais da metade do caminho para obter o fim que procuramos: mas convém também defendê-lo de si mesmo, especialmente quando se aproxima da adolescência quando os primeiros pruridos dum sentido que se revela, lhe fazem entrever mesmo na mais perfeita inocência um horizonte cheio de doces mistérios. É preciso cansar-lhe os músculos e o cérebro para que pouca energia fique para os órgãos genitais e estes se desenvolvam o mais tarde possível. Muita ginástica de todas as formas; longos passeios; estudos agradáveis, aquecidos pela emulação e embelezados pela estética; o menos de tempo possível concedido ao sono, para que esta seja profundo, intenso como a morte; não permitir nunca o refestelar-se no leito pela manhã; eis em poucas palavras a medicina preventiva da masturbação (MANTEGAZZA, 1903 p.94).

Mantegazza recomendava a castidade para os jovens. Porém, caso não fosse possível, aconselhava que os jovens e mesmo homens adultos, presos ao vício da masturbação, procurassem dele se curar através da relação sexual com mulheres, mesmo que estas fossem ilícitas, como destaca no trecho abaixo:

Se enfim, não vos sentis capaz de vencer sozinho e de gozar as puríssimas e sublimes alegrias da castidade armada, lançai-vos nos braços da mulher. Adão é feito pra Eva e, deixai-mo dizer com brutal franqueza, é melhor, cem vezes melhor, uma gonorreia, que a baixeza da masturbação, melhor é a vergonha dividida por duas pessoas de sexo diverso, que a vergonha crescida, cozinhada e digerida em casa própria (MANTEGAZZA, 1903 p.99).

4.1 A SEXUALIDADE NO DISCURSO CIENTÍFICO

Ao contestar a chamada "hipótese repressiva", segundo a qual teria havido um silenciamento das discussões sobre sexo/sexualidade nos séculos XVIII e XIX, Michel Foucault, em seu texto sobre a história da sexualidade apresenta a ideia de uma proliferação de discursos neste mesmo período (FOUCAULT, 2014). Entretanto, o autor destaca que, os discursos começam a ser produzidos dentro de campos específicos, que eram autorizados socialmente a fazê-lo. Um desses grupos, e talvez o principal, era constituído pelos médicos e médicas. Esses discursos, buscavam tanto expor e classificar as diversas práticas sexuais, como estabelecer um certo tipo de linguagem específica, assim como certos procedimentos.

No campo da Educação Sexual, esses discursos produzidos, buscavam regular principalmente, as condutas sexuais de crianças e jovens, das mulheres e também dos casais. Instituíam-se através dos manuais de higiene e dos livros de divulgação científica certos tipos de comportamentos, considerados normais e adequados, mas também apontavam-se aqueles que eram inapropriados e, portanto, deveriam ser combatidos.

No entanto, não era qualquer pessoa que poderia estabelecer estes parâmetros. A ciência médica, desde o século XVIII já vinha fazendo investigações sobre o corpo feminino (LAQUEUR, 2001; ROHDEN, 2001; 2003), em busca de compreender melhor os fenômenos da reprodução e das manifestações da sexualidade em crianças, jovens e adultos. Outra preocupação recorrente era o avanço das DST e o controle dos casamentos, para que houvesse uma produção de descendentes saudáveis. Estas preocupações foram expressas em teses defendidas por médicos e médicas, da Faculdade de Medicina da Bahia (MEIRELLES e colaboradores, 2004) e também da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (ROHDEN, 2001) principais centro de formação de médicos do país naquele momento.

Denota-se a partir destes textos, que havia uma forte necessidade de conhecer e "gerir" as práticas sexuais. Para tanto,

[...] a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais 'incompletas'; classificou com desvelo todas as formas de prazer anexas; integrou-os ao 'desenvolvimento' e às 'perturbações' do intestino, empreendeu a gestão de todos eles (FOUCAULT, 2014 p. 43-44).'

Essas teses, frequentemente, não se limitavam a descrições, mas também apresentavam classificações das práticas sexuais, em normais patológicas (CANGUILHEM, 2009) e, no caso das últimas, atribuindo-lhes implicações na saúde física e mental dos indivíduos.

A partir do século XVIII passa a haver um direcionamento da sexualidade para uma monogamia heterossexual. Esse movimento é bastante perceptível na posição de médicos e médicas brasileiros/as na virada do século XIX para o XX, como é o caso da baiana Francisca Prager Fróes, que defende um "regime

monogâmico verdadeiro” no qual o sexo extra-conjugal, frequentemente praticado pelos maridos (com prostitutas ou amantes) e que era socialmente aceito, fosse excluído (RAGO, 2007), o que evidencia as proposições de Foucault. Outro aspecto destacado por Foucault como elemento desse dispositivo foi o controle da sexualidade das crianças que se manifestava no combate à masturbação e à iniciação sexual precoce. Para tanto, foram acionados os conhecimentos sobre higiene, que visavam combater esses chamados “vícios” utilizando estratégias que iam desde o asseio dos órgãos genitais, à prevenção de infecções e irritações destes órgãos, o estímulo à prática de atividades físicas, até a prescrição de roupas ou instrumentos que inibissem o contato com os genitais. Essas medidas, exigiam uma vigilância constante por parte de pais e professores, o que era prescrito por médicos e médicas como parte de uma Educação Sexual das crianças e jovens.

A partir do final do século XIX, médicos e médicas brasileiras passam a expressar uma forte preocupação com questões relativas à reprodução, marcadamente com situações que possam de alguma forma comprometer o desenvolvimento da nação em seus primeiros anos de república. O aborto, o infanticídio são temas de investigação que aparecem com frequência nas teses apresentadas nas principais Faculdades de Medicina do país (Bahia e Rio de Janeiro), e nesse mesmo contexto começam a surgir discussões sobre os comportamentos sexuais.

Raul Brandão apresenta, em 1910, suas “Breves considerações sobre a Educação Sexual” propondo, como já discutimos em capítulo anterior, apresentando postulados sobre o tema, focalizando principalmente nos cuidados com a sexualidade das crianças e jovens, buscando evitar a iniciação sexual precoce. A médica Francisca Prager Fróes publica vários artigos na “Gazeta médica da Bahia” discutindo o combate às DST à partir de uma mudança nos comportamentos masculinos, visando a redução da contaminação de mulheres e crianças.

A tese de Ítala, apresentada em 1927 está imersa neste contexto, no qual vários outros médicos e médicas passam a discutir sobre comportamento sexual e inclusive apresentar propostas de Educação Sexual. A obra da médica dialoga com as proposições desses autores. Além da tese de Raul Brandão, escolhemos mais três obras, de autores com grande produção no campo da sexualidade/Educação Sexual.

A segunda obra escolhida integra a vasta produção do médico José de Oliveira Pereira de Albuquerque, intitulada “A educação sexual”, publicada no Rio de Janeiro em 1934 pelo editor Calvino Filho. José de Albuquerque formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1924, e desempenhou um papel marcante nas discussões sobre Educação sexual na década de 1930. Fundou o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), cujo projeto era desenvolver a Educação Sexual em todo país. Publicou o Boletim de Educação Sexual, que circulou no Rio de Janeiro no período de 1933 a 1939 (FELÍCIO, 2011). Além de promover palestras, participou de programas de rádio, escreveu artigos para jornais, criou uma Pinacoteca de Educação sexual e através do CBES, realizou a I Semana de Educação Sexual em 1934 no Rio de Janeiro e em 1935, em São Paulo, a Semana Paulista de Educação Sexual. Albuquerque atuou ainda na área da andrologia, criando o Jornal da andrologia, que circulou no Rio de Janeiro, de 1932 a 1938 (RUSSO; CARRARA, 2002). Segundo os mesmos autores, José de Albuquerque foi professor da cátedra de clínica andrológica da Universidade do Distrito Federal no período de 1936 a 1938. Em 1937, foi candidato a deputado federal com plataforma de Educação Sexual para todos.

A terceira obra em apreciação foi “A sexualidade perfeita: higiene dos sexos” do médico gaúcho Hernani de Irajá. Esse livro foi escolhido, por sua disponibilidade no acervo da Biblioteca Central dos Barris em Salvador e por tratar da temática higiene, que no período analisado remetia às prescrições acerca da sexualidade. Ou seja, foi nos livros sobre higiene que encontramos instruções que configuravam certo tipo de Educação Sexual. Hernani de Irajá nasceu em Santa Maria-RS e formou em medicina em 1917 na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e apresentou a tese “Psychoses do amor, que foi publicada em 1918” (EZABELLA, 2010), além de médico, era artista plástico. Escreveu cerca de 10 livros sobre sexualidade todos publicados pela livraria Freitas Bastos no Rio de Janeiro. Na contracapa de um destes livros aparece um comentário bastante elogioso do médico Antônio Austregésilo e Júlio Porto-Carrero. Um detalhe que chama atenção nos seus livros é a presença constante de desenhos fotografias do nu feminino. Talvez por esse motivo, e também por tratar de temas acerca da boemia carioca em alguns de seus livros, citando personagens homossexuais e prostitutas que circulavam no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, Hernani, segundo Ezabela (2010), tenha sido conhecido como um escritor um tanto quanto maldito. Embora fosse

médico, a linguagem utilizada em seus livros buscava um tom mais acessível, talvez como forma de obter uma divulgação mais ampla de suas ideias, se aproximando do que hoje identificamos como divulgação científica.

O último livro investigado foi “A conduta sexual” do médico Antônio Austregésilo, publicado no Rio de Janeiro, em 1934 pela editora Guanabara Waissman Koogan. Antônio Austregésilo Rodrigues Lima era médico e foi professor da cadeira de neurologia clínica da faculdade de medicina do Rio de Janeiro. Conforme Teive et al (1998), o médico era natural de Recife-PE, e cursou a Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. Jane Russo e Sérgio Carrara (2002) destacam que Antônio Austregésilo começou a escrever sobre o tema da sexualidade a partir de 1928 devido a numerosos casos de “neurastenias sexuais”¹⁸ surgidas em seu consultório.

4.2 A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE UMA MÉDICA FEMINISTA

Especificamente na tese da Ítala existe uma seção sobre Educação Sexual intitulada “Importância e Necessidade da Educação Sexual” na qual ela retoma a ideia de que o ser humano é guiado por duas necessidades básicas, a da nutrição e da reprodução. Questiona o fato de ambas serem funções biológicas fundamentais, entretanto, sobre a nutrição se pode falar abertamente, inclusive os seus desvios e excessos, o que não ocorre com a reprodução. Ao tratar da sexualidade, por diversas vezes a vincula ao amor, e sempre à reprodução, como pode ser notado no trecho que segue ao falar dos benefícios da atividade sexual:

Para que o amor seja tudo isso é mister que o homem não conheça a depravação e o sensualismo grosseiro antes de o conhecer, que ele não considere o mais excele e mais natural dos sentimentos humanos como obra de volúpia quando ele é obra de procriação e beleza (OLIVEIRA, 1927, p. 121).

Os chamados desvios, como o sensualismo e a depravação, que estão relacionados com o acesso precoce dos homens à prostituição, são atribuídos pela autora à ausência de informações sobre a reprodução (mas que também incluía as informações sobre a função sexual como um todo), que segundo Toulouse (s.d) apud

¹⁸ Neurastenias sexuais era o termo utilizado na época para transtornos causados pelos “excessos” sexuais, principalmente a masturbação.

Oliveira (1927) teriam sido retiradas dos livros de História Natural, além de todas as referências sobre o nascimento, casamento e formação de família. A exclusão desses temas dos livros escolares acaba dando a ideia de que são assuntos vergonhosos sobre os quais não se deve falar. Dessa forma, Ítala destaca que o homem “[...] entra no amor às cegas[...]” e a mulher “[...] sente que sua sexualidade desponta, se admirando de tudo[...]” (OLIVEIRA, 1927, p.122). Isto é, ambos na mais completa ignorância, sendo que o homem experimentando e a mulher alimentando medos, preconceitos e a hipocrisia, a partir da ideia de que a ignorância seria considerada sinônimo de pureza. Descreve superficialmente alguns casos de pacientes que lhe procuraram bastante angustiadas e que ao serem esclarecidas se sentiam plenamente agradecidas e passaram a conviver melhor com o próprio corpo e suas transformações. Em seguida, faz uma defesa de uma educação sexual em detrimento de informações provindas de costumes e crenças antigas:

A instrução dada até hoje, resultante imediata de costumes e preconceitos absurdos, teorias falsas e postulados errôneos carece ser reformulada, porquanto a educação sexual encontra sua razão de ser na própria natureza do homem.

Negá-la é lesar os interesses sagrados da humanidade nesta luta pelo aperfeiçoamento, pela eugenia, pela felicidade individual (OLIVEIRA, 1927, p.123-124).

Além disso, defende a Educação Sexual como parte da educação geral, que sem ela se tornaria incompleta. Segundo Ítala a educação deveria fornecer elementos para que o homem pudesse dominar seus instintos, dentre eles o sexual, como forma de aprimorar a humanidade:

E este fim só o conseguiremos domando os nossos hábitos, os nossos instintos, as tendências más, encimando os prejuízos d’outras eras a nós transmitidos por atavismos ou herança uma vez que tudo isso constitui terreno de aluvião, no qual por uma disciplina apropriada, traçando o caminho que nos propusemos, consultadas nossas inclinações ou pendores, desenvolveremos nossa atividade mental e a ação positiva fecunda, sem a qual nada de útil faremos.

O homem é afinal, o que dele a educação e as heranças atávicas e diretas o fizeram (OLIVEIRA, 1927, p.128).

Segundo a médica, as heranças começam a aparecer na puberdade e podem ser firmadas ou modificadas pelos indivíduos a partir da educação. Nesse sentido, se apoia nas ideias de Tito Lívio de Castro que, citado pela autora, indica que através da educação é possível promover uma melhoria da espécie. Ítala, destaca

como finalidade da educação “[...] saber dirigir as disposições hereditárias e os apetites para caminhos úteis, proveitosos e sadios (OLIVEIRA, 1927 p.129).”

Dentro desta mesma perspectiva, mas tratando mais especificamente da Educação Sexual a autora propõe que:

A educação sexual mira assegurar a saúde física, e porque não, moral dos dois os sexos, por uma profunda e nítida compreensão da vida.

Ela propõe conduzi-los por etapas sucessivas, a aquilatar o preço inestimável do mais rico tesouro que é a vida e a saúde, saúde que eles devem de assegurar e vida que é mister transmitir, um dia, ilibada a seres das suas entranhas saídos.

Para tanto, só a experiência não basta, mesmo porque esta é rude e temível; só a disciplina individual, visando a saúde física e moral, poderá dar frutos (OLIVEIRA, 1927, p. 130).

No trecho acima, a autora enfatiza a saúde, tanto física quanto moral, como uma meta da educação sexual.

O trabalho de Ítala é bem mais extenso que o do médico Raul Brandão e busca explorar diferentes aspectos da Educação Sexual, tanto no campo biológico, como já foi descrito, em que a autora apresenta uma exposição detalhada da anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores, mecanismos de ação hormonal e interações desses órgãos e funções com o sistema nervoso, quanto no aspecto educacional, quando apresenta uma defesa da Educação Sexual como parte de uma educação integral dos indivíduos. Outro aspecto que chama atenção é a discussão da sexualidade nas diferentes fases da vida, apresentando-a como um fenômeno que ocorre durante toda vida da pessoa. Um destaque especial é dado ao casamento, e neste contexto apresenta uma discussão, pouco usual, para a época, que é a discussão do direito ao prazer feminino, apresentando o mesmo como tão essencial quanto o prazer masculino para a dinâmica do casamento. Como podemos notar no texto que segue:

O desejo sexual faz parte da organização masculina como feminina. E se a mulher quiser ser sincera consigo mesmo, se ela não for hipócrita há de confessar a veracidade disso. Não é a mulher carne e sangue como o homem e como ele sujeita à concupiscência e à sedução? [...] Se ela não tem os ardores brutais do homem, também ninguém é capaz de provar que ela não sente tanto ou mais do que ele, embora de modo diferente (OLIVEIRA 1927,p.186).

[...] A mulher não é uma máquina, é um ser que vibra, sente, tem direito aos mesmos gozos que o homem no ato sexual, lembrando-se disso os maridos evitarão muitos males (OLIVEIRA, 1927, p.193).

Neste sentido, Ítala traz uma discussão bastante relevante e nova para época, quando equipara homens e mulheres no direito ao prazer sexual, sugerindo a necessidade de se cuidar dessas questões no casamento. Além disso, já tratando de questões pertinentes à educação, critica a ausência da apresentação da função reprodutiva dos animais nos livros de História Natural. Trata da chamada “função sexual” como necessidade básica do ser humano, relacionando o instinto sexual com a necessidade de nutrição. Trazendo para o campo da biologia, diz que as funções de reprodução e nutrição são básicas para a manutenção da vida, por isso precisam ser satisfeitas, mas chama atenção para o problema dos excessos sexuais. Essa associação entre reprodução e nutrição como funções básicas é apresentada também pelos médicos José de Albuquerque e Antônio Austregésilo. Ítala defende uma compreensão científica do fenômeno da sexualidade, mediada pela moral. Essa última fornecida pela educação porque segundo a médica: “O desejo sexual em si, não é moral nem imoral, a necessidade sexual é apenas a expressão de uma condição sem a qual a vida se extinguiria: é uma necessidade, um instinto” (OLIVEIRA, 1927 p.124) que pode ser controlado pelo próprio indivíduo “à força de ideais, credos ou obrigações morais, pode abafá-la, amortecê-la, muito embora isso lhe cause dores, sofrimentos e agonias (OLIVEIRA, 1927, p.124-125).” (grifos nossos) ”.

Notamos desta forma, que a médica acredita em uma Educação Sexual que possa esclarecer sobre os fenômenos biológicos envolvidos na reprodução e ao mesmo tempo promover um controle dos excessos sexuais através de uma educação moral. No trecho que segue Ítala apresenta sua ideia de educação em uma perspectiva mais ampla, mas apontando sempre para seu papel moral a partir da contenção dos instintos, caso mais específico da Educação Sexual:

Se, pois, a educação é o preparo do indivíduo para a vida completa, não é educativo o método que cobre com véu de um pudor indevido, assuntos tão graves e tão vitais.

[...] O homem é capaz de dominar seus instintos quando a educação, a instrução e o domínio da vontade lhe fornecerem elementos para tanto.

[...] E entre as reformas a serem feitas, se impõe a que toca ao problema sexual (OLIVEIRA, 1927, p.125-126).

A médica vê a educação como forma de aprimoramento da humanidade, e a educação sexual como uma parte importante nesse aprimoramento, que visa conciliar as “heranças atávicas” e a educação, que vai modelar o desenvolvimento do indivíduo, particularmente na puberdade, momento em que, segundo Ítala, as heranças e atavismos são firmados ou modificados. Assim, “o fim da educação, sob qualquer prisma considerado, é saber dirigir as disposições hereditárias e os apetites para caminhos úteis, proveitosos, sadios” (p.129). Segundo essa médica, o instinto sexual deveria ser direcionado, através da educação, antes mesmo que fosse despertado no adolescente.

Dessa forma, a Educação Sexual proposta pela médica deveria assegurar uma saúde sexual tanto do ponto de vista físico quanto moral, através do que chama de “disciplina individual”. Havia, portanto, uma forte ideia de regulação de condutas através de um autocontrole e disciplina impostos ao indivíduo através das práticas educativas.

A Educação Sexual proposta por Ítala para as mulheres buscava construir um outro papel social para as mulheres, não restringindo-as à futilidades :

Procuramos educar a mulher, aproveitemos as suas aptidões criadoras e produtoras, sim, porque o ideal feminino não pode ser ler romances, curar horas a fio numa vaidade mal sã da beleza da pele, do polimento das unhas, quando não maldizer a vida, como se esta fora uma escravidão ou um fardo. Eduquemo-la, porque só o trabalho honesto e fecundo, engrandece e liberta o homem (OLIVEIRA, 1927 p.134).

Em relação à responsabilidade pela Educação Sexual, Ítala aponta a família como primeira instância da Educação Sexual, mesmo ponderando algumas dificuldades e pudores, presentes nos pais, que impediam que as perguntas das crianças fossem respondidas adequadamente, defende que a educação sexual deve começar em casa através dos pais e outros familiares. Destaca a importância das mães na educação sexual, e que, portanto, um foco relevante da educação sexual devem ser as mulheres. A médica sempre busca esclarecer que o conhecimento

sobre assuntos da sexualidade, no campo científico, não irá comprometer sua inocência e nem tirar dos rapazes a “distinção de maneira” (OLIVEIRA, 1927, p.133), visto que a manutenção dessas características depende da educação no lar e não da escola. Pois, principalmente no caso das mulheres:

É a primeira educação frouxa e sem virilizar a vontade que não atua sobre o caráter da mulher, não lhe mostra como refrear as tendências naturais, não modifica os hábitos adquiridos na vida diária, não lhe ensina a combater tudo quanto é excitação ao apetite e ao instinto é, em suma, a falência da educação moral na família, na primeira idade a responsável por quanta cena pouco decente, nossos olhares defrontam em bondes e passeios como em corredores ou salas de aula (OLIVEIRA, 1927, p.133-134).

A Educação Sexual defendida pela médica para moças e rapazes se pauta em educação científica, que deve ser “guiada pela moral” e sempre evidenciando o papel primordial das mulheres que é a maternidade, com o propósito de ser “mãe perfeita, integra” para que possa transmitir aos filhos esses conhecimentos, evitando que possa obtê-los de fontes impuras. Assim como Raul Brandão, Ítala considera criadas, empregados domésticos e os colegas como principais fontes desses conhecimentos impuros e indesejados. Relata (citado textualmente em seção posterior) situações em que as crianças ou adolescentes recorrem a criados para esclarecer suas dúvidas sobre sexualidade já que os pais não o faziam.

Demarcando bem as diferenças de classe, a médica considera que para as crianças das classes populares deve haver uma intensificação das noções de higiene e Educação Sexual, já que essa primeira etapa que deveria ser feita pela família, não é possível devido falta de instrução das mães. Neste sentido, a escola seria responsável por suprir essas diferenças culturais. Para tanto, ao falar da Educação Sexual nas escolas, Ítala propõe que:

Na escola ela será, tanto quanto possível, coletiva, iniciada pelo conhecimento das ciências naturais em animais ou plantas, acostumando-os aos fenômenos da reprodução que nada tem de vergonhosos; em etapas mais adiantadas a reprodução humana será estudada.
[...] E porque também o ensino secundário não há de advertir dos perigos das moléstias venéreas, à mocinha incauta? (OLIVEIRA, 1927, p.135-136)

Notamos no trecho anterior que existe a proposição de uma sequência curricular para a abordagem da sexualidade na escola, indicando níveis subsequentes de complexidade. Destaca também que, “[...] só a ação conjugada da

família e da escola poderá levar a cabo a educação sexual” e quando a tática de uns e o conhecimento de outros não forem suficientes, então, em preleções específicas o médico levará o seu auxílio, orientando, explicando” (OLIVEIRA, 1927, p. 137). Desta afirmação, depreende-se que Ítala, defende que os médicos e médicas tenham um papel coadjuvante na Educação Sexual, cujo protagonismo deveria ser da família e da escola.

Em relação aos cuidados com a infância, esta médica, assim como Raul Brandão, destaca a importância de se evitar a sexualidade precoce. Indica que em alguns casos esta iniciação precoce pode ser atribuída à convivência com pais “alcoólatras, dementes, erotomanos ou pervertidos” (OLIVEIRA, 1927, p.139) o que pode produzir “tendências invertidas, pervertidas ou precoces da sexualidade” (p.139).

Outro ponto de convergência nas obras do médico e da médica é a ideia de que as mães devem tomar muito cuidado com as criadas e amas de leite, vigiando sua relação com as crianças, pois estas são sempre acusadas de molestar e estimular precocemente a sexualidade das crianças. Ítala relata situações bastante sérias deste tipo de abuso, ao que parece, difundidas pelo senso comum e também extraídas de observações da própria médica, como apresentado no trecho que segue: “É sabido que as amas costumam chupar os órgãos genitais das crianças, para as calarem; algumas o fazem sem intenção lúbrica, outras porém, abusam da inocência do pequeno e praticam atos verdadeiramente espantosos” (OLIVEIRA, 1927, p.143). Em seguida a médica segue enumerando situações em que as criadas levavam as crianças para brincar e trocavam beijos e carícias na frente das crianças.

Dessa forma, Ítala também reforça em seu texto, expressões de preconceitos de classe, que já foram mencionados na tese de Brandão. É importante destacar, que apesar da distância de 17 anos entre a publicação das duas teses, ambas trazem claramente um contexto em que os ideais eugênicos de hierarquias entre as classes estão presentes e ajudam a delinear a ideologia subjacente às ideias de Educação Sexual configurando essa modalidade de educação em um aliado na conquista de “uma raça vigorosa, sadia, numa pátria próspera, ubérrima” nas palavras da própria Ítala (OLIVEIRA, 1927, p.137).

A Educação Sexual proposta por Ítala estava inserida neste contexto e também incorporava os preceitos higiênicos, principalmente em relação aos cuidados com as crianças para evitar a sexualidade precoce. Neste sentido, incluía a

higiene dos órgãos genitais como elemento fundamental para evitar o acúmulo de secreções e a presença de verminoses, que além de provocar odores fortes que podiam excitá-las sexualmente, a presença de irritações ou coceiras provocava a manipulação excessiva desses órgãos podendo estimular o hábito da masturbação, então conhecido como “onanismo”. Sobre este tema especificamente, Conceição (2015), analisa outras teses de Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro que, já no final do século XIX tratavam deste tema buscando alertar para as diversas implicações para a saúde, proveniente deste hábito que, portanto, deveria ser amplamente combatido. Ítala, faz coro com a comunidade médica da época propondo como parte da Educação Sexual, medidas para evitar e combater a masturbação desde a infância.

O psiquiatra Antônio Austregésilo, em suas prescrições sobre *A Conduta Sexual*, também propõe os cuidados com a higiene infantil, como forma de combater a masturbação e também a homossexualidade, como pode ser notado no trecho que segue:

Outra obrigação dos pais ou das amas é zelar pelas partes erógenas naturais, como o ânus e os órgãos genitais. Eczemas, supurações, vermes, irritações e etc, devem ser evitados para que não se incremente o autoerotismo infantil. O uso frequente de clisteres para evitar prisão de ventre, a própria prisão de ventre são elementos que predispõem à homossexualidade (AUSTREGÉSILO, 1934 p.49).

O médico José de Albuquerque, que produziu uma vasta obra sobre Educação Sexual e sexualidade neste período¹⁹, em seu livro *A Educação Sexual*, também aborda a questão da higiene dos órgãos genitais como um elemento importante para prevenir o hábito da masturbação, considerado por este autor como uma *fraude sexual*. No trecho abaixo, o médico aborda essa questão, como parte da higiene pré-genital, visto que ocorre antes do início da atividade sexual propriamente dita:

¹⁹ CARRARA e RUSSO (2002) destacam a atuação de José de Albuquerque como um dos primeiros sexólogos brasileiros, que defendia a Educação Sexual através de seus livros, das publicações e atividades do Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Este último, foi fundado por Albuquerque e promovia debates sobre o tema, mantendo também uma publicação - O Boletim de Educação Sexual, publicado de 1933 a 1939. Além disso, o médico também criou uma pinacoteca de Educação Sexual e foi membro da Sociedade de Sexologia de Paris.

Muitas vezes, a masturbação na criança, advém do fato de sentirem elas certa voluptuosidade quando tocam seus órgãos genitais, em consequência do prurido provocado por oxiúros no ânus ou na vagina, ou ainda ocasionados por fimose, balanite, etc, o que indica, que tais circunstâncias patológicas devem ser afastadas como meio de se evitar essa fraude sexual (ALBUQUERQUE, 1934 p.180).

Ao discutir a importância das medidas de higiene, Ítala critica o excesso de pudor de algumas mães e professoras, principalmente as muito católicas que tinham por hábito dar banho nas crianças em locais escuros, impedindo-as de ver seus órgãos sexuais, e rapidamente para evitar toques prolongados nestas regiões. A médica defende que as crianças devem aprender a cuidar de seu corpo sem considerar indecente nem desprezível quaisquer de suas partes. Cita o nu artístico, presente em obras de diversas civilizações, como uma forma de expor com naturalidade o corpo humano sem estimular o chamado “sensualismo”. Neste sentido: “A educação sexual verdadeira seria aquela em que a contemplação da nudez absoluta de um sexo deixasse o outro impassível, calmo, seria a reprodução da primitiva educação grega” (OLIVEIRA, 1927, p.147)

4.3 A IMPORTÂNCIA DA COEDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Um aspecto bastante interessante proposto pela médica Ítala Oliveira em termos de educação sexual é a coeducação, ou seja, a educação de homens e mulheres juntos, em turmas mistas. A coeducação no Brasil foi um processo conflituoso, iniciado no final do século XIX e consolidado ao longo do século XX. No período em que Ítala escreveu sua tese, essa premissa pedagógica foi contestada por diversos setores, principalmente pela igreja católica. No entanto, esse modelo se expandiu porque o custo de manutenção das escolas mistas era menor do que o das escolas masculinas e femininas, o que possibilitou a ampliação da rede de escolas primárias no Brasil e progressivamente suplantou o sexismo no ensino primário (HAHNER, 2011).

Alinhada com os ideais do liberalismo e apoiando-se na ideia de igualdade de direitos, Ítala, como outras feministas da época, defendia que as moças e rapazes deveriam ser educados juntos, pois segundo ela essa educação em conjunto só traria benefícios para a sociedade como um todo:

Se ambos são equivalentes, se ambos tem defeitos e prejuízos, qualidades e méritos, se só a soma desses acrescida e conjugada na idade adulta produzirá benefícios e utilidades, porque elevar um em prejuízo do outro?

É preciso que desde o limiar das escolas infantis até as escolas superiores, o homem veja a mulher ao seu lado em igualdade de condições, entregue aos mesmos trabalhos, desempenhando se dos mesmos deveres, ao preparo racional para a luta pela vida, esgotadas suas energias mais nobres no trabalho honesto e fecundo.

Só colocando a mulher como ao seu lado como uma colaboradora e uma amiga, o homem aprenderá a respeitá-la, pertença ela a que classe pertencer.

Só uma condição é pedida para isto.

Está é de que ambos sejam educados numa sã moral de equilíbrio, de verdade e de coerência, moral que ensine ao homem que a mulher é a base da família, como a família é a base da sociedade. (OLIVEIRA, 1927, p.147-148)

Outra vantagem da coeducação seria, segundo Ítala, contribuir para conter o apetite sexual, visto que aquilo que é proibido estimula o desejo. No caso da educação conjunta, a convivência cotidiana entre moças e rapazes acabaria por naturalizar a presença do sexo oposto.

Outro destaque importante é para a educação física, que no caso da mulher é dada maior ênfase devido a seu papel na reprodução e, portanto, na chamada “regeneração da raça” através do “aperfeiçoamento do organismo, para o cumprimento fisiológico de maternidades robustas e felizes” (OLIVEIRA, 1927, p.151). A educação física faz parte também de um ideal de produção de uma nação saudável. No texto da tese, a médica faz um paralelo entre o enrijecimento dos músculos e o caráter, no caso dos rapazes. Da mesma forma contribuindo para a disciplina e o controle do próprio corpo.

Após dissertar sobre questões da hereditariedade e suas implicações na descendência, Ítala defende a seleção de casamentos, buscando evitar a consanguinidade, problemas como alcoolismo, e doenças como a sífilis e a tuberculose. Neste item, a médica chama atenção para que esse tipo de seleção priorizasse aspectos de saúde ao invés de títulos, heranças e outros acordos familiares. Neste sentido:

A educação sexual ensinará ao homem e à mulher que o amor, para ser a mais sincera expressão de beleza humana, não deve ferir aos direitos sacrossantos de terceiros, nem os interesses razoáveis e justos da moral e da biologia (OLIVEIRA, 1927, p.158).

4.4 A ABORDAGEM DO FEMINISMO NA TESE DE ÍTALA DE OLIVEIRA

Ítala faz uma defesa do feminismo, exaltando as vantagens da igualdade de direitos entre homens e mulheres para o progresso social. Neste sentido, apresenta a educação sexual como uma demanda desta nova realidade. Esta forma de abordar a Educação Sexual constitui um diferencial entre os médicos da época, visto que mesmo abordando a Educação Sexual nenhum deles defende o feminismo abertamente como ela. Diferente disso, Raul Brandão mencionava as ideias do feminismo de forma depreciativa, indicando as desvantagens para as mulheres e para a sociedade em geral, porque esse ideário rompia com importantes códigos de conduta social. Para este médico, havia uma relação intrínseca entre a organização e a organicidade dos corpos masculinos e femininos e os papéis sociais estabelecidos pela cultura da época. Essa lógica fundamentava os argumentos contrários ao feminismo pois se enxergava os papéis sociais como decorrentes da estrutura biológica do corpo.

De outro modo, utilizando o argumento da complementaridade biológica entre homens e mulheres, que torna possível a reprodução de novos seres, a médica defendia uma equivalência no campo dos direitos. E, da mesma maneira, advogava uma ideia de “evolução mental” da espécie humana, o que só seria possível com o desenvolvimento da inteligência de homens e mulheres. Também estacava que até mesmo o uso da força física pode ser aprimorado a partir do uso do intelecto, o que desfazia as diferenças comumente elencadas naquele momento entre homens e mulheres.

A autora atribuiu o “atraso feminino, em regresso, a parada de toda organização cerebral que ficou infantil” (OLIVEIRA, 1927, p.162) visto que durante milhares de anos as mulheres ficaram confinadas ao ambiente doméstico, sem que suas habilidades intelectuais fossem desenvolvidas, pois inicialmente foram tratadas como escravas e depois como enfeites, que serviam apenas para reproduzir. Nestas duas condições não tinham oportunidade de se desenvolver intelectualmente, tendo como consequência uma espécie de “déficit intelectual” em relação aos homens o que as tornavam infantilizadas. Essa condição histórica, segundo Ítala, teria impactado a condição biológica feminina fazendo com que o cérebro feminino tivesse forma, peso e volume inferior ao do homem.

A partir desses dados, a médica propõe que a educação e a instrução feminina seriam essenciais para corrigir essa diferença e promover uma evolução intelectual da espécie humana como um todo. Ítala apresentava assim, utilizando os próprios argumentos que justificavam a opressão feminina, a principal pauta do feminismo da época que era, juntamente com o direito ao voto, o acesso à educação. Nas suas próprias palavras justifica a educação feminina inclusive a serviço da seleção de casamentos como prática de inspiração eugênica:

As mulheres inteligentes e superiores serão, e já se observa hoje, as que entrarão na liça, mais energicamente, e com maior probabilidade de êxito, para a **seleção eugênica**²⁰, porquanto elas se deixarão atrair mais facilmente pela superioridade intelectual ou moral do homem e mesmo pelo gênio do que por outras habilidades (OLIVEIRA, 1927, p. 163).

Deste modo, era necessário investir na educação feminina como elemento essencial para a adequação dos casamentos e garantia do futuro da raça.

Sua defesa segue desconstruindo a tese, muito utilizada desde épocas anteriores, de que a instrução feminina iria destruir a família, esclarecendo que “a família não se funda na ignorância da mulher” (OLIVEIRA, 1927, p.164). Questiona também a separação entre público e privado, ao dizer que a sociedade não é lugar só do homem e muito menos a família o lugar só da mulher, ao contrário disso, a participação de ambos era essencial nas duas esferas, trazendo o interessante paralelo, no trecho que segue: “A sociedade é uma determinação da evolução mental e não testicular; a família é uma determinação da evolução mental e não ovariana” (OLIVEIRA, 1927, p.164).

Na sequência, Ítala fala sobre a ampliação do papel da mulher, colocando-a na posição de mãe e educadora. E para cumprir este papel mais amplo não bastam os atributos biológicos, é necessária a sua educação. Nesse sentido, Ítala recupera o argumento de Tito Lívio de Castro: “A civilização exige sua educação e o seu preparo para educador” (OLIVEIRA, 1927, p.165). Tomando de empréstimo as ideias do psiquiatra suíço August Forel, questiona a má interpretação das ideias do feminismo, indicando que o que está posto não é a transformação das mulheres em

²⁰ Grifo nosso. Essa modalidade de eugenia apresentada por Ítala, se refere à eugenia positiva, nos termos descritos por Stepan (2005), que aborda o aprimoramento do conjunto da sociedade por intermédio da implantação de medidas de saúde pública.

homens, mas ampliação dos direitos humanos a esta parcela da humanidade ainda não contemplada por eles.

A médica reforça posições correntes da época sobre as mulheres acerca do seu “destino de esposa e mãe”, mas propõe a educação e sua formação para o trabalho como uma opção de vida digna caso falhe no seu “destino natural”. Assim, a educação possibilitaria a essa mulher “que não achou um ser que lhe quisesse (OLIVEIRA, 1927, p.168)” não seria tentada pela prostituição.

A instrução feminina proposta pelo feminismo e assumida por Ítala, possibilitaria outro tipo de relacionamento entre homens e mulheres, pois a visão feminista de educação preconizava, como ilustra o texto abaixo, o companheirismo feminino e a equidade de direitos entre homens e mulheres.

Esta é a preocupação do feminismo. Educar a mulher para ser mulher, esposa excelente, mãe de família exemplar, honesta trabalhadeira. Que ele lhes ensine que o homem não encontrará nela um elemento de prazer superficial, um objeto de luxo, um instrumento de dissipação e ruína, nem tampouco uma escrava, um animal de carga ou uma criada grave e sim uma companheira capaz de auxiliar, de o aconselhar, de compartilhar suas alegrias e as suas tristezas, de lhe oferecer uma sólida e sincera afeição. E instruída como ele, tão apta como ele ao trabalho respeitará os seus direitos, como ele respeitará os dela. (OLIVEIRA, 1927, p.169)

Em suma, ao defender a educação feminina, na perspectiva do feminismo, Ítala ressalta que a instrução feminina possibilitaria a existência de um outro modelo de relacionamento entre os casais, pautado em uma lógica de companheirismo e compartilhamento de responsabilidades. Essa é uma proposta bem diferente dos modelos defendidos por religiosos da época, como ressalta Costa (2014) ao analisar matérias de jornais das décadas de 1920 e 1930, nos quais é exaltada a figura da mulher como mãe e esposa, cumprindo seu “destino natural” de acordo com a moral e a tradição cristã vigentes na época.

Pensando que a Educação Sexual deveria ter como um dos seus princípios a contenção da iniciação sexual precoce, Ítala dedica um capítulo à puberdade, momento em que o instinto sexual despertava nas meninas e nos meninos e que, portanto, requeria uma maior vigilância principalmente em relação à prática da masturbação. Segundo a médica, uma educação sexual anterior era imprescindível, pois, “O instinto sexual aparece, e é tanto mais imperioso, quanto mais os hábitos das primeiras idades não foram orientados para caminhos retos e são” (OLIVEIRA, 1927, p.172-173).

Ainda tratando da puberdade, destaca o papel da mãe na orientação da filha para as mudanças fisiológicas e psíquicas advindas desta fase, ressaltando a importância da vigilância sobre as meninas. A educação feminina deveria trabalhar no intuito de promover a contenção das paixões e também das futilidades como adesões às modas e luxos. A preservação feminina, de modo a evitar os “sensualismos” incluía o controle das leituras e também do acesso das moças ao cinema, visto que os filmes que apresentavam cenas de beijos provocavam sensações eróticas nas moças e, segundo Ítala, teriam como consequências: “[...] as excitadas de amanhã, hystericas, amenorreicas, de ovarites chronicas a reclamarem um tratamento que nada adianta porque o mal reside na excitação diária do aparelho genital (OLIVEIRA, 1927, p.176)”.

Além dos efeitos do cinema, os livros e as danças também eram considerados bastante danosos, dentre os prejuízos estava a estimulação do desejo sexual precoce, tão combatida pela autora como por outros médicos e intelectuais da época. Assim como Raul Brandão, Ítala também condena os internatos por serem locais nos quais se fomentava a prática da masturbação que trazia graves consequências para o desenvolvimento físico e intelectual dos/as jovens. Mantém a ênfase na vigilância das crianças, tanto em casa quanto na escola, como um elemento importante para o desenvolvimento saudável de jovens e adultos.

Na sequência, a médica Ítala Oliveira trata da vida entre casados apresentado suas ideias sobre o casamento, suas regras e valores. De início apresenta o casamento como “o melhor meio de satisfazer as necessidades genésicas do homem” (OLIVEIRA, 1927, p 181), mas também suas necessidades “estéticas, sociais e morais” (OLIVEIRA, 1927, p 181), visto que, a relação sexual e a reprodução não são os únicos objetivos da união entre macho e fêmea da espécie humana, como ocorre com outros animais. Dessa forma, a autora discute a poligamia e a monogamia, destacando a última como forma mais comum entre as populações humanas e aquela que segundo Forel, citado pela autora, “existe mais altruísmo, mais respeito à mulher, mais delicadeza de sentimentos nos laços familiares” (OLIVEIRA, 1927, p 181).

A autora apresenta algumas regras para o casamento que são “[...] ditadas pela hygiene e pela moral [...]” (OLIVEIRA, 1927, p.183), dessa forma elementos como a idade e saúde são preponderantes na união. A idade está fortemente relacionada à melhor condição reprodutiva do casal. Assim, são desaconselhados

tanto os casamentos precoces quanto os tardios bem como as diferenças de idade muito grande entre os cônjuges.

Em relação à pureza moral, a médica questiona as exigências alusivas somente ao comportamento da moça, destacando a importância de um comportamento casto de ambos, com vistas a evitar a proliferação de doenças que poderiam comprometer a saúde do casal e também de seus descendentes. Essas ideias também são defendidas pela média feminista Francisca Prager Fróes, que reivindica que o casamento seja uma “monogamia verdadeira” (RAGO, 2007). Ítala também questiona a justificativa corrente para a ausência de castidade dos rapazes destacando que ambos possuem desejo e não somente o homem como era comumente afirmado. No trecho que segue, comenta sobre o desejo feminino:

O desejo sexual faz parte da organização masculina como feminina. E se a mulher quiser ser sincera consigo mesmo, se ela não for hipócrita há de confessar a veracidade disso. Não é a mulher de carne e sangue como o homem e como ele sujeita à concupiscência e à sedução? Não sentirá ela no período borrasco que principia na puberdade e acaba na velhice o perpassar inquietante de imagens, o agulhão dos desejos, a violência dos apetites? Não partilha com o homem a misteriosa lei do amor carnal? (OLIVEIRA, 1927, p. 186).

O trecho acima traz uma questão bastante inusitada nos textos científicos da época, que é a menção ao desejo feminino e este colocado em paralelo ao desejo masculino, estabelecendo uma posição de equidade entre homens e mulheres em relação às manifestações do desejo. Neste ponto, Ítala avança inclusive em relação às próprias proposições feministas da época que não fazem nenhuma referência à sexualidade e muito menos ao desejo feminino como algo saudável²¹. Quando este desejo aparece, geralmente é interpretado como imoral ou mesmo deixando antever a existência de algum tipo de anomalia, visto que esta condição de quem deseja

²¹ Para a feminista baiana Lili Tosta, fundadora da Federação Baiana Pelo Progresso Feminino, o feminismo “visava, além da conquista do voto, os seguintes fins: 1) promover a educação da mulher elevando o nível de instrução feminina; 2) proteção das mães e crianças; 3) obtenção de garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; 4) apoiar as iniciativas femininas e orientar as mulheres na escolha da profissão (COSTA, 2002). Da mesma forma, Francisca Prager Fróes, Presidente da União Universitária Feminina, defende o acesso das mulheres à educação, à profissionalização, o voto feminino e, de forma bem veemente, a questão do exame pré-nupcial como forma de salvaguardar as mulheres e seus futuros filhos das chamadas doenças venéreas. A médica defendia um “casamento higiênico”. (RAGO, 2007). Entretanto nenhuma das entidades, ou suas representantes, fazia qualquer referência a questões relativas ao desejo ou ao prazer feminino. A sexualidade, quando abordada, era somente na ótica prevenção das doenças.

sexualmente, naquele momento, estava reservada somente aos homens. Às mulheres, o máximo que se permitia é que fossem objetos de desejo dos homens.

Mesmo apresentando esse avanço em relação ao desejo feminino, a médica sempre busca reforçar as características ditas como femininas, tais como a sensibilidade, uma maior suscetibilidade às paixões, tornando-a mais vulnerável. Ao contrário do homem cuja força de caráter e virilidade possibilitava maior sucesso na luta contra as paixões. A continência sexual é vista como possível e saudável tanto para homens como para as mulheres. A médica destaca um aumento do desejo sexual feminino próximo ao período menstrual caracterizado por alterações físicas que podiam incluir “fortes descargas pelos órgãos genitais a modo de ejaculação” (OLIVEIRA, 1927 p.183). Em seguida a mulher passaria por momentos de abatimento e outros sintomas fisiológicos que incluíam “um corrimento hidrorreico ou amarelo claro” após o qual tudo no corpo retornava à normalidade.

As afirmações da médica Ítala Oliveira acerca do desejo feminino, além de serem incomuns na época, reivindicavam o direito das mulheres à satisfação deste desejo como um elemento importante na manutenção de sua saúde. Visto que, segundo a autora:

Elas sofrem, as pobres, em suas irritações de gênio, em suas dúvidas, em suas impaciências, são irritadiças, nervosas, porque o organismo pede trabalho e satisfação às necessidades genitais e ninguém as entende (OLIVEIRA, 1927, p. 189).

Desta forma, não só afirmava o desejo sexual feminino, como também sua necessidade de satisfação tal qual o masculino. Na sua percepção, a educação sexual feminina teria o papel de informar às jovens sobre a existência deste desejo, dos sintomas, de modo que, estas pudessem ter maior domínio sobre o próprio desejo, evitando despertá-lo precocemente. Mais uma vez ressalta uma educação sexual com objetivo de contenção da sexualidade, tanto para as mulheres quanto para os homens que deveriam se manter castos até o casamento.

Segundo Ítala Oliveira, a educação sexual feminina era fundamental para orientar as jovens na escolha dos futuros maridos, pois as esclareceria sobre os cuidados a serem observados nessas escolhas. Um dos critérios principais referia-se aos hábitos progressos destes homens, recusando os frequentadores de “lupanares infectados” e que tivessem hábitos libertinos. Pois, estes além de contaminarem as

esposas com diversas doenças colocavam em risco a saúde dos futuros filhos que também poderiam ser contaminados ou mesmo gerados com doenças incapacitantes ou degenerações que poderiam comprometer de forma definitiva o futuro da raça.

Outro aspecto interessante da educação sexual destacado pela médica seria a preparação masculina sobre como proceder à iniciação sexual feminina, pois os descuidos do homem e os desapontamentos da mulher durante a primeira relação sexual seriam os principais motivos da insatisfação feminina e de futuros problemas no casamento, pois:

[...] a satisfação da parte positiva do aparelho genital, sem a compensação igual da parte negativa, é origem de neurastenias, estados nervosos vários, histeria, loucura, adultérios. A clínica registra os primeiros e a sociedade anota os últimos (OLIVEIRA, 1927, p.192).

Segundo a autora, esses problemas normalmente eram abafados pela rígida educação moral feminina, que fazia com que mesmo diante dessas dificuldades a mulher se mantivesse casta. Mesmo porque o ônus moral era muito alto para aquelas que iam buscar a satisfação sexual fora do casamento. Entretanto, a médica não deixa de opinar que a mesma moral social que protestava a respeito da atitude dessas mulheres não as defendia no que se refere ao seu direito de serem satisfeitas sexualmente. Atitude esta que evitaria muitas dores para ambos, como volta a destacar no trecho que segue:

A organização feminina, o aparelho sexual feminino, como o do homem, deve ser satisfeito no casamento e, porque isso o preocupa pouco, é que dores, lutas, lágrimas, crimes, adultérios se registram. A mulher não é uma máquina, é um ser que vibra, sente, tem direito aos mesmos gozos que o homem no ato sexual; lembrando-se disso os maridos evitarão muitos males (OLIVEIRA, 1927, p.193).

A médica defendia que as mulheres não só tinham desejo, como dispunham de maior quantidade de centros eróticos, como uma “providência natural” para que esta aceitasse participar do ato sexual e aceitasse também os inconvenientes da gravidez e do parto. Dessa forma defende que a própria natureza biológica havia “providenciado” uma forma de tornar agradáveis e compensadores os processos reprodutivos.

Em relação ao controle artificial do número de filhos, a autora considera que a prática corrente, na época, que era o coito interrompido, produzia neurastenias e outros prejuízos genitais, dentre eles a própria insatisfação do desejo de ambos.

Trata também das mudanças que ocorrem no casamento com a chegada dos filhos dando destaque a aproximação do casal e a consolidação do amor. Entretanto, enfatiza especialmente o papel da mulher, que ao exercer a maternidade terá que abrir mão das festas e bailes, para dedicar-se integralmente aos cuidados e a educação do filho, sem o que não poderia ser considerada uma verdadeira mãe.

Na seção seguinte a autora trata da velhice suas implicações na vida sexual elaborando um quadro bastante desolador visto que considera que a velhice “É a decadência fatal em todos os distritos da economia” (OLIVEIRA 1927, p.197). Dessa forma, Ítala descreve as modificações trazidas pelo envelhecimento no corpo do homem dando ênfase à dificuldade na ereção e considera moralmente condenável a insistência de certos homens em se manterem ativos sexualmente, chamando a atenção para aqueles casos em que os mesmos se envolvem com moças mais jovens, tanto pelo fato de colocar em risco seus casamentos quanto pelos riscos que corre a prole resultante dessas uniões caso esses ainda não sejam casados. Em relação ao corpo feminino, a médica destaca a flacidez, a atrofia de órgãos internos, destacando o aspecto “sem vida” que esses órgãos apresentam, deixando claro que “sua finalidade biológica terminou e os órgãos encarregados de perpetuar a espécie e com ela a vida, estão voltados ao repouso” (OLIEIRA, 1927, p.200).

A autora dá destaque às manifestações psíquicas da menopausa, em especial às mudanças de caráter, que segundo a mesma muda para pior, tornando a convivência com as mulheres, bem difícil no período da menopausa. As mulheres são descritas como instáveis, tristes, e dadas às lamúrias. Quando ocorriam comportamentos diferentes dos descritos, principalmente quando essas mulheres manifestavam desejo sexual, estas manifestações eram entendidas como expressões de patologias. Nestes casos, a médica defende uma “higiene moral” para que essas mulheres não sejam vítimas tanto da exposição social quanto, no caso daquelas que tem posse, da ação de aproveitadores inescrupulosos.

Dentro de uma ação cuidadosa com as mulheres idosas, Ítala propõe:

Que a mulher jamais abandone suas atividades, conserve suas ocupações, sem exagero, sem fadiga, não renuncie aos trabalhos habituais, nem às distrações, que entretenha integralmente a sua inteligência, por leituras que a mantenham ao corrente do que pode interessar (OLIVEIRA, 1927 p.202).

E, condizente com uma mulher de sua época, propõe também uma aproximação com a religião como um apoio para refrear os impulsos e desejos inadequados. Porém chama atenção para o cuidado com os excessos que podem levar a prejuízos sociais e psíquicos. Segundo a autora, a Educação Sexual também seria um elemento importante para ajudar homens e mulheres a conviverem e aceitarem melhor suas novas condições de vida na velhice.

Para finalizar sua tese, a médica reafirma a Educação Sexual como parte da educação geral do indivíduo tanto em casa como na escola. Destaca a importância da preparação feminina para a maternidade e os sacrifícios que desta advém, dentre eles a responsabilidade com a educação das crianças. Também reafirma a importância da educação das mulheres para que estas possam ocupar seu papel ao lado homem na sociedade. Em relação aos homens, destaca seu papel na reprodução dos filhos, na proteção da família, tanto fisicamente, em relação às doenças, quanto moralmente, através da contenção dos desejos inadequados de acordo com sua posição de criatura humana que governa seus desejos e não se deixa governar por eles.

Por fim faz uma indicação da obra para: “[...] diretores de fábricas, presidentes de sociedades beneficentes, de ensino profissional e de aprendizagem, patronatos e governo, lar e escola, iniciando, avisando, prevenindo, protegendo” (OLIVEIRA, 1927, p.208) e também ressalta a importância dessas discussões no âmbito das instituições religiosas. Isso ocorre porque a tese também contribui para o combate ao chamado “sensualismo” e todos os tipos de excessos neste campo.

Assim, podemos dizer que a tese de Ítala Oliveira, em que pese sua argumentação explicitamente fundamentada nos conhecimentos científicos, em alguns momentos se colocou a serviço de uma moralidade, que visava ratificar os papéis de gênero tradicionais, propondo uma vigilância e contenção da sexualidade de modo que a mesma só pudesse se expressar dentro do casamento. Também deu ênfase a seleção dos casamentos com propósito de evitar a proliferação de doenças, a época, consideradas hereditárias bem como da perpetuação de comportamentos não aceitos socialmente e também o controle da mortalidade

infantil, que era bastante alta e, em algumas situações, ocorria pela contaminação das mães pelas doenças venéreas. Entretanto, também defendeu o prazer feminino e equidade de direitos entre homens e mulheres, o que revela grandes avanços em relação à perspectiva de outros autores da época. Para, além disso, a médica demonstrou uma forte compreensão da natureza feminina, o que lhe permitiu trazer contribuições importantes para se repensar a condição de vida das mulheres de sua época ao insistir na importância da educação feminina e também ao reivindicar a expressão e a satisfação de seus desejos sexuais como um elemento importante para sua própria saúde e também um maior equilíbrio e satisfação dentro dos casamentos.

4.5 UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL: PROPOSIÇÕES DE ÍTALA OLIVEIRA EM DIÁLOGO COM ALGUNS AUTORES DA ÉPOCA

Em vários momentos de seu texto, Ítala propõe ações que consideramos como correspondentes a um projeto ou programa de Educação Sexual. A partir desta interpretação, elaboramos um plano referente a esse programa, que foi sistematizado considerando os enunciados apresentadas pela médica em sua tese. Para efeito de compor um quadro sobre proposições relativas à Educação Sexual, no período estudado, esse plano será confrontado com autores da época, médicos que escreveram tese ou publicaram manuais que abordavam a mesma temática, quais sejam: Raul Brandão, Antônio Austregésilo, José de Albuquerque e Hernani de Irajá.

1. Importância da Educação Sexual:

Ítala traz já na apresentação da tese, uma justificativa para a Educação Sexual, pautada nos avanços sociais da época principalmente no que se refere à participação das mulheres na sociedade. A Educação geral das mulheres, incluindo a educação sexual, é apresentada pela médica como uma demanda social do contexto da época. Como já foi discutido em capítulos anteriores, o período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX trouxe grandes mudanças em relação à participação social e política das mulheres, alavancadas

pelo processo de industrialização e também pelo movimento feminista que começa a tomar corpo na segunda metade do século XIX.

"As conquistas sempre crescentes do feminismo, o contato permanente e contínuo dos dois sexos, no labor diuturno, nas fábricas como nas oficinas, nos laboratórios como nas escolas superiores, nas indústrias assim como no comércio, estão a pedir nos programas de ensino, ao lado da educação física, da moral e da intelectual, um lugar para a educação sexual (OLIVEIRA, 1927 Apresentação)."

2. Objetivos da Educação Sexual:

"A educação sexual mira assegurar a saúde física e, porque não, moral dos dois sexos, por uma profunda e nítida compreensão da vida (OLIVEIRA, 1927 p.130)."

"A educação sexual verdadeira seria aquela em que a contemplação da nudez absoluta de um sexo deixasse o outro impassível, calmo, seria a reprodução da primitiva educação grega (OLIVEIRA, 1927 p.147)."

2.1. Controle do instinto sexual evitando os excessos sexuais:

"Tirano, elemento poderoso, o instinto sexual aguilhoado ainda mais pelo prazer que o conduz à reprodução, se o homem as voltas com sua sexualidade despertada, não tem o conhecimento do mal que o excesso gera, perde a criatura e acarreta sofrimentos inúmeros à sua descendência. A necessidade de preparar o indivíduo, contra as surpresas, o mais cedo possível é imprescindível, por isso mesmo que mais tarde 'aquele que quisermos proteger será nosso primeiro adversário, vê no médico ou no conselheiro discreto que o avisa, alguém que persegue seu próprio interesse, contrariando seus desejos ou paixões (CARLE Apud OLIVEIRA 1927 p. 11-120)."

"O homem é capaz de dominar seus instintos quando a educação, a instrução e o domínio da vontade lhe fornecerem elementos para tanto (OLIVEIRA, 1927 p.126)."

"Como pois dirigir o instinto sexual, quando ele desperta se o adolescente não foi avisado? Como todos os instintos esse é cego também; só pode ser contido pela educação que dele retirará o máximo em benefício do indivíduo, olhada a moral que regula as nossas relações com os demais (OLIVEIRA, 1927 p.130)."

"Educada nesta escola, preservada desde cedo por uma direção competente, a mocidade há de compreender que o desejo sexual precoce é fruto anormal da educação péssima dos nossos dias que a frequentação de mulheres numa época em que o organismo não adquiriu seu desenvolvimento integral, esgota as energias físicas, gera a miséria fisiológica (L. MATHÉ apud OLIVEIRA, 1927 p. 178-179)."

2.2. Educação Sexual para o esclarecimento da juventude e eliminação de preconceitos:

"A mocidade em cujas artérias o sangue novo e generoso da idade fervilha não pode, venda aos olhos, passos incertos, caminhar para o futuro, ignorante do quanto respeita à sua sexualidade. A instrução dada até hoje, resultante imediata de costumes e preconceitos absurdos, teorias falsas e postulados errôneos, carece ser reformada, porquanto a educação sexual encontra-se na razão de ser da própria natureza do homem (OLIVEIRA, 1927 p.123)."

2.3. Educação Sexual como controle ou contraponto das heranças biológicas:

"O homem é afinal o que dele a educação e as heranças atávicas e diretas o fizerem. Se estas últimas não podem ser mudadas, são, no entanto, sujeitas a modificações para melhor ou pior, à conta dos agentes exteriores, de hábitos ou usos que as trabalharam. A educação, as disposições adquiridas são o produto da atuação do meio ambiente; as heranças dormem no organismo, a modo de energias latentes, e se entremostram na puberdade, quando se desenvolvem e se firmam trabalhadas ou modificadas pelo indivíduo ou pela vontade (OLIVEIRA, 1927 p.128)."

"E o fim da educação, sob qualquer prisma considerada, é saber dirigir as disposições hereditárias e os apetites para caminhos úteis proveitosos e sadios (OLIVEIRA, 1927 p.129)."

3. Temas a serem abordados:

3.1. Educação Sexual para equidade e respeito entre homens e mulheres:

"É preciso criar na mulher, sem falso nem mal entendido pudor, o sentimento da dignidade própria, e no homem o respeito à companheira de lutas e de trabalhos, de cujo seio ele veio à luz do dia e de cujas entranhas ferrazes, ao calor de sua virilidade, novas vidas surgirão, novos seres lhe farão palpitar o coração na mais santa das alegrias — a alegria divina de criar (OLIVEIRA, 1927 apresentação)."

"É preciso que desde o limiar das escolas infantis até as escolas superiores, o homem veja a mulher ao seu lado, em igualdade de condições, entregue aos mesmos trabalhos, desempenhando-se dos mesmos deveres, no preparo racional para a luta pela vida, esgotando as suas energias mais nobres, no trabalho honesto e fecundo. Só colocando a mulher ao seu lado como uma colaboradora e uma amiga, o homem aprenderá a respeitá-la, pertença ela a classe que pertencer (OLIVEIRA, 1927 p. 148)."

"Família e sociedade só podem existir onde os dois sexos existirem e na sociedade ambos cooperam, logo, o lugar de ambos é na sociedade; na família ambos colaboram, logo, o lugar de ambos é na família, desempenhando-se cada um das suas funções, porque a sexualidade é biologicamente uma divisão do trabalho.[...] A sociedade não é lugar só do homem, a família não é lugar só da mulher. A sociedade é uma determinação da evolução mental e não da evolução testicular; a família é uma determinação da evolução mental e não da evolução ovariana (OLIVEIRA, 1927 p. 164)."

"O desejo sexual faz parte da organização masculina como feminina. E se a mulher quiser ser sincera consigo mesma, se ela não for hipócrita há de confessar a veracidade disso. Não é a mulher de carne e sangue como o homem e como ele sujeita a concupiscência e à sedução (OLIVEIRA, 1927 p.186)?"

"Portanto, se a mulher a mulher pode e deve ser casta e chegar pura ao casamento, o homem também deve ter essa obrigação, sem o que nada ele poderá exigir (OLIVEIRA, 1927 p. 189)."

"E a satisfação da parte positiva do aparelho genital, sem a compensação igual da parte negativa, é origem de neurastenias, estados nervosos vários, histeria, loucura, adultérios. A clínica registra os primeiros e a sociedade anota os últimos (OLIVEIRA, 1927, p. 192)."

"A mulher não é uma máquina, é um ser que vibra, sente, tem direito aos mesmos gozos que o homem no ato sexual; lembrando se disso os maridos evitarão muitos males (OLIVEIRA, 1927 p. 193)."

3.2. Educação sexual das mulheres para a maternidade e o casamento:

"Eu sei, no entanto, que a mulher sofre muito mais do que o homem nessas questões de amor sexual. A ela tudo se proíbe; tudo é-lhe vedado. De vontade fraca, porque a educação assim lhe formou, ela tem mister ser instruída, ser educada. Só então, a maternidade será para ela a mais nobre e a mais santa das missões humanas, só então ela marchará para o amor serena e tranquila, sem embustes, sem fraudes, sem artifícios, dando a sua virgindade em troca de augustos mistérios e sublimes ideais (OLIVEIRA, 1927 Apresentação)."

Faz referência a Paolo de Mantegazza, sobre a importância da Educação Sexual das mulheres:

"Tem razão Mantegazza quando pede 'que se dê à donzela uma educação mais sábia, mais liberal, que lhe ensine o que ela não sabe ou sabe mal para que cheia de reconhecimento e de confiança, diante do altar ou diante do magistrado, pronuncie livremente o seu sim' (OLIVEIRA, 1927 p. 132)."

Traz as contribuições de Toulouse²² para defender a instrução das mulheres sobre sexualidade:

"Ninguém receie que a mulher, conhecendo os assuntos da sexualidade perca esta flor de inocência superficial, que aos olhos dos contemporâneos, constitui o seu maior encanto e atrativo. Não, basta conhecer raparigas que se dedicam a estudos naturais profundos, como as estudantes de medicina, para afirmar que o conhecimento teórico da fisiologia mais completa, não lhes arrebatou nem o recato e nem o encanto que possuíam antes de seus estudos (OLIVEIRA,, 1927 p.133)."

"Que os pseudo-puritanos que falam contra a educação científica feminina, procurem o mal na sua origem; o ensino científico carece de ser conduzido e guiado pela moral, se ele quiser obter ótimos frutos. E o ensino científico sem ensino moral é utopia, quando não um tremendo mal (OLIVEIRA, p.134)."

"É mister que a mulher eduque e só depois de educada ela poderá educar. [...] A civilização exige a sua educação e o seu preparo para educador (OLIVEIRA, 1927 p.165)."

²² Médico francês, presidente da Associação de Estudos Sexológico de Paris (ALBUQUERQUE, 1934 p.65).

"Esta é a preocupação do feminismo educar a mulher para ser mulher, esposa excelente, mãe de família exemplar, honesta trabalhadeira (OLIVEIRA, 1927 p.168)."

" A educação sexual feminina se impões em benefício da mulher, em bem da espécie. Ela lhe ensinará o perigo das uniões com velhos libertinos, gastos pela idade nos lupanares infectados, embrutecidos no mais baixo sensualismo que só lhe levará ao seu organismo sadio, germens de males incuráveis a fazerem dos seus filhos inaptos para a vida (OLIVEIRA, 1927 p. 190-191)."

"A educação sexual não deixará a iniciação nos cuidados do marido, porque se todos, os que se casam estivessem persuadidos que a educação conjugal exige uma paciência e uma delicadeza extremas, poder-se-ia deixar aos seus cuidados a iniciação completa. Nem sempre é assim e o bel prazer do homem ultrapassa o poder da esposa. [...] As causas mais graves de desinteligências são aquelas que se originam no ato genital (OLIVEIRA, 1927, p.192)."

"Ensinem pais e mestres, a mulher a combater os erros dos sentidos, a fugir das más companhias, a ocupar o espírito com o trabalho útil, afastada de pensamentos lascivos e garridices provocantes, prepare-a para o seu papel de mãe (OLIVEIRA, 1927 p.205)."

3.3. A reprodução como objetivo/função principal da relação sexual:

"[...] — o prazer genésico, a volúpia, não é o fim da união sexual, é antes um artifício de que lança mão a natureza para conseguir o fim visado, é um meio e não o objetivo da cópula (OLIVEIRA p. XXIV do Preâmbulo)."

A proposta de Educação Sexual de Ítala começa com o estudo dos chamados "órgãos de geração" e de seus mecanismos de funcionamento. Desta forma, a médica indica que um plano de estudos nesta área precisaria incluir um suporte dos conhecimentos de anatomia e fisiologia.

3.4. Higiene dos órgãos sexuais:

"O instinto sexual é cego sim, é mister, porém, não esquecer que uma comunhão íntima de todos os dias, pede cuidados meticulosos de asseio. A menor incúria de um dos esposos pode desgostar o outro, ou mesmo afastá-lo. Assim, além da higiene que reclama e pede o asseio corporal, o respeito e a estima recíproca que marido e mulher se devem, impõe esta limpeza (OLIVEIRA, 1927 p. 63-64)."

3.8. Importância da Educação Sexual na infância:

"A reforma verdadeira a que mudará os costumes é a educação da infância, seja sob a forma de asseio físico ou iniciação moral (OLIVEIRA, 1927 p.136)."

3.8.1. Vigilância, higiene e cuidados com as crianças para evitar a excitação/iniciação sexual precoce e a masturbação:

"[...] as mães devem vigiar tanto quanto possível, os pequenos nas suas relações com as amas de leite, iniciadoras não raro de práticas indecorosas à criança. As criadas novas e ardentes, diz Anna Fischer, muita vez provocam as crianças, beijando-as, fazendo-lhes toques (OLIVEIRA, 1927, p. 142)."

"Os oxyuros vermiculares, nas dobras do reto, são uma causa de prurido intenso nas partes genitais e pedem uma grande vigilância. Eles podem passar à vulva, intensificar o prurido e conduzir assim a criança a se coçar insuportavelmente e, daí à provocação do espasmo venéreo, ao hábito do onanismo, é um passo (OLIVEIRA, 1927 p.143)."

"É coisa indispensável criar na criança hábitos de asseio; que ela se banhe, diariamente, maiormente nos nossos climas tropicais, onde as transpirações acumulam secreções do odor nada suportável, se o indivíduo não tem o hábito de não se lavar todos os dias. [...] Esse asseio, essa limpeza corporal na infância, prepara caminho à higiene sexual, mais tarde. (OLIVEIRA, 1927, p. 144- 145)."

3.9. Seleção de casamentos para garantir uma descendência saudável:

"Ainda esta modificação patológica se pode transmitir pela lei ordinária na hereditariedade e teremos aí o rastilho de degenerescências futuras, acompanhando todas as determinantes do gérmen, agora desviadas para o mesmo sentido. A intoxicação alcoólica,, afecções constitucionais como sífilis, tuberculose, etc. estão rotuladas no caso em apreço. A consanguinidade perpetrada é, por tal motivo, nefasta à espécie.[...] Para remediar tão incuráveis males individuais e coletivos mesmo, é mister a seleção da espécie pelo casamento efetivado com critério, prudência e inteligência (OLIVEIRA, 1927, p.156)."

Cita Antônio Austregésilo e Paolo de Mantegazza que condenam os casamentos que possam gerar filhos débeis ou mesmo degenerados.

"A educação sexual ensinará ao homem e à mulher que o amor, para ser a mais sincera expressão de beleza humana, não deve ferir a direitos sacrossantos de terceiros, nem os interesses razoáveis e justos da moral e da biologia. Às gerações do presente compete trabalhar para a realidade de tão justo anseio (OLIVEIRA, 1927 p. 158)."

3.10. Educação feminina para o trabalho digno, escapando da prostituição:

"Solteira, rija a vontade, educada, sentindo-se satisfeita de viver, liberada de grillhões atávicos, ela sorrirá para a vida esperando poder um dia, sem anseios, sem embustes, integralizá-la, completá-la ao lado do companheiro escolhido. E se o destino de esposa e mãe falhar, ela encontrará ainda, no trabalho, o mais eficaz remédio às mutações do caráter que na idade crítica as torna maldizentes, querelentes, insuportáveis solteironas.[...] aquela que, no meio social em que viveu não achou um ser que lhe quisesse como companheira e amiga, terá ocupações nobres, fontes vivas e puras de alegrias e a prostituição, que elas saberão um mal e uma chaga no corpo social, não as tentará (OLIVEIRA, 1927 p. 168)."

3.11. Cinema, danças e leituras impróprias devem ser evitadas pelas jovens, sob o risco de que a excitação sexual provocada traga prejuízos para seus corpos:

"Vemos somente nestas, as excitadas de amanhã, histéricas, amenorréicas, de ovarites crônicas a reclamarem um tratamento que nada adianta, porque o mal reside na excitação diária do aparelho genital (OLIVEIRA, 1927 p. 176)."

3.12. Controle do número de filhos e suas consequências para a sexualidade do casal:

"Um grande mal que pode suceder aos cônjuges, está na limitação da prole, que é em regra feita por meios artificiais, o que produz inúmeros prejuízos. A prática mais seguida é a do ato sexual interrompido, um dos maiores fabricantes de neurastenias genitais, porque o esforço da vontade em retardar o orgasmo, pela atenção para que não se produza uma ejaculação vaginal sofrem os centros nervosos de ambos os esposos, que não se satisfazem completamente (AUSTREGÉSILO apud OLIVEIRA, 1927 p.194-195)."

3.13. Sexualidade na velhice:

"A educação sexual bem dirigida, verdadeira, frutificará ainda aqui, ensinando o ser humano, homem ou mulher, a compreender o que o assaltará na idade crítica e como na razão equilibrada e na vontade forte acharão o apoio onde se acostarão, quando a rajada soprar, no redemoinho da tempestade (OLIVEIRA, 1927 p.203)."

4. Elementos importantes da Educação Sexual (educação física intelectual e moral, e a disciplina):

"[...] só a disciplina individual, visando a saúde física e moral, poderá dar frutos (OLIVEIRA, 1927 p. 130)."

"São as crianças mais vivas, as que se entregam à movimentação ativa, nas quais o espírito e os sentimentos são utilmente empregados, as mais dificilmente presas do mal solitário.[...] Foi o vigor dos antigos, assegurado por uma cultura física sadia, permitindo o desenvolvimento integral das faculdades d'alma e do corpo que deu à Grécia toda grandeza. (OLIVEIRA, 1927 p. 149-150)."

Ainda sobre o exercício físico:

"Ele enrijará o caráter, temperará as energias, robustecerá o físico do homem, o tornará apto às vicissitudes e trabalhos da vida, lhe ensinará a disciplina e o domínio de si mesmo, a ordem interior, numa palavra, e para a mulher, ao lado dessas vantagens todas há a considerar o desabrochar pleno da sua beleza com a graça e o encanto da mocidade sadia e, além de tudo o aperfeiçoamento do organismo para o cumprimento fisiológico de maternidades robustas e felizes, condição essencial para o revigorecimento de uma raça e melhoria de um povo (OLIVEIRA, 1927 p.150-151)."

5. Onde, por quem e como deve ser ministrada a Educação Sexual?

"No lar a educação deverá ser individual, ministrada por pais hábeis e refletidos, se não cultos, inteligentes, antes do despontar do interesse genésico ou não, conforme a idade, o desenvolvimento intelectual e a força do instinto. Na escola ela será, tanto quanto possível, coletiva, iniciada pelo conhecimento das ciências naturais em animais ou plantas, acostumando-os aos fenômenos da reprodução que nada tem de vergonhoso; em etapas mais adiantadas a reprodução humana será estudada. E porque também o ensino secundário não há de advertir dos perigos das moléstias venéreas, à mocidade incauta (OLIVEIRA, 1927, p. 136)?"

Parceria entre família e escola, e em último caso a ação dos médicos e das médicas:

"Em resumo, só a ação conjugada da família e da escola poderá levar a cabo a educação sexual, e, quando a tática de uns e os conhecimentos de outros não forem suficientes, então, em preleções especiais o médico levará o seu auxílio, orientando, explicando (OLIVEIRA, 1927 p. 137)."

"Ensinem, escola e lar, à criança a se respeitar e respeitar aos demais, saiba também lhe dizer que em cima de seu corpo, invólucro de uma alma que não morre, nada há de indecente, nem desprezível, tudo é nobre, tudo é digno (OLIVEIRA, 1927 p. 145)."

"Que a família e a escola ainda conjugadas, ensinem o homem a se respeitar, a conservar as forças físicas, de cuja inteireza a pátria carece para a procriação de filhos robustos e que ele não esbanje a saúde contraído afecções transmissíveis e por isso mesmo prejudiciais à espécie, por quanto 'na grande família humana, não há males que aflijam um só dos seus membros sem repercutir sobre os outros; é a lei da solidariedade (OLIVEIRA, 1927 p. 206)."

5.1. Os pais devem ser responsáveis, inicialmente, pela Educação Sexual:

"Também, cumpre observado, grande é o número de pais que desconhecem as leis mais elementares e gerais da higiene infantil. É, no entanto, aos pais que incumbe o dever da iniciação sexual (OLIVEIRA, 1927 p. 131)."

5.2. Educação das mulheres para a educação, inclusive sexual, dos filhos e filhas:

"Eduquemo-la, porque só o trabalho honesto e fecundo, engrandece e liberta o homem. Tenha ela porém, sempre, onde quer que o trabalho a ponha, aptidão para ser Mãe perfeita, íntegra,, porque se os lábios cuidadosos e avisados da mãe não ministrarem ao filhinho os conhecimentos que ele carece ouvir, esses vão ser bebidos de fontes impuras (OLIVEIRA, 1927 p.134)."

4.6 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL:

Segundo Ítala Oliveira, a Educação Sexual era uma demanda das transformações sociais do período e que incluíam principalmente a participação das

mulheres nos espaços públicos, como ambiente acadêmicos e/ou profissionais. Neste sentido, a autora afirma que:

"As conquistas sempre crescentes do feminismo, o contato permanente e contínuo dos dois sexos, no labor diuturno, nas fábricas como nas oficinas, nos laboratórios como nas escolas superiores, nas indústrias assim como no comércio, estão a pedir nos programas de ensino, ao lado da educação física, da moral e da intelectual, um lugar para a educação sexual (OLIVEIRA, 1927 Apresentação)".

É interessante notar, que a médica inclui a Educação Sexual como um elemento da educação geral, que já apontava para o controle e o disciplinamento do corpo, os aspectos morais e intelectuais e que deveria passar a incorporar a regulação dos comportamentos e práticas sexuais.

Por seu turno, para o médico Raul Brandão, na sua tese sobre Educação Sexual (apresentada no capítulo 2) escrita 17 anos antes, a grande importância da Educação sexual estava no fato de ser ação de higiene social e de atuar na promoção da saúde e bem estar da população em geral. Dessa forma, ele ratifica a vinculação da Educação Sexual com a higiene, prevenção de doenças e manutenção da saúde. Nas suas palavras:

"Penso que tendo escolhido esse ponto de higiene social para termo final dessa jornada que me tem sido uma cadeia de sacrifícios e amarguras, presto muito maior serviço à minha cara e adorada Pátria do que se tivesse escrito dentro dos domínios da cadeia de que sou interno e onde pretendo continuar a me especializar (BRANDÃO, 1910 p.IV)."

No tocante à importância da Educação Sexual as ideias dos médicos José de Albuquerque e Antônio Austregésilo, também destacavam as discussões sobre as questões de sexualidade emergentes na sociedade naquele momento:

"O conhecimento das questões que se prendem à sexologia, é requerido não só para orientação da conduta da vida biológica do homem como para a solução dos mais importantes problemas de sua vida social. Por isso, deve o seu estudo interessar ao psicólogo, ao médico, ao jurista, ao magistrado, ao pedagogo, ao legislador, ao jornalista, ao sociólogo e etc. Mas, para que as questões sexuais sejam conhecidas, necessário se torna que as ensinem, ou pelo menos que se proporcionem os meios para que seja aprendida (ALBUQUERQUE, 1934 p.51)."

Essa mesma ideia é reafirmada no trecho a seguir:

"Há muitos livros escritos em todos os países civilizados acerca dos problemas sexuais. Entre nós, além de traduções, computam-se vários tomos acerca do mesmo assunto. A importância do problema merece grande publicidade, porque o progresso e a civilização modificam e alteram constantemente a questão sexual, uma das mais importantes para o equilíbrio nervoso e mental. Tais razões justificam a publicação deste volume (AUSTREGÉSILO, 1934 Apresentação)."

Nos parece que todos os autores apresentam, inicialmente, a questão da Educação Sexual como uma demanda relativa às transformações sociais ocorridas naquele momento histórico, seja em relação às conquistas feministas ou mesmo ao surgimento de novos conhecimentos nas áreas da biologia, medicina e a da psicologia sobre aspectos da sexualidade humana. O contexto dessas ideias refletia as discussões que ocorriam na Bahia e no Brasil sobre modelos ou propostas no campo da educação, que dessem conta da formação de cidadãos e cidadãs, e ao mesmo tempo, representassem a ordem social da nascente república, que buscava erigir modelos de comportamento condizentes com os padrões dos centros europeus. Além disso, a boa saúde da população era vista como condição necessária para o desenvolvimento social econômico e cultural do país, de modo a equipará-lo com as nações desenvolvidas.

Conforme Leite (2001), as mudanças em relação aos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade baiana já vinham ocorrendo desde o final do século XIX. Se por um lado, as ex-escravas, mestiças e brancas pobres se inseriam no mundo social a partir do trabalho necessário ao sustento de suas famílias, as mulheres das camadas médias e abastadas ocupavam esses espaços pela via da educação formal e pelo ingresso em profissões liberais. Dessa forma caracterizava-se um universo social propício ao surgimento de novas ideias como as propostas de Educação Sexual aqui discutidas.

4. 7 OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL:

A ideia de que existe um momento adequado para a iniciação sexual dos jovens estava presente no pensamento de todos os autores analisados. A maturidade sexual (do ponto de vista biológico) nem sempre coincide com a maturidade emocional. O despertar do desejo é visto pelos médicos e pela médica, como um momento muito delicado da vida do adolescente. De um modo geral, existe a ideia de que é necessário que o rapaz e moça aprendam a ter domínio sobre o próprio desejo para que possam aguardar o momento do casamento para

realizá-lo. Desta forma, a educação sexual teria um forte viés de controle, buscando postergar a iniciação sexual. É certo que, em relação aos rapazes havia uma “frouxidão” deste critério, visto que se acreditava que suas necessidades sexuais eram maiores do que a das moças. Essas últimas, além de refrearem e esconderem o próprio desejo, eram responsáveis também por conter as tentativas de avanço dos rapazes. Assim, preconizava-se uma Educação Sexual que contivesse a tirania do instinto como apresenta Ítala Oliveira, no trecho que segue:

"Tirano, elemento poderoso, o instinto sexual aguilhoado ainda mais pelo prazer que o conduz à reprodução, se o homem as voltas com sua sexualidade despertada, não tem o conhecimento do mal que o excesso gera, perde a criatura e acarreta sofrimentos inúmeros à sua descendência. A necessidade de preparar o indivíduo, contra as surpresas, o mais cedo possível é imprescindível, por isso mesmo que mais tarde 'aquele que quisermos proteger será nosso primeiro adversário, vê no médico ou no conselheiro discreto que o avisa, alguém que persegue seu próprio interesse, contrariando seus desejos ou paixões (CARLE Apud OLIVEIRA 1927 p. 11-120)."

E continuando Ítala destaca que o desejo sexual precoce era consequência de uma fragilidade na educação formal da época, que demandava a inclusão da Educação Sexual:

"Educada nesta escola, preservada desde cedo por uma direção competente, a mocidade há de compreender que o desejo sexual precoce é fruto anormal da educação péssima dos nossos dias [...] (OLIVEIRA, 1927, p. 178)

Além da questão do controle do instinto, havia o objetivo de promover o autoconhecimento, o aprendizado de medidas de higiene e a prevenção de doenças, como podemos notar nos trechos abaixo:

"A educação sexual mira assegurar a saúde física e, porque não, moral dos dois sexos, por uma profunda e nítida compreensão da vida (OLIVEIRA, 1927 p.130)."
"O aprendizado da sexualidade, com as respectivas leis imperativas para o bem humano, deve ser ensinado com clareza e elevação a fim de que a criança, ou o adolescente e o indivíduo adulto possam aprender, na cartilha da saúde corporal e psíquica, o melhor caminho para a vida (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 231)

É interessante notar que, como psiquiatra, o médico Antônio Austregésilo incluiu nos objetivos da Educação Sexual a manutenção da saúde psíquica.

Neste mesmo período, a médica uruguaia Dr^a Paulínia Luisi, publicou um texto no Boletim de Eugenia de dezembro de 1930, destacando o papel da Educação Sexual na contenção dos instintos:

“A Educação Sexual é a ação pedagógica que pretende submeter o instinto sexual à ação da vontade sob o domínio da inteligência instruída, consciente e responsável.”

Paulínia Luisi apresentou suas considerações em um texto de resposta a um inquérito sobre Educação Sexual proposto pelo médico Renato Khel no Boletim de Eugenia, o que denota que a temática da Educação Sexual encontrava-se em pauta na sociedade da época.

Outro objetivo importante é o esclarecimento da população sobre os processos que envolvem a reprodução, tornando-os menos misteriosos e mais naturais, na medida em que estavam inseridos no contexto da história natural e da biologia, como destaca Austregésilo:

“É preciso falar com franqueza à criança e aos moços, da função sexual, da reprodução da espécie como um fato biológico e social; é preciso falar cientificamente, sem acanhamento e sem mistério (AUSTREGÉSILO, 1934 p.81).”

O mesmo autor destaca também como função da Educação Sexual, a complementação de informações que a família não teria condições de fornecer:

“Evidentemente, urge que a educação sexual tenha maior e mais eficiente expansão nos meios familiares e escolares, especialmente neste último, porque a cultura dos pais ou das famílias, não se acha capaz de esclarecer problemas tão úteis e tão compreendidos da humanidade (AUSTREGÉSILO, 1934, p.64).”

E por fim, Ítala Oliveira ainda destaca que Educação Sexual funcionaria como um contraponto às heranças hereditárias, tendo a função de alterá-las:

“E o fim da educação, sob qualquer prisma considerada, é saber dirigir as disposições hereditárias e os apetites para caminhos úteis proveitosos e sadios (OLIVEIRA, 1927 p.129).”

A proposta de abordar os fenômenos biológicos relativos à sexualidade e a reprodução de modo a esclarecer a população, revela um forte compromisso desses autores com a disseminação dos conhecimentos científicos produzidos naquele período provendo a Educação Sexual de uma sustentação científica. Tais argumentos vão justificar a necessidade de controle do instinto e a postergação da iniciação sexual.

4.8 TEMAS A SEREM ABORDADOS:

De um modo geral, os autores analisados apresentam uma certa convergência em relação às temáticas propostas para serem abordadas na Educação Sexual, dentre elas estão: a educação das mulheres para o casamento e a maternidade; a prevenção de doenças; o papel das mães na educação das filhas, o combate à masturbação e à homossexualidade; a educação diferenciada para rapazes e moças; Educação Sexual na infância; Educação Sexual na puberdade; Educação Sexual na velhice; Educação Sexual para equidade de direitos entre homens e mulheres entre outros. Destacamos abaixo aqueles que apareceram nos textos de vários autores e podem ser considerados inovadores para os padrões da época.

Educação das mulheres para o casamento e a maternidade:

Este tema foi abordado de forma recorrente pelos autores e pela autora analisada. Assim, Raul Brandão, por exemplo, entendia que:

“Se este problema da educação sexual traz vantagens sociais gerais, é preciso notar que é justamente a mulher a quem interessa mais de perto . O homem tem o direito de se entregar, contrair tudo quanto é moléstia, depois escolher a mulher que lhe agrade dentro das maiores exigências. É do conhecimento dos mistérios da vida sexual, que a pobre mulher poderá elevar-se e dizer: — eu também sei e quero escolher, dessa forma evitará que muito miserável que conspurca hoje a santidade do lar procurasse seu verdadeiro lugar que é o prostíbulo (BRANDÃO, 1910 p.22).”

Neste sentido, o médico propunha que a Educação Sexual preparasse as jovens para que, de posse dos conhecimentos sobre a existência das doenças venéreas, frequentemente adquiridas pelos homens nos prostíbulos, pudessem evitar escolher como maridos aqueles que costumavam frequentar estes espaços. É interessante notar, que o médico propunha certa autonomia das mulheres na escolha dos casamentos, o que na verdade, era pouco comum para época.

Ítala Oliveira utiliza um argumento semelhante para a educação feminina, e em particular a Educação Sexual, destacando os benefícios na proteção da descendência:

"A educação sexual feminina se impõe em benefício da mulher, em bem da espécie. Ela lhe ensinará o perigo das uniões com velhos libertinos, gastos pela idade nos lupanares infectados, embrutecidos no mais baixo sensualismo que só lhe levará ao seu organismo sadio, germens de males incuráveis a fazerem dos seus filhos inaptos para a vida (OLIVEIRA, 1927 p. 190-191)."

Além destas prescrições que faziam alusão à prevenção da contaminação pelas doenças venéreas como um dever da futura mãe, havia referências diretas à educação para a maternidade, visto que a mesma era considerada a principal função biológica e social das mulheres. Vejamos o que nos diz Antônio Austregésilo sobre o tema:

"A escola deve industrializar as moças para o papel essencial feminino que é a maternidade. Não basta que a mãe ame os filhos, é necessário que se instrua para os futuros deveres maternos e para os cuidados a dispensar aos mesmos [...] Os preceitos do aleitamento, da higiene infantil, os cuidados pré-natais da gestante, e a propósito, devem -se ensinar os métodos relativos ao tratamento das parturientes, os primeiros cuidados indispensáveis na ausência do médico ou a parteira, o perigo das enfermidades venéreas, o valor da hereditariedade na saúde dos filhos; mostrar-se-ão os males de certas moléstias como o alcoolismo, a tuberculose, a sífilis, para a família e para o indivíduo (AUSTREGÉSILO, 1934 p.85-86)."

Mesmo a médica Ítala Oliveira, que apresenta a Educação Sexual na perspectiva do feminismo, assim como outras feministas do período, reafirma a maternidade como função precípua da mulher:

"Esta é a preocupação do feminismo educar a mulher para ser mulher, esposa excelente, mãe de família exemplar, honesta trabalhadeira (OLIVEIRA, 1927 p.168)."

Esse mesmo pressuposto aparece destacado em outro trecho de sua tese, ratificando a importância do papel da mulher como esposa e mãe:

"Ensinem pais e mestres, a mulher a combater os erros dos sentidos, a fugir das más companhias, a ocupar o espírito com o trabalho útil, afastada de pensamentos lascivos e garrílicos provocantes, prepare-a para o seu papel de mãe (OLIVEIRA, 1927 p.205)."

Desta forma, a preparação para o casamento e a maternidade deveria ser incluída na educação feminina, forte reivindicação do movimento feminista da época. Ou seja, a participação das mulheres na esfera pública não significava uma ruptura com os papéis de gênero a ela impostos pela sociedade da época. Entretanto, a médica buscava incluir a Educação Sexual como parte de uma educação mais ampla das mulheres, inclusive para o exercício da maternidade e a participação no

casamento de forma mais consciente. Vejamos o trecho abaixo, no qual sintetiza sua posição a esse respeito:

"Eu sei, no entanto, que a mulher sofre muito mais do que o homem nessas questões de amor sexual. A ela tudo se proíbe; tudo é-lhe vedado. De vontade fraca, porque a educação assim lhe formou, ela tem mister ser instruída, ser educada. Só então, a maternidade será para ela a mais nobre e a mais santa das missões humanas, só então ela marchará para o amor serena e tranquila, sem embustes, sem fraudes, sem artifícios, dando a sua virgindade em troca de augustos mistérios e sublimes ideais (OLIVEIRA, 1927 Apresentação)."

Já o médico Antônio Austregésilo, entendia que a educação específica para o casamento, que incluía a compreensão da atividade sexual propriamente dita deveria ser dada por médicas higienistas:

"[...] na época do himeneu, a moça deve ser esclarecida com mais precisão, nas minúcias do ato sexual e do prazer amoroso. Neste particular, as moças deveriam ouvir os conselhos das médicas higienistas que deveriam existir em maior número, para que com menor pudor e mais franqueza, os problemas fossem explanados como princípios científicos e não com o rótulo do mistério ou de obscenidades (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 102)."

O objetivo era de que essa jovem recebesse uma educação científica a respeito da função sexual e reprodutiva sem atribuir-lhe caráter de imoralidade, naturalizando, dessa forma os conhecimentos sobre sexualidade a partir do uso de uma linguagem científica.

Ítala Oliveira também defendia a aquisição, pela mulher, de informações científicas sobre o ato sexual de modo a permitir uma maior autonomia feminina neste momento, não deixando tudo a cargo do marido e com isso evitando insatisfações e conflitos:

"A educação sexual não deixará a iniciação nos cuidados do marido, porque se todos, os que se casam estivessem persuadidos que a educação conjugal exige uma paciência e uma delicadeza extremas, poder-se-ia deixar aos seus cuidados a iniciação completa. Nem sempre é assim e o bel prazer do homem ultrapassa o poder da esposa. [...] As causas mais graves de desinteligências são aquelas que se originam no ato genital (OLIVEIRA, 1927, p.192)."

O médico José de Albuquerque defende que a instrução das meninas sobre a função sexual deveria começar com orientações da mãe no momento da primeira menstruação e que a partir daí iria se desdobrando, como menciona no trecho que segue:

“Todos os malefícios que decorrem do fato das meninas não estarem prevenidas, a respeito do aparecimento de seu catamênio, bem como de ignorarem a sua significação, desapareceriam como por encanto, se as mães as instruísem a respeito do mesmo, advertindo-as antes do seu aparecimento, de que um dia, elas se veriam banhadas em sangue e que esse seria o momento preciso em que deixariam de ser meninas, para se fazerem moças, dia esse que passaria a ser esperado ansiosamente pelas filhas, e, mal chegado, pressurosas iriam, contar à mãe, que se aproveitando dessa oportunidade, as iniciaria nos mistérios da higiene sexual (ALBUQUERQUE, 1934 p.171).”

É interessante notar, que este mesmo médico sempre destaca a importância da utilização de informações claras e de se aproveitar as oportunidades para realizar a Educação Sexual, como seria o caso do evento da primeira menstruação.

Segundo estes autores, a Educação Sexual para o casamento e a maternidade deveria ser realizada tanto em casa, pela mãe, quanto na escola, pelas professoras e também pelas médicas em momentos de atendimento clínico específico. Essa ideia de uma Educação Sexual conformando o papel feminino à maternidade, sustentada por argumentos científicos, vai ser assimilada culturalmente e se refletir nos conteúdos das ciências naturais. Sobre os argumentos científicos em relação à maternidade divulgados neste período, Marta Luna Freire (2008) apresenta o papel de médicos e médicas na divulgação de uma ideologia de maternidade regulada por princípios científicos em revistas femininas da época. Esses discursos foram produzidos em consonância com o ideário republicano que proclamava como função feminina o exercício da maternidade, ideologia esta, que contava com aportes da ciência.

Educação Sexual para a equidade e respeito entre homens e mulheres:

Este tema, apesar de só aparecer na tese da médica Ítala Oliveira, consideramos de grande importância pois além de atestar claramente sua vinculação com o movimento feminista da época, apresenta um enorme avanço na forma de pensar as relações entre homens e mulheres visto que a sociedade referendava um modelo no qual as mulheres eram consideradas inferiores aos homens em diversos aspectos. Ítala defendia uma educação que possibilitasse a convivência entre rapazes e moças, promovendo a construção de relacionamentos de parceria em condições de equidade:

"É preciso criar na mulher, sem falso nem mal entendido pudor, o sentimento da dignidade própria, e no homem o respeito à companheira de lutas e de trabalhos, de cujo seio ele veio à luz do dia e de cujas entranhas ferrazes, ao calor de sua virilidade, novas vidas surgirão, novos seres lhe farão palpitar o coração na mais santa das alegrias — a alegria divina de criar (OLIVEIRA, 1927 apresentação)".

Para tanto, a médica defende a coeducação de meninos e meninas desde a infância até o ensino superior:

"É preciso que desde o limiar das escolas infantis até as escolas superiores, o homem veja a mulher ao seu lado, em igualdade de condições, entregue aos mesmos trabalhos, desempenhando-se dos mesmos deveres, no preparo racional para a luta pela vida, esgotando as suas energias mais nobres, no trabalho honesto e fecundo. Só colocando a mulher ao seu lado como uma colaboradora e uma amiga, o homem aprenderá a respeitá-la, pertença ela a classe que pertencer (OLIVEIRA, 1927 p. 148)."

O médico Antônio Austregésilo também defende a coeducação, mas não chega a propor a equidade de direitos e posições sociais, ele argumentava que a coeducação era importante para que os rapazes e moças se acostumassem a presença uns dos outros:

"A prática tem demonstrado que a educação e a convivência de jovens de ambos os sexos dão os melhores resultados pela camaradagem instituída, pela perda de cerimônia e de timidez das moças e dos rapazes, enfim, pela troca de ideias, pela confiança, pela independência que as moças adquirem no convívio dos amiguinhos.[...] os rapazes se tornam menos obscenos e libidinosos nos seus pensares e as moças fazem-se mais respeitadas tornando-se mais independentes (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 133)."

Nesse trecho Austregésilo defende a coeducação na perspectiva da emolduração de comportamentos masculinos ao ideal do homem de bem, educado para conter os seus impulsos, condição necessária para a convivência social.

Ainda falando da coeducação, Ítala Oliveira alegava que, essa mesma educação, deveria viabilizar a participação de ambos nas atividades familiares e na sociedade em geral, sugerindo uma mudança na tradicional divisão de papéis:

"Família e sociedade só podem existir onde os dois sexos existirem e na sociedade ambos cooperam, logo, o lugar de ambos é na sociedade; na família ambos colaboram, logo, o lugar de ambos é na família, desempenhando-se cada um das suas funções, porque a sexualidade é biologicamente uma divisão do trabalho.[...] A sociedade não é lugar só do homem, a família não é lugar só da mulher. A sociedade é uma determinação da evolução mental e não da evolução testicular; a família é uma determinação da evolução mental e não da evolução ovariana (OLIVEIRA, 1927 p. 164)."

Neste sentido atentamos para o fato de que a autora propõe uma ruptura do padrão vigente à época, que vinculava os papéis de gênero aos atributos biológicos de cada sexo. Essa vinculação é abordada por Thomas Laqueur (2001) ao tratar da ideia de incomensurabilidade dos corpos masculinos e femininos na discussão do sexo socializado.

Outro aspecto da equidade defendido pela médica, que consideramos bastante avançado para o contexto da época, e que só aparece na sua obra, foi o reconhecimento do desejo feminino e do direito ao prazer sexual para ambos os parceiros considerando-o inclusive como um elemento importante para o bom funcionamento do casamento:

"O desejo sexual faz parte da organização masculina como feminina. E se a mulher quiser ser sincera consigo mesma, se ela não for hipócrita há de confessar a veracidade disso. Não é a mulher de carne e sangue como o homem e como ele sujeita a concupiscência e à sedução (OLIVEIRA, 1927 p.186)?"

A médica advoga ainda, que a satisfação dos parceiros é fundamental para saúde física e emocional do casal, como pode ser constatado no fragmento a seguir:

"E a satisfação da parte positiva do aparelho genital, sem a compensação igual da parte negativa, é origem de neurastenias, estados nervosos vários, histeria, loucura, adultérios. A clínica registra os primeiros e a sociedade anota os últimos (OLIVEIRA, 1927, p. 192)."

Quanto ao prazer sexual feminino Ítala reivindica igualdade de direitos para mulheres e homens como um importante elemento para a felicidade conjugal:

"A mulher não é uma máquina, é um ser que vibra, sente, tem direito aos mesmos gozos que o homem no ato sexual; lembrando se disso os maridos evitarão muitos males (OLIVEIRA, 1927 p. 193)."

Considerava também que, se haviam exigências de castidade, essas deveriam ser feitas para homens e mulheres ou abolidas para ambos como podemos notar no excerto abaixo:

"Portanto, se a mulher pode e deve ser casta e chegar pura ao casamento, o homem também deve ter essa obrigação, sem o que nada ele poderá exigir (OLIVEIRA, 1927 p. 189)."

Neste tópico, podemos observar que Ítala propunha grandes avanços no campo da Educação Sexual, pois, se dispor a abordar essa temática, por si mesma, já se constituía um grande desafio. Para além disso, trazer à tona assuntos como o prazer feminino e a equidade de direitos entre homens e mulheres colocava as discussões sobre sexualidade em um patamar distinto dos debates e argumentações tecidos à época. Atribuímos tal posicionamento às afiliações políticas da autora, cuja perspectiva feminista atravessa toda sua obra.

A reprodução como objetivo/função principal da relação sexual

A reprodução era vista como objetivo principal da relação sexual, o que implicava diretamente na reprovação das práticas sexuais não reprodutivas, que eram apresentadas como desvios ou perversões. Neste sentido, destacar o caráter reprodutivo da atividade sexual era extremamente importante nos programas ou roteiros de educação sexual. A médica Ítala, por exemplo, mesmo defendendo a importância do prazer, coloca-o a serviço da reprodução:

"[...] — o prazer genésico, a volúpia, não é o fim da união sexual, é antes um artifício de que lança mão a natureza para conseguir o fim visado, é um meio e não o objetivo da cópula (OLIVEIRA p. XXIV do Preâmbulo)."

O médico Raul Brandão também deixa claro que a relação sexual deve estar vinculada à reprodução e ao casamento, visando à manutenção da espécie:

"O fim do casamento, como ninguém ignora, é a procriação ou melhor a perpetuidade da espécie (BRANDÃO, 1910 p.42)."

Parece que naquele momento era importante reafirmar a primazia das relações heterossexuais contidas em um casamento, de modo que se pudesse controlar a descendência do casal e a manutenção da saúde da espécie. Assim, este enunciado prescreve a heterossexualidade como norma compulsória, patologizando todas as práticas sexuais não reprodutivas.

Medidas de higiene e cuidado com os órgãos genitais:

As orientações sobre o asseio e a higiene, com os órgãos genitais, estavam presentes nos textos dos autores analisados e sua justificativa ia desde a manutenção da saúde para evitar a proliferação de doenças até a contenção dos chamados “vícios” como a masturbação e a homossexualidade ou pederastia, e manutenção dos casamentos. Ítala, destaca a importância do asseio e da higienização dos genitais nas crianças:

"É coisa indispensável criar na criança hábitos de asseio; que ela se banhe, diariamente, maiormente nos nossos climas tropicais, onde as transpirações acumulam secreções do odor nada suportável, se o indivíduo não tem o hábito de não se lavar todos os dias. [...] Esse asseio, essa limpeza corporal na infância, prepara caminho à higiene sexual, mais tarde. (OLIVEIRA, 1927, p. 144- 145)."

E no recorte seguinte, salienta a importância destes cuidados para o casamento:

"O instinto sexual é cego sim, é mister, porém, não esquecer que uma comunhão íntima de todos os dias, pede cuidados meticulosos de asseio. A menor incúria de um dos esposos pode desgostar o outro, ou mesmo afastá-lo. Assim, além da higiene que reclama e pede o asseio corporal, o respeito e a estima recíproca que marido e mulher se devem, impõe esta limpeza (OLIVEIRA, 1927 p. 63-64)."

No texto de Antônio Austregésilo também é recorrente a recomendação sobre a importância do asseio e da higiene dos órgãos genitais tanto nas crianças como nos adultos. No tocante aos cuidados com o corpo da criança, o autor enuncia que:

"Cumprir pois, desde a primeira infância, fazer que as crianças tragam os órgãos genitais e o ânus sempre asseados e sãos (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 100)."

Por sua vez, o mesmo autor, ao se referir aos adultos preconizava o asseio e a higiene corporal como um atrativo para a convivência conjugal, conforme se ilustra a seguir:

"Sem limpeza, ou mesmo sem um pouco de galanteria e de artifícios dados pelo perfume, pela graça, pelos mimos, não pode haver a permanente atração sexual, nem o encanto da cópula marital [...] A questão do odor do corpo, do hálito, das axilas, tem grande influência na atração e na repulsa sexual dos cônjuges. [...] Os cônjuges, antes de se recolherem à alcova nupcial, deverão sempre pensar na limpeza das roupas e do corpo (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 176-177)."

Por seu turno, o médico José de Albuquerque faz algumas indicações específicas de higiene dos órgãos genitais para as mulheres durante o período menstrual:

"[...] lavar duas vezes por dia, com água na temperatura de 37° aproximadamente, simples ou boricada, os órgãos genitais externos (ALBUQUERQUE, 1934 p. 201)."

As práticas de higienização do corpo, o asseio e a limpeza especificamente dos genitais, como do corpo em geral, são aspectos que constituíam um repertório de conhecimentos fundamentados na ciência divulgados com o propósito de produzir novos hábitos na população em relação à saúde e à sexualidade.

Educação sexual na infância – informações claras, controle e vigilância:

A Educação Sexual proposta pelos médicos e médicas da época, deveria se iniciar na infância de modo a garantir que os comportamentos e práticas fossem incorporados às suas rotinas e condutas na vida adulta. Entretanto, como as crianças das famílias de elite passavam pelos cuidados de amas e criadas, que pertenciam outro segmento social e étnico-racial, havia uma grande preocupação com a sua influência no comportamento das crianças e futuramente dos adultos. Nesse sentido, recomendava-se um papel mais ativo dos pais, principalmente da mãe, para evitar a aquisição de “maus hábitos” por parte das crianças. Ítala destaca que os toques inadequados destas amas poderiam inibir a prática da masturbação:

"[...] as mães devem de vigiar tanto quanto possível, os pequenos nas suas relações com as amas de leite, iniciadoras não raro de práticas indecorosas à criança. As criadas novas e ardentes, diz Anna Fischer, muita vez provocam as crianças, beijando-as, fazendo-lhes toques (OLIVEIRA, 1927, p. 142)."

Esses ditos “maus hábitos” normalmente se referiam à masturbação e algumas vezes à homossexualidade. A higiene dos órgãos genitais era preconizada, como forma de evitar irritações que provocavam a coceira e, portanto, favoreciam ao

toque mais constante o que, segundo esses autores, estimulava as práticas sexuais referidas. Ítala falava do cuidado com as verminoses que poderiam causar essas irritações.

"Os oxyuros vermiculares, nas dobras do reto, são uma causa de prurido intenso nas partes genitais e pedem uma grande vigilância. Eles podem passar à vulva, intensificar o prurido e conduzir assim a criança a se coçar insuportavelmente e, daí à provocação do espasmo venéreo, ao hábito do onanismo, é um passo (OLIVEIRA, 1927 p. 143)."

Antônio Austregésilo também se refere a esse tipo de contaminação e à própria prisão de ventre, indicando como consequências futuras, a masturbação ou auto-erotismo e a homossexualidade:

"Outra obrigação de pais e das amas é zelar pelas partes erógenas naturais como o ânus e os órgãos genitais. Eczemas, supurações, vermes, irritações e etc..., devem ser vigiados para que não se incremente o autoerotismo infantil. O uso de clisteres para evitar a prisão de ventre, a própria prisão de ventre, são elementos que predispõem o indivíduo futuramente à homossexualidade (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 49)."

O médico José de Albuquerque, também destaca o cuidado com a higiene genital como medida para evitar despertar nas crianças o hábito da masturbação:

"Muitas vezes a masturbação nas crianças, advem do fato de sentirem elas certa voluptuosidade quando tocam seus órgãos genitais, em consequência do prurido provocado por oxiúros, no ânus, na vagina, ou ainda ocasionado por fimose, balanite, etc..., o que indica que tais circunstâncias patológicas, devem ser afastadas, como meio de se evitar essa fraude sexual (ALBUQUERQUE, 1934 p. 180)."

Outro cuidado bastante citado pela médica e pelos médicos também, é a questão da manipulação dos órgãos genitais das crianças, tanto por elas mesmas quanto pelos adultos responsáveis pelo cuidado com elas. O médico gaúcho Hernani de Irajá cita mais uma vez as criadas como indutoras de hábitos e comportamentos inaceitáveis:

"Nutrizes pouco escrupulosas ou amas anteriormente propensas à perversões, tem por hábito o manuseio dos órgãos genitais das crianças a seus cuidados. Beijos, e até mesmo sucções às partes pudendas dos pequeninos, satisfazendo apetites inconfessáveis de quem dev eria zelar pela saúde e educação moral, —predispõe-nos, mais tarde, tornarem-se inclinados ao vício e à fraude (IRAJÁ, 1933 p. 32)."

Entretanto, Antônio Austregésilo, chama atenção para ações dos familiares que também devem ser evitadas:

"Não é raro que mães, pais, amas, tias ou irmãs habituem-se a fazer festinha nos órgãos genitais infantis, e que despertam gracinhas e sorrisos por parte dos inocentes. Há mesmo criaturas que sentem especial tendência ou prazer em friccionar ou pegar as partes sexuais da criança. Há nisto grande mal; inconscientemente as pessoas aguçam o autoerotismo infantil, aumentam as zonas erógenas e insensivelmente vão provocando as disposições masturbatórias na criança (AUSTREGÉSILO, 1934 p.25).

"Os pais ou as amas, membros da família em geral devem evitar a criação de zonas erógenas na criança, isto é, devem evitar o excesso de carícias em certos lugares, evitar que a criança por si, se acaricie no seu próprio corpo, ou no corpo materno ou mesmo em objetos, como lençóis, fraldas e etc (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 48)."

A vigilância e o controle sobre o corpo das crianças, fortemente prescrito por esses médicos caracterizava o que Foucault (2014) chamou de "pedagogização do sexo das crianças" e funcionava como uma estratégia para o controle da sexualidade adulta, através da condenação das práticas não reprodutivas desde a infância, direcionando os comportamentos para uma sexualidade restrita às práticas heterossexuais, estas por sua vez, circunscritas ao casamento. No entanto, é importante assinalar que a Educação Sexual proposta pela médica Ítala e por outros médicos e médicas do período, trazia um aspecto extremamente inovador para a época, que era a orientação de que as crianças fossem educadas de forma clara e precisa sobre a sexualidade. De um modo geral, havia uma orientação, por parte desse grupo de médicos e médicas que defendia a Educação Sexual, de que as perguntas das crianças sobre sexo e reprodução não deveriam ser ignoradas, ao contrário disso, esse momentos deveriam ser entendidos como oportunidades para educá-las. Representando bem esta posição José de Albuquerque, ao tratar da Educação Sexual na infância, destacava que:

"Na infância ela deve estar exclusivamente subordinada ao fator — 'oportunidade'; podendo-se mesmo afirmar, por outras palavras, ser a educação sexual da criança, uma questão de se saber aproveitar as ocasiões' (ALBUQUERQUE, 1934 p.53-54)."

O mesmo médico prossegue indicando que deve ser utilizada uma linguagem o mais acessível possível, de acordo com o nível de maturidade da criança, buscando sempre manter a naturalidade do diálogo:

"A Educação sexual da criança, deve ser ministrada com naturalidade, sem fantasia, em linguagem acessível aos diversos graus de mentalidade do educando e sempre que sua curiosidade seja dirigida para tais assuntos (ALBUQUERQUE, 1934 p.56-57)."

Antônio Austregésilo, também destaca a importância da naturalidade e da clareza na linguagem utilizada com as crianças:

"[...] deve-se satisfazer a curiosidade dos inocentes de maneiras claras, precisas, suficientes para a compreensão da vida sexual (AUSTREGÉSILO, 1934 p.54)."

É interessante notar, que ideia de que a vivência da sexualidade iniciava na infância já era bem aceita por esse grupo, especialmente por Antônio Austregésilo, que foi um importante divulgador da obra de Freud no Brasil.

Seleção de casamentos para garantir uma descendência saudável:

A ideia de uma Educação Sexual que pudesse orientar os jovens em relação às suas escolhas matrimoniais esteve sempre presente nas argumentações destes médicos e médicas. Vejamos como se posiciona Ítala Oliveira sobre esta questão:

"Ainda esta modificação patológica se pode transmitir pela lei ordinária na hereditariedade e teremos aí o rastilho de degenerescências futuras, acompanhando todas as determinantes do gérmen, agora desviadas para o mesmo sentido. A intoxicação alcoólica,, afecções constitucionais como sífilis, tuberculose, etc. estão rotuladas no caso em apreço. A consanguinidade perpetrada é, por tal motivo, nefasta à espécie.[...] Para remediar tão incuráveis males individuais e coletivos mesmo, é mister a seleção da espécie pelo casamento efetivado com critério, prudência e inteligência (OLIVEIRA, 1927, p.156)."

A médica, inicialmente, deixa clara a sua preocupação em relação à transmissão, que acreditava ser hereditária, de algumas doenças ou vícios que tinham forte impacto social à época, notadamente pelo fato das mesmas serem incapacitantes, e em alguns casos mortais. E logo a seguir, explicita o papel da Educação Sexual no combate à transmissão dessas doenças:

"A educação sexual ensinará ao homem e à mulher que o amor, para ser a mais sincera expressão de beleza humana, não deve ferir a direitos sacrossantos de terceiros, nem os interesses razoáveis e justos da moral e da biologia. Às gerações do presente compete trabalhar para a realidade de tão justo anseio (OLIVEIRA, 1927 p. 158)."

Tratado da mesma questão, Hernani de Irajá destaca a responsabilidade para com as futuras gerações através da escolha dos casamentos na intenção da constituição de uma prole saudável como um legado a ser deixado para a humanidade:

“Saúde, força e beleza — é esse o inestimável tesouro que nos cabe transmitir aos filhos, ao lado de um nome limpo e honrado. [...] evitemos as propagações de taras, vícios, doenças. Os que vem ao mundo por nós não devem pagar pela nossa ignorância, pelos nossos erros (IRAJÁ, 1933 p. 125).”

Para tanto, o autor defendia o exame pré-nupcial:

“Os namorados de boa intenção, os que vão se tornar noivos, mesmo sob aspectos saudáveis, devem procurar o médico para o exame pré-nupcial. Em caso de dúvida quanto a blenorragia, a sífilis, a tuberculose, a lepra e etc..., sigam-se as prescrições médicas, procurando pelo laboratório os certificados negativos necessários (IRAJÁ, 1933 p. 126).”

Para José de Albuquerque, o exame pré-nupcial era necessário tanto para homens quanto para as mulheres, a fim de verificar a existência de doenças hereditárias ou adquiridas que poderiam ser transmitidas aos filhos.

“O exame pre-nupcial deve visar os indivíduos dos dois sexos, e, nem é lícito, se o compreender de outra forma, pois tanto o cônjuge do sexo masculino, como o do sexo feminino, podem se achar acometidos, de doenças transmissíveis aos descendentes, por herança ou contágio (ALBUQUERQUE, 1934 p.261).”

Entretanto este médico dava destaque ao exame nas mulheres de modo a conferir se estas apresentavam condições para gerar filhos saudáveis, mas também para manter a gravidez e realizar o parto sem riscos para o bebê. Como podemos notar no fragmento que segue:

“Por conseguinte, antes da mulher se casar, devem ser verificadas as suas condições de sanidade, meticulosa e escrupulosamente, a fim de se poder determinar, se ela se acha em condições, de poder desempenhar as altas e múltiplas funções que por ocasião da gestação lhe são reclamadas, o que não só trará resultado ao filho, como já vos demonstrei, como também proporcionará benefícios à própria mãe, que por essa forma salvará muitas vezes sua saúde e sua vida (ALBUQUERQUE, 1934 p. 268).”

A questão do exame pré-nupcial era pautada na defesa de um prole saudável que contribuisse para o engrandecimento da nação através do aprimoramento da raça. Nesse sentido, autoras como Matos (2000), Rago (2007), Freire (2008) abordam que a defesa desse exame, assim como outras medidas constituam elementos para garantir a função cívica da mulher, que era a execução de uma maternidade higiênica de modo a garantir uma prole igualmente sã, contribuindo dessa forma para o progresso da nação nos moldes da ideologia republicana.

Ciências Naturais e Biologia – Os lugares da Educação Sexual na escola:

É importante destacarmos, que as propostas de Educação Sexual defendidas por esse grupo de médicos e médicas, no Brasil e na Bahia do início do século XX, tem um caráter profundamente inovador ao indicar que a Educação Sexual deveria fazer parte do currículo escolar. O direcionamento dessas discussões para as disciplinas de História Natural e posteriormente Ciências Naturais e Biologia, como ocorre na contemporaneidade, começou a ser sistematizado naquele momento e acabou sendo incorporado ao currículo escolar ao longo do processo de constituição destas matérias escolares na Educação Básica²³. Em que pese as limitações que este modelo possui e as diversas críticas que vem sendo feitas nas últimas décadas, consideramos que a inclusão dessas discussões naquele momento como uma verdadeira revolução na educação. Haja vista que, a Educação Sexual fazia parte de um projeto de educação integral.

Dessa forma, Ítala Oliveira destacava que a Educação Sexual deveria iniciar na família e continuar na escola através da disciplina de Ciências Naturais:

"No lar a educação deverá ser individual, ministrada por pais hábeis e refletidos, se não cultos, inteligentes, antes do despontar do interesse genésico ou não, conforme a idade, o desenvolvimento intelectual e a força do instinto. Na escola ela será, tanto quanto possível, coletiva, iniciada pelo conhecimento das ciências naturais em animais ou plantas, acostumando-os aos fenômenos da reprodução que nada tem de vergonhoso; em etapas mais adiantadas a reprodução humana será estudada. E porque também o ensino secundário não há de advertir dos perigos das moléstias venéreas, à mocidade incauta (OLIVEIRA, 1927, p. 136)?"

Destaca também a importância da interação entre a escola e a família, e o papel dos médicos e médicas na Educação Sexual:

"Em resumo, só a ação conjugada da família e da escola poderá levar a cabo a educação sexual, e, quando a tática de uns e os conhecimentos de outros não forem suficientes, então, em preleções especiais o médico levará o seu auxílio, orientando, explicando (OLIVEIRA, 1927 p. 137)."

José de Albuquerque, que já havia destacado que as dúvidas infantis sobre sexualidade deveriam ser esclarecidas pelos pais, afirma que na

²³ Para maiores detalhes sobre a constituição histórica das disciplinas Ciências/Biologia ver MARANDINO; SELES; FERREIRA, 2009.

puberdade/adolescência estes temas devem ser aprofundados nos estudos de História Natural:

“Vencida a idade propriamente infantil, cabe aos mestres de permeio aos ensinios da história natural, ministrar aos alunos, quando se ocupam da função reprodutora, dos vegetais e dos animais inferiores, as noções básicas sobre a reprodução na espécie humana, naturalmente sem entrar em detalhes, que mesmo só poderiam ser dados a quem tivesse um estudo especial de anatomia e fisiologia sexuais, o que não é o caso dos estudantes de história natural (ALBUQUERQUE, 1934 p. 57-58).”

Apontando na mesma direção, Antônio Austregésilo, indica que a educação sexual deve ser iniciada ainda na escola primária, sempre destacando as informações científicas:

“Nos colégios primários e secundários, os professores e professoras devem sempre a propósito das lições de coisas, mostrar como as plantas, os animais e finalmente o homem, se reproduzem graças às duas leis predominantes na biologia: nutrição e reprodução (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 61).”

“Em dias de se cuidarem das plantas, serão tratadas as questões da sexualidade nos vegetais; a propósito da escala zoológica, tratar-se-á da reprodução nos insetos, nos peixes, nas aves, nos quadrúpedes e até no homem (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 62).”

Austregésilo defende ainda, que os esclarecimentos sobre a chamada “função sexual” deveriam ser dados para ambos os sexos e de forma clara e precisa, utilizando a linguagem científica.

*“É preciso falar com franqueza à criança e aos moços, da função sexual, da reprodução da espécie como fato biológico e social; é preciso falar **cientificamente**, sem acanhamento e sem mistério (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 81) (grifo nosso).”*

*“As explicações acerca da fecundação devem ser claras e exatas sem subterfúgios ou reticências. Os órgãos sexuais devem ser descritos muito naturalmente, o contato das células fecundantes, a maturação das mesmas células, a formação do embrião, a gestação, o feto, a maturidade e até a expulsão final. Tudo isso deve ser ministrado com a maior naturalidade, **sem obscurezas ou reticências, sem nenhum traço de obscenidade, sem nenhum pensamento dúbio e sobretudo, sem nenhuma nota de erotismo** (AUSTREGÉSILO, 1934 p. 82) (grifo nosso).”*

Nota-se no discurso desse médico e de outros da época uma forte adesão à linguagem e ao conteúdo científico com o objetivo de indicar a seriedade de suas propostas. Tal abordagem indicava a presença de certos procedimentos de controle dos discursos no sentido da produção de regimes de verdade capazes de regular as práticas socialmente aceitáveis. A utilização da linguagem científica autorizava a abordagem destes temas, pois não eram associados à pornografia ou ao erotismo.

Neste sentido, nas palavras de Foucault (2014) a *scientia sexualis*, praticada pelos médicos e médicas do final do século XIX e início do século XX, “Era também uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cuja classificação reiterou sob a forma de normas médicas (p.59-60)”. Ou seja, as prescrições sobre Educação Sexual, discutidas nesse capítulo, quando proferidas por médicos e médicas referendavam as normas e regras sociais que a população deveria seguir.

A ideia de uma Educação Sexual exercida pela família, pela escola e pela medicina, se materializou através dos enunciados apresentados nas teses, nos manuais e nos Boletins de Eugenia (números 1,9, 19, 22, 24 e 26) publicados no Rio de Janeiro no período de janeiro de 1929 a fevereiro de 1931), que versavam sobre esse tema. Dessa forma, essas produções definiam um regime de verdade que vinculava os comportamentos sexuais aos conhecimentos científicos produzidos no período.

Pode-se dizer que esse conjunto de produções – na forma de enunciados conceitos, práticas e prescrições –, que visavam regulamentar e orientar a Educação Sexual corroborou para erigir o campo da Educação Sexual na Bahia e no Brasil.

Segundo Bourdieu (2004), o campo, tanto científico, quanto literário, artístico ou jurídico, está inserido em uma estrutura social e com ela se relaciona, sendo, portanto, também um produto de seu contexto cultural. Entretanto, não se resume a isso e é regido por leis próprias, mesmo que estas, por sua vez estejam submetidas a leis sociais. Um aspecto importante na definição de um campo é a sua autonomia, que se traduz basicamente na capacidade de refratar e retraduzir pressões ou demandas do seu exterior. Dessa forma, o campo científico é assim descrito por Bourdieu (2004 p. 22-23):

Todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Pode-se, num primeiro momento, descrever um espaço científico ou um espaço religioso como um mundo físico, comportando relações de força, as relações de dominação.

Um campo é formado por agentes (instituições ou pesquisadores/as individualmente) e pelas relações objetivas entre eles. Estas últimas determinam o que os agentes podem ou não fazer (intervenções científicas, locais de publicação,

temas e objetos de pesquisa). Tal como aqui apresentado nas produções sobre Educação Sexual na Bahia e no Brasil.

Para compreendermos o funcionamento de um campo é importante entendermos a posição que cada agente ocupa e, portanto, como são definidas as hierarquias dentro deste mesmo campo. As hierarquias são constituídas a partir do capital científico de cada agente e definem a estrutura do campo: “[...] aquilo que define a estrutura de um campo num dado momento é a estrutura da distribuição do capital científico entre os diferentes agentes engajados nesse campo (BOURDIEU, 2004, p.26).”

[...] o capital científico é uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico [...]

Portanto, o capital científico dos autores aqui analisados está ancorado, inicialmente, na sua posição social como médicos e médicas e dentro do campo, na amplitude de circulação de suas produções sobre Educação Sexual assim como na variedade de escritos sobre o tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao consultarmos o acervo de obras raras da Biblioteca Central dos Barris, do Instituto Feminino e o acervo de teses da Faculdade de Medicina da Bahia, notamos que o número e a variedade de publicações que tratavam da Educação Sexual, diretamente nos seus títulos ou em seções específicas, era bem grande. Configurou-se dessa forma, que a Educação Sexual, era uma demanda social emergente no período pesquisado.

Dando sequência à pesquisa, no manuseio das fontes, identificamos alguns eixos comuns:

- A importância do esclarecimento sobre as funções sexuais e reprodutivas;
- O uso de uma linguagem clara e objetiva;
- A importância da Educação Sexual das mulheres;
- A importância da Educação Sexual ser iniciada na infância;
- O papel das mães na Educação Sexual de filhos e filhas;
- A abordagem científica, através de conceitos da medicina e da biologia, sobre o desenvolvimento da sexualidade;
- A produção de regras de conduta;
- A indicação da inserção da Educação sexual nas matérias escolares como: História Natural;

Outro aspecto importante, a ser destacado é que a Educação Sexual era discutida por médicos e médicas, que prescreviam ações que deveriam ser executadas pela família e pela escola. Neste sentido, as faculdades de medicina foram os locais onde essas discussões surgiram inicialmente. E, o fato dos médicos e médicas ocuparem papéis estratégicos na sociedade, como cargos administrativos, publicarem artigos em jornais e também ocuparem cargos no legislativo, fez com que essas discussões fossem ampliadas para a sociedade em geral. Outras contribuições importantes foram a necessidade de controle e prevenção de doenças venéreas, e a imposição de novos hábitos de higiene, visando a constituição de uma prole saudável, apta a colaborar com a construção da nascente república brasileira.

A análise das teses de Raul Brandão e Ítala Oliveira sobre a temática da Educação Sexual produzidas na FAMEB, no período anteriormente citado, suscitou reflexões importantes sobre as relações do médico e da médica com o movimento feminista da época, assim como o seu diálogo com autores nacionais e internacionais que também discutiam esse tema. Esta última situação, evidenciou a circularidade de ideias sobre sexualidade e Educação Sexual na Bahia, no Brasil e em diversos países europeus. As teses baianas citavam autores nacionais e internacionais, mostrando a atualização e o frequente diálogo entre estes médicos e médicas.

Embora a proposta deste trabalho não estivesse comprometida com a comparação entre as duas teses e os manuais, pudemos perceber algumas convergências e divergências tanto nas temáticas abordadas, quanto nas prescrições que viriam construir uma espécie de programa de Educação Sexual.

A obra de Ítala Oliveira apresenta um caráter explicitamente feminista refletindo todo o processo de luta pelos direitos políticos e sociais das mulheres naquele momento a partir da proposição uma educação integral que incluía a Educação Sexual.

Essa médica abordou a Educação Sexual dentro de uma perspectiva da educação feminina, importante bandeira do movimento feminista da época, justificando sua relevância a partir das mudanças sociais operadas pela inserção das mulheres no mundo social. Dentre as suas recomendações, estava a educação para a equidade entre homens e mulheres, que incluía a sua defesa da coeducação, princípio sobre o qual incidiam fortes resistências naquele momento, sobretudo dos setores mais conservadores da sociedade brasileira.

Outro aspecto bastante inusitado defendido por Ítala, foi o direito feminino ao prazer sexual, que, segundo suas proposições era essencial para um bom equilíbrio do casamento.

A médica também defendia a educação das mulheres para o trabalho, de modo que, caso a mulher não lograsse sucesso no casamento, pudesse prover o próprio sustento sem precisar recorrer à prostituição. A educação feminina, que incluía a Educação Sexual deveria preparar a mulher para exercer um papel social que não era restrito nem à maternidade e nem às futilidades relativas à cuidados estéticos. Entretanto os papéis de mãe e esposa não eram negados, e sim seriam melhorados por esse tipo de formação.

Diante destes aspectos, destaca-se que essa autora contribuiu para que a sociedade pudesse repensar as relações entre homens e mulheres tanto no âmbito do casamento e da família como em demais espaços sociais.

Dada a singularidade de suas contribuições, sua produção intelectual foi tomada como referência para compor o quadro das ideias em circulação, sobre a Educação Sexual, na Bahia e no Brasil nas primeiras décadas do século XX.

Nesse contexto, os saberes elaborados por esses médicos e médicas tiveram o mérito de trazer à tona debate sobre essa temática propondo sua institucionalização no contexto escolar. Expressaram com muita clareza essa discussão em teses, manuais e outros documentos com larga circulação à época. Ao colocar em pauta a importância de conhecimentos associados à vida sexual, para homens e mulheres desde a infância, como parte de uma educação integral essa autora e autores dimensionaram a sexualidade como aspecto fundamental da constituição da vida humana.

Em que pese a manutenção de valores da época tais como a destinação das mulheres para o casamento e a maternidade, ao propor que as matérias escolares inserissem em seus programas conteúdos sobre reprodução, doenças sexualmente transmissíveis, relação sexual, cuidados com o parto e amamentação, esse autores e a autora, estavam ampliando a educação escolar, em direção a uma formação mais integral do ser humano. É certo que havia também fortes restrições ao casamento e a reprodução de pessoas consideradas "degeneradas" e que poderiam transmitir moléstias aos seus descendentes comprometendo o projeto de nação saudável que era defendido por médicos, educadores e políticos da época.

Entretanto, um aspecto importante a ser destacado na abordagem da Educação Sexual da época em estudo, foi a questão do uso da nomenclatura científica para designar os órgãos e processo que envolvem a sexualidade, que representava claramente uma ideia de cientifização da sexualidade na busca de classificar as práticas sexuais, expondo aquelas definidas como anormais, perversas ou desviantes e estabelecendo como padrão as que eram consideradas saudáveis e produtivas. Desta forma, todas as práticas sexuais não reprodutivas foram excluídas e patologizadas.

As possibilidades de orientação homossexual ou bissexual não são referidas nesses textos, que tomavam como parâmetro a heterossexualidade. Da mesma forma as diferentes possibilidades de identidades de gêneros, que eventualmente

poderiam estar em dissonância com a identidade sexual, atestada pelos órgãos genitais, também foram invisibilizadas. Ou seja, existia um modelo de atividade sexual e também de papel sexual que era preconizado nestes manuais.

Em relação à educação das crianças, em que pese o mérito de ter apontado a necessidade da Educação Sexual se iniciar na infância, as prescrições médicas indicavam a vigilância e o controle dos corpos visando ajustar e emoldurar o exercício da sexualidade adulta, conformando-a ao modelo da heterossexualidade compulsória.

Quando correlacionamos os textos de livros de Ciências e Biologia contemporâneos com as teses, livros, boletins, artigos de jornais e outros textos sobre Educação Sexual difundidos nas primeiras décadas do século XX, notamos que a ideia do papel da mulher como mãe e esposa, que era preconizado nestes documentos, parece ter se perpetuado através desses textos atuais. Absorvidas do discurso médico da época, essas proposições parecem ter se inserido nos livros e outros materiais didáticos através da reprodução dos saberes médicos.

A forma como os materiais curriculares de ciências atuais representam o corpo feminino, o qual, na maioria das vezes, só aparece no capítulo sobre reprodução, revela um certo modelo de Educação Sexual assimilada, na medida em que apresenta a maternidade como função precípua da vida das mulheres. O corpo humano é representado sempre com referência ao masculino em todas as suas demais funções, com exceção da reprodução, que é essencialmente feminina. Em geral não existe nenhuma alusão ao prazer sexual, à diversidade de orientações sexuais, ou até mesmo aos diferentes tipos de família. O corpo feminino é apresentado como corpo reprodutivo. A ênfase no funcionamento dos aparelhos reprodutores, no combate à iniciação sexual precoce e às doenças sexualmente transmissíveis ainda é o principal, e praticamente único mote dos textos didáticos e de ciências e biologia na abordagem sobre sexualidade.

As propostas de Educação Sexual apresentadas por Ítala Oliveira e alguns outros autores da época, continham elementos muito mais avançados do que aqueles que foram incorporados ao longo do tempo pelos programas das disciplinas de Ciências ou mesmo pelos livros didáticos e outros materiais curriculares. A discussão sobre o prazer feminino proposta por Ítala, por exemplo, ainda encontra-se há anos-luz das discussões escolares. O conhecimento e a intimidade com os processos relativos à sexualidade e reprodução tão discutidos por esses médicos

foram relegados a meros conteúdos de Ciências apresentados, na maioria das vezes, sem a contextualização necessária e portanto sem causar maiores reflexões sobre a temática, ou mesmo sem conectar as reflexões e dúvidas dos/as estudantes com os conteúdos apresentados.

Entretanto, como pudemos observar no discurso de futuras professoras portuguesas²⁴ a respeito de ideias do médico Egas Moniz, sobre sexualidade/Educação Sexual existe uma permanência de conceitos relativos à masturbação (como prática “perniciosa”), às diferenças de papéis entre homens e mulheres (inclusive sexuais) e também um certo silenciamento em relação às pessoas LGBT. Assim como estas estudantes repercutiram conceitos e valores propostos no início do século XX em suas noções contemporâneas sobre Educação Sexual, embora também apresentem avanços, visto que já elaboraram um conceito de Educação Sexual que não se pauta somente em aspectos da biologia reprodutiva e do combate às DST, notamos que no Brasil os materiais didáticos ainda perpetuam alguns valores mais conservadores das propostas tão inovadoras apresentadas pelos médicos e médicas do início do século XX. Parece-nos então, que no campo das ideias sobre sexualidade e Educação Sexual convivemos com avanços e retrocessos.

Neste sentido, na perspectiva de contribuir para as discussões sobre a formação de professores no campo da Educação Sexual, consideramos que compreender o contexto histórico de produção de ideias sobre sexo/sexualidade que ainda se apresentam relevantes na atualidade, é fundamental para construirmos novas estratégias de atuação nessa área. Entender as rupturas e manutenções que esses médicos e médica empreenderam no cenário político e social de sua época, nos dá a dimensão do quão complexos são estes processos, oferecendo-nos a possibilidade de um olhar mais generoso sobre os nossos desafios contemporâneos.

Ao elegermos as ideias de Ítala Oliveira, e sua perspectiva feminista, como referência para apresentar o panorama da Educação Sexual, referendamos as significativas contribuições desse movimento para as transformações sociais das relações entre os gêneros, e nesse sentido, para vivências de sexualidade mais satisfatórias e plurais. Portanto, as contribuições desta tese se inserem no campo da

²⁴ Resultados apresentados no artigo “A Educação Sexula na perspectiva do médico português Egas Moniz (1901): impacto nas concepções de futuras docentes portuguesas” (no prelo) a partir do trabalho realizado no estágio sanduíche, na Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC).

História das Ciências com contribuições para o Ensino das Ciências, mais especificamente na área da formação docente.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, J. **Educação sexual**. Rio de Janeiro: Calvino Filho Editor, 1934.

ALMEIDA, A. M. A. Lívio de Castro e um outro olhar sobre a mulher no século XIX. **XXIV Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História – ANPUH**, São Leopoldo-RS, 2007. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0768.pdf>. Acesso em 22/03/15.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

AUSTREGÉSILO, A. **Conduta sexual**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Waisseman Koogar Ltda, 1934.

BARRETO, R. Corpo de mulher: A trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n 34, p.127-156, 2001. Editora da UFPR.

BARRETO, M. R. N. Assistência ao nascimento na Bahia oitocentista. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v 15, n.4, p.901-925, out.-dez., 2008.

BATISTA, R. s. **Mulheres livres**: uma história sobre prostituição, sífilis, convenções de gênero e sexualidade. Salvador: EDUFBA, 2014.

BERTOLETE, J. M. Egas-Moniz: Uma vida dupla. **Arq.Neuropsiquiatr.** 73 (10):885-886, 2015.

BOLETIM DE EUGENIA Nº 1 – Janeiro de 1929.

BOLETIM DE EUGENIA Nº 9 – Setembro de 1929.

BOLETIM DE EUGENIA Nº19 – Julho de 1930.

BOLETIM DE EUGENIA Nº 22 – Outubro de 1930.

BOLETIM DE EUGENIA Nº 24 de dezembro de 1930.

BOLETIM DE EUGENIA Nº 26 de Fevereiro de 1931

BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEUR, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEUR, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação de temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRANDÃO, R. M. CASTILHO. Breves considerações sobre a Educação Sexual. 1910. . Tese, 75 fls, Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1910.

BUENO, F. S. Dicionário escolar da língua portuguesa. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1981.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento – I**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento – II**: da enciclopédia à weekpédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CANGUILHEM, Georges **O normal e o patológico**. Tradução: Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Otávio F. Barreto Leite. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARULA, K. Perigosas amas de leite: aleitamento materno, ciência e escravidão em *A Mãe de família*. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, supl., p. 197-214, dez. 2012.

CARRARA, S. Geopolítica simbólica da sífilis: Um ensaio de antropologia histórica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, III (3): 391-408. Nov. 1996 – Feb. 1997.

CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONCEIÇÃO, J. T. Vício solitário. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. 10: 112, pp. 50-53, Janeiro de 2015.

COSTA, A. A.; BRANDÃO, J. S. In: MOTTA, A. B.; SARDENBERG, C; GOMES, M. (Org.) **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

COSTA, A. A.; CONCEIÇÃO, H. As mulheres na “Revolta dos resignados”: A greve do professores municipais em 1918. In: SARDENBERG, C.; VANIN, I. M.; ARAS, L. B. (Org.) **Fazendo Gênero na Historiografia Baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001.

COSTA, A. A. A. Lili Tosta e os Fundamentos do Feminismo Baiano. In: SILVA, M. D.; NERY, I. S. (Org.) **Cenários e personagens plurais**: estudo de gênero do 9º Encontro da REDOR. Terezina: NEPEM/UFPI. 2002. p.276-293.

CRUZ, I. S. **Sexualidade tem som?** Vivências de adolescentes surdos. 2003. 51f. Monografia (Especialização em Sexualidade Humana) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro-RJ, 2003.

_____ **Educação Sexual e Ensino de Ciências:** dilemas enfrentados por docentes do ensino Fundamental. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Salvador:UFBA/UEFS, 2008.

CRUZ, I. S.; TEIXEIRA, F.; QUADRADO, R. A educação sexual na perspectiva do médico português Egas Moniz (1901): impactos nas concepções de futuras professoras portuguesas. In: VILHAÇA, T.; ROSSI, C.; RIBEIRO, P. (Eds.) **Investigação na Formação e Práticas Docentes na Educação em Sexualidade:** contributos para a Igualdade de Género, Saúde e Sustentabilidade. p.27-37. Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança do Instituto de Educação da Universidade do Minho (no prelo).

DARWIN, C. **A origem do homem e a seleção sexual.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.

DEL PRIORI, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil.** 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____ **Histórias íntimas.** São Paulo: Planeta, 2011.

DESMOND, A.; MOORE, J. **Darwin:** a vida de um evolucionista atormentado. 6ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2009.

D'INCAO, M. A. Mulher e a família burguesa. In: Del Priori, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

DUBY, G. **Amor e sexualidade no ocidente.** Mem Martins Codex-PT: Terramar, 1991.

EGAS-MONIZ, A. C. A. F. **A Vida sexual I – Physiologia.** Coimbra-PT: França Amado Editor, 1901.

EGAS-MONIZ, A. C. A. F. **A Vida sexual II – Pathologia.** Coimbra-PT: França Amado Editor, 1902.

ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORI, M. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto – Unesp, 2008. p. 322-361.

EZABELA, A. **Hernani de Irajá:** arte e ciência de um sexólogo brasileiro. Dissertação de mestrado. Programa de Estudo Pós-graduados em Psicologia Social da Pontífice Universidade Católica de São Paulo. 2010. Disponível em: <http://www.osexonu.com.br/Texto/ArquivosParaDownload/iraja.pdf> último acesso em 17/08/14

Histórico da Faculdade de Medicina da Bahia. Disponível em: http://www.fameb.ufba.br/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=73 Acessado em 22/09/2015.

FAUSTO-STERLING, A. *Cuerpos sexuados: La política de gênero y la construcción de la sexualidad*. Barcelona: Editorial Melusina, 2006.

FELÍCIO, L. Um projeto de Educação sexual para o Brasil: O Círculo Brasileiro de Educação sexual (1933-1945). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, Julho de 2011.

FERREIRA FILHO, A. H. **Salvador das mulheres**: condição feminina e cotidiano popular na *Belle Époque* imperfeita. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.UFBA. Salvador. 1994.

FINE, C. Homens não são de Marte e mulheres não são de Vênus: como nossa mente, a sociedade e o neurosexismo criam a diferença entre os sexos. São Paulo: Cultrix, 2012.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____ *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____ *A História da Sexualidade. Vol1. A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, M. M. de L. 'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, Suppl., p.153-171, jun 2008.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política: Sergipanas no início do século XX**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas-SP, 2003.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

GIROUX, Henry. **Atos impuros**. Porto Alegre: Artmed 2003.

HAHNER, J. Escolas mistas, escolas normais: coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Revista Estudos Feministas** 19(2): 336, maio-agosto, 2011.

HOBBSAWM, E. J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HUBBARD, R. Algumas idéias sobre a masculinidade das Ciências Naturais. In: GERGEN, M. (ed), **O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: Brasília: Edunb, 1993, p. 21-36

IRAJÁ, H. **Sexualidade Perfeita**. Rio de Janeiro: Livraria e editora Freitas Bastos, 1933.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: Corpo e gênero dos gregos à Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE, M. M. S. B. As damas da caridade: sociabilidades femininas na Bahia republicana. In: SARDENBERG, C. M. B.; VANIN, I. M.; ARAS, L. M. B. **Fazendo gênero na historiografia baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001 p.89-104.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. (Org.) **O corpo Educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: Del Priori, M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MANTEGAZZA, P. **Physiologia do prazer**. Tradução de Visconti coaraci. Rio de Janeiro: B.L. Garnier Livreiro Editor, 1854.

_____ **Physiologia do amor**. Tradução Visconti Coaracy. Rio de Janeiro: Garnier, 1874.

_____ **O problema do casamento**: a arte de escolher a esposa e a arte de escolher o marido. Tradução Candido de Figueiredo. Lisboa: Tavares Cardoso, 1898.

_____ **Physiologia da mulher**. Tradução de Candido Figueiredo. Lisboa: Tavares de Macedo, 1900.

_____ **Hygiene do amor**. Tradução de J. A. Bentes. Lisboa-PT: Livraria e editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903.

_____ **Psicologia feminina**; a proletária, a burguesa e a aristocrata. Tradução de Joaquim dos anjos. Porto: Santos Vieira, 1910.

_____ **Uma página de amor**; um dia na Madeira. Tradução da 24ª ed. Italiana por Henrique Braga. Lisboa: Empresa Fluminense, 1911.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia**: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTIN, E. **A mulher no corpo**. São Paulo: Garamond, 2006.

MATHEWS, M. R. História, Filosofia e Ensino de Ciências: a tendência atual de reaproximação. **Cadernos Catarinenses de Física**, Vol. 12(3): 164-214, dez. 1995.

MATOS, M. I. Em nome do engrandecimento da nação: Representação de gênero no discurso médico – São Paulo (1890-1930). **Diálogos**, DH/UEM, v. 4, n.4:77-92, 2000.

MEIRELLES, N. S.; SANTOS, F. C.; OLIVEIRA, V. L. N.; LEMOS-JUNIOR, L. P. ; TAVARES-NETO, J. Teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928. **Gazeta Médica da Bahia**, 74(1) Jan-Jun: 9-101, 2004.

MELO, E.; FREITAS, J. M.; FERREIRA, V. M. Representações de gênero: Abordagem histórica. In: FAGUNDES, T. C. P. C. (Org.) **Ensaio sobre gênero e educação**. Salvador: UFBA, 2001.

MORUNO, D. M. Love in the time of Darwinism: Paolo Mantegazza and the emergence of the sexuality. **Medicina & Storia**, X, 2010, pp. 147-164. Disponível em <http://fupress.net/index.php/mes/article/view/9778/9090> Último acesso em 17/08/14

OLIVEIRA, I. S. **Da Sexualidade e da Educação Sexual**. 1927. 210 f. Tese. Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1927.

ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RAGO, E. J. **Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

ROCHA, Simone. A educação como ideal eugênico: O movimento eugenista e o discurso educacional no Boletim de Eugenia 1929-1932. **Caderno de Pesquisa: Pensamento Educacional** Vol. 3 nº 13 p.162-177, mai-ago., 2011 http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/pdfs/cad_pesq13/11%20a_educacao_cp13.pdf.
Acessado em 13/01/14

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

_____. **A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

_____. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, ciência, saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. p. 133-152, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000500007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 28 out. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000500007>.

RUSSO, J.; CARRARA, S. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, Vol. 9(2) pp. 273-290 May – Aug. 2002.

SANTOS, F. M. S. Educação Sexual na escola: inovação curricular ou repressão das sexualidades. **Humanidades e inovação**, Palmas, v.2, n.2, Jan./Jul. 2015.

Disponível em

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/18> Acesso em 30/10/2017.

SECRETO, M. V. Maldita leitura. **História Unisinos**, v. 9, n. 3, p. 211-217, 2005.

SEIXAS, A. A. A.; MOTA, A.; ZILBREMANN, M. L. A Origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu contexto histórico. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 31(1):82, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v31n1/v31n1a15.pdf> Acesso em 19/10/2015.

SCHIEBINGER, L. O feminismo mudou a ciência? Bauru-SP: EDUSC, 2001.

SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. Petrópolis-Rj: Vozes, 2014.

SOUSA, Vanderlei Sebastião (2005). A Eugenia no Brasil: Ciência e Pensamento Social no movimento eugenista brasileiro do entre-guerras. **Anais do XXIII Simpósio Nacional da ANPUH**. Acessado em 26/06/14 de <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1587.pdf>

SPENCER, H. **Da educação moral, intelectual e física**. Porto: Tavares Cardoso & Irmãos, 1886.

STEARNS, P. **História da Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

STEPAN, Nancy L. (2005). **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

TANNAHIL, R. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

TAVARES, L. H. D. História da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2008.

TEIVE, H. A. G. et al. Professor Antonio Austregésilo: O pioneiro dos estudos da neurologia e distúrbios do movimento no Brasil. **Arq. Neuropsiquiatria**, 57(3B), p. 898-902, 1999.

TITO LIVIO DE CASTRO http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_castrotito.html Acesso em 22/03/15

TOLEDO, E. T. **A vida sexual (1901-1933) de Egas Moniz [manuscrito]**: um discurso médico-científico sobre os corpos sexuados. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. 158f. 2015.

VANIN, I. M. A produção intelectual das médicas formadas na Bahia: O feminismo na tese de Ítala Oliveira. Anais eletrônicos do **Seminário Internacional Fazendo Gênero 9**. Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

VANIN, I. M. **As damas de branco na biomedicina baiana (1879-1949)**: Médicas, farmacêuticas e odontólogas. 258 f. 2008. Tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA.